



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**MULHERES COM DEFICIÊNCIA: CORPOREIDADES E EXPERIÊNCIAS COM A
DOR NO VOLEIBOL SENTADO**

MARIA DENISE DOURADO DA SILVA

BRASÍLIA – DF

2022

**MULHERES COM DEFICIÊNCIA: CORPOREIDADES E EXPERIÊNCIAS COM A
DOR NO VOLEIBOL SENTADO**

MARIA DENISE DOURADO DA SILVA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB) em cumprimento às exigências para obtenção do título de Doutora em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dulce Maria Filgueira de Almeida.

BRASÍLIA – DF

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS586m SILVA, MARIA DENISE DOURADO DA
MULHERES COM DEFICIÊNCIA: CORPOREIDADES E EXPERIÊNCIAS
COM A DOR NO VOLEIBOL SENTADO / MARIA DENISE DOURADO DA
SILVA; orientador Dulce Maria Filgueira de Almeida. --
Brasília, 2022.
132 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Educação Física) --
Universidade de Brasília, 2022.

1. Corporeidade. 2. Mulheres com deficiência; . 3. Dor .
4. Voleibol Sentado. I. Almeida, Dulce Maria Filgueira de ,
orient. II. Título.

MULHERES COM DEFICIÊNCIA: CORPOREIDADES E EXPERIÊNCIAS COM A DOR NO VOLEIBOL SENTADO

MARIA DENISE DOURADO DA SILVA

Esta tese de doutorado foi julgada adequada para obtenção do Título de “doutora” e aprovada em sua forma final pelo Curso de Educação Física

Tese aprovada em 04 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida
Presidente

Prof. Dr. Natan Monsores de Sá
Examinador interno

Prof^ª. Dra. Ana Paula Salles da Silva
Examinadora externa

Prof. Dr. Adriano Jabur Bittar
Examinador externo

Prof^ª. Dra. Júlia Aparecida Devidé Nogueira
Membro Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas com deficiência porque essas entendem o suficiente de dor, de constrangimento e de estigma e, em especial, às jogadoras da ADAP, que, com honestidade, confiaram a mim suas biografias e me concederam a oportunidade de conhecer suas experiências e examinar minhas próprias atitudes. Possibilitou-se, assim, que eu pudesse assumir o compromisso político-social com as questões que as afetam, tentar resguardar seus direitos e dar minha colaboração acadêmica. Acima de tudo, faço uma homenagem póstuma a minha irmã Maria Augusta Dourado, com quem tive a oportunidade de ter as primeiras experiências com a diferença corporal e compreender as dificuldades que o espectro sociopoliticocultural impõe em suas vidas e me ajudaram a compreender que a responsabilidade por um mundo melhor é igualmente de todas as pessoas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que, de maneira particularmente conciliadora, colocou à minha disposição todas as oportunidades de crescimento.

À equipe da ADAP, minhas flores, pelas contribuições, pela acolhida e pela generosidade que fizeram com que esta pesquisa fosse possível de ser realizada.

À minha família, especialmente a minha mãe, professora Marly Santos Dourado, que tanto se dedicou à educação brasileira e me dirigiu ao magistério com suas influências. À tia Leika, pelas correções de português e dicas. À tia Nely, pelo incentivo e apoio. A minha irmã Cristina, pelo companheirismo e pela colaboração na realização das fotografias utilizadas como recurso acadêmico. Também, postumamente, a meu irmão Silvio José Dourado, que me apresentou o divertimento no contexto do voleibol. E, em especial, ao meu amado esposo, Élzio Vicente da Silva, pelo seu envolvimento intelectual que tanto me impulsionou.

À querida amiga Darti, cuja interlocução abriu caminho para contribuições de Pieter Joon e Tammo van der Scheer na Holanda.

Agradeço a Tammo van deer Scheer, um dos criadores da modalidade, honrada por sua contribuição neste trabalho.

Agradeço a Ronaldo Gonçalves de Oliveira por disponibilizar as informações sobre o processo de introdução do voleibol sentado no Brasil, protagonizado pelo próprio professor.

Minha gratidão a Pieter Joon, também criador e primeiro presidente da organização mundial da modalidade (WOVD), pelas valiosas informações fornecidas. Suas ações para a colocação do voleibol sentado no cenário internacional, inclusive na parolimpíada, e sua disponibilidade para relatar os primórdios da modalidade demonstram que seu compromisso e seu esforço em prol da difusão dessa prática corporal permanecem vivos e seguem na direção do futuro.

Aos colegas do NECON que, com generosidade, auxiliaram na qualificação do projeto de pesquisa e favoreceram o amadurecimento intelectual tão necessário ao desenvolvimento deste trabalho.

De modo especial, agradeço à minha orientadora, Dulce Maria Filgueira de Almeida, pelo estímulo, pela orientação, pelo companheirismo e, principalmente, pela paciência com minhas dúvidas, que foram muitas.

Piés, para qué los quiero si tengo alas pa' volar?

Frida Kahlo

RESUMO

A presente tese se insere no campo de estudos das práticas corporais e tem por objeto a compreensão das corporeidades de mulheres com deficiência praticantes de voleibol sentado, inscrevendo-se em um conjunto de pesquisas sobre a temática da corporeidade do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza da Universidade de Brasília. Justifica-se considerando que, como apontam estudos precedentes (KWOK, 2012; SILVA, 2013; KIUPPIS, 2018), a relação do corpo da pessoa com deficiência com as práticas corporais esportivas é apontada como fundamental, sobretudo por estimular sua ativa participação em busca de oportunidades e como forma de se recolocar no mundo, ao tempo em que contribui para deflagrar seus processos de socialização ou interação social. Diante do objeto apresentado, nosso problema de pesquisa foi sistematizado na seguinte questão: quais são os sentidos e significados manifestados nas corporeidades das mulheres com deficiência, suas relações com a dor e como se constituem seus processos de interação social por intermédio da prática corporal voleibol sentado? O estudo teve como objetivo geral compreender os sentidos e significados atribuídos pelas mulheres com deficiência, atletas de voleibol sentado, às suas corporeidades. Especificamente, pretendeu-se: (a) descrever como se construiu, historicamente, a prática corporal voleibol sentado, considerando a dinamicidade das regras do jogo, suas propriedades como um sistema adaptativo complexo e a virada biográfica decorrente da inserção/participação de mulheres com deficiência ao se tornarem jogadoras dessa modalidade paradesportiva; (b) interpretar a corporeidade de mulheres praticantes de voleibol sentado acerca de seus corpos e potencialidades em relação às dimensões intersubjetivas e sociais, isto é, a relação consigo, com o outro e com o mundo, a partir da imagem corporal; e (c) identificar na experiência da corporeidade desse grupo de mulheres com deficiência sua relação com as sensações, particularmente com a dor. O aporte teórico foi delineado com base na perspectiva de autores como Le Breton (2012, 2013, 2013a), Csordas (2008), Ferreira (2013, 2017), Nóbrega (2019), Gonçalves (1994) e Shilling (2007), que são utilizados na análise de cada capítulo em razão do formato que se convenciou utilizar para esta tese. A pesquisa, com abordagem qualitativa, pautou-se pelo estudo de campo, realizado em uma associação voltada a pessoas com deficiências em Goiás, Brasil. O grupo investigado foi composto por nove mulheres, cujas deficiências atendiam a diferentes critérios, conquanto todas elas integrantes de uma equipe de voleibol sentado. Os procedimentos de pesquisa compreenderam a observação participante; relato de experiências; história de vida; questionário socioeconômico e entrevistas com roteiro flexível. A pesquisa foi realizada entre janeiro de 2020 e outubro de 2021. Em razão do contexto da pandemia decorrente da Covid-19, a investigação ocorreu de forma híbrida, sendo que parte da obtenção de informações se deu de forma presencial e parte ocorreu virtualmente, por meio de videoconferências, mensagens por correio eletrônico e uso de aplicativos de comunicação (*WhatsApp, Instagram, Facebook, Messenger*). O voleibol sentado é uma criação humana situada no tempo e no espaço, sendo modificada da atenção às necessidades fisioterapêuticas para uma modalidade paralímpica, com necessidade de aquisição de técnicas corporais que propiciam a atuação em um ambiente dinâmico em prol dos objetivos coletivos, promovendo uma virada ontológica na experiência das corporeidades dessas mulheres. Esses corpos com deficiência refutam as representações sociais estigmatizadoras a eles endereçadas e, por intermédio do voleibol sentado, passam a experimentar um divertido contraponto à lógica da incapacidade corporal. Essas

corporeidades foram forjadas por sensações dolorosas (impostas e desejadas) em variadas circunstâncias e experiências. Concluimos que as corporeidades dessas mulheres são marcadas por aspectos multidimensionais e (re)definidas e ampliadas no dialético universo esportivo, apontando o aspecto paradoxal da dor como um objeto de reflexões e aprofundamentos em suas experiências como praticantes de voleibol sentado diante da singularidade e da potência criativa de seus corpos. Os sentidos e os significados desses corpos são produzidos em um fluxo contínuo mediante as experiências cotidianas com o esporte e seu entorno, com a dor e com os outros, como um fenômeno que se estabelece entre o individual e a esfera social e manifestado nas e pelas corporeidades de cada uma das participantes desta pesquisa.

Palavras-chave: Corporeidade; mulheres com deficiência; dor; voleibol sentado.

ABSTRACT

The present thesis is part of the field of studies of bodily practices and has as its object the understanding of the embodiments of women with disabilities who practice sitting volleyball, being part of a set of research on the theme of embodiment of the Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza from the University of Brasilia. It is justified considering that, as previous studies point out (KWOK, 2012; SILVA, 2013; KIUPPIS, 2018), the relationship between the body of the person with a disability and physical sports practices is considered fundamental, mainly because it stimulates their active participation in search of opportunities and as a way of repositioning themselves in the world, while contributing to trigger their socialization or social interaction processes. In view of the presented object, our research problem was systematized in the following question: what are the senses and meanings manifested in the embodiments of women with disabilities, their relationships with pain and how their processes of social interaction are constituted through the body practice sitting volleyball? The study had as general objective to understand the senses and meanings attributed by women with disabilities, sitting volleyball athletes, to their embodiments. Specifically, it was intended to: (a) describe how the sitting volleyball body practice was historically constructed, considering the dynamics of the rules of the game, its properties as a complex adaptive system and the biographical turn resulting from the insertion/participation of women with disabilities by becoming players of this parasports modality; (b) interpret the embodiment of women who practice sitting volleyball about their bodies and potentialities in relation to intersubjective and social dimensions, that is, the relationship with themselves, with others and with the world, based on body image; and (c) identify in the experience of of this group of women with disabilities its relationship with sensations, particularly with pain. The theoretical contribution was designed based on the perspective of authors such as Le Breton (2012, 2013, 2013a), Csordas (2008), Ferreira (2013, 2017), Nóbrega (2019), Gonçalves (1994) and Shilling (2007), who are used in the analysis of each chapter due to the format agreed to be used for this thesis. The research, with a qualitative approach, was based on the field study, carried out in an association focused on people with disabilities in Goiás, Brazil. The investigated group consisted of nine women, whose disabilities met different criteria, although all of them were members of a sitting volleyball team. The research procedures comprised participant observation; report of experiences; life history, socioeconomic questionnaire and flexible script interviews. The research was carried out between January 2020 and October 2021. Due to the context of the pandemic resulting from Covid 19, the investigation took place in a hybrid way, with part of the obtaining of information taking place in person and part taking place virtually, through of videoconferences, messages by e-mail and use of communication applications (WhatsApp, Instagram, Facebook, Messenger). Sitting volleyball is a human creation situated in time and space, being modified from attention to physical therapy needs to a Paralympic modality, with the need to acquire body techniques that provide performance in a dynamic environment in favor of collective goals, promoting a turnaround ontological in the experience of the embodiment of these women. These bodies with disabilities refute the stigmatizing social representations addressed to them and, through sitting volleyball, begin to experience a fun counterpoint to the logic of bodily incapacity. These embodiments were forged by painful sensations (imposed and desired) in varied circumstances and experiences. We conclude that the

embodiments of these women are marked by multidimensional aspects and (re)defined and expanded in the dialectical sports universe, pointing out the paradoxical aspect of pain as an object of reflection and deepening in their experiences as sitting volleyball practitioners in the face of singularity and creative power of their bodies. The senses and meanings of these bodies are produced in a continuous flow through everyday experiences with sport and its surroundings, with pain and with others, as a phenomenon that is established between the individual and the social sphere and manifested in and through corporeities of each of the participants of this research.

Key words: Embodiment; Women with disabilities; Pain; Sitting Volleyball.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O grupo social da ADAP

Figura 2 – Estreia do voleibol sentado

Figura 3 – Prática do voleibol sentado

Figura 4 – Detalhes das pernas da atleta

Figura 5 - Tatuagem

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características sociodemográficas das pesquisadas

Quadro 2 – Informações dos entrevistados

LISTA DE ABREVIATURAS

ADAP – Associação dos Deficientes de Aparecida de Goiânia

BNMO – Bond Nederlandse Militaire Oologs

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CBVD – Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisas

COVID-19 – Corona Virus Disease 1919

FEF – Faculdade de Educação Física

FIVB – Federation International Volleyball

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICC – International Coordinating Committee

IFSD – International Fund Sports for Disabled

IPC – International Paralympic Committee

ISMGF – International Stoke Mandeville Games Federation

ISOD – International Sports Organisation for the Disabled

KIS – Kennemer Invaliden Sportclub

NECON – Núcleo de Estudos Corpo e Natureza

NEVOBO – Nederlandse Volleybal Bond (Associação Holandesa de Voleibol)

NOC – National Olympic Committee

NSF – National Sport Federation

ONU – Organização das Nações Unidas

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TRADEF – Trabalho de Apoio ao Deficiente

UnB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

VS – Voleibol Sentado

WPV – World Paralympic Volleyball

Sumário

1 Introdução.....	16
2 Aspectos metodológicos da pesquisa	29
2.1 O lugar de fala: uma pesquisadora ex-atleta de voleibol	29
2.2 Abordagem e modelo do estudo	31
2.3 Procedimentos da pesquisa	32
2.4 ADAP, nosso campo de pesquisa.....	35
2.5 Participantes da pesquisa	38
2.6 Procedimentos de análise dos dados.....	43
2.7 Cuidados éticos da pesquisa	44
3 Mulheres com deficiência jogadoras de voleibol sentado: entre a corporeidade e o esporte	46
3.1 Aspectos históricos do voleibol sentado.....	50
3.3 As regras do jogo.....	58
3.3 O voleibol sentado como sistema adaptativo complexo	67
4 Da anatomia à sociologia: a corporeidade de mulheres jogadoras de voleibol sentado	72
4.2 Corporeidades demarcadas.....	78
5 A corporeidade e a experiência da dor.....	84
5.1 Mulheres jogadoras de voleibol sentado: por que têm história de dor para contar	88
5.2 Os significados da dor	90
5.3 Dor, membro fantasma e os sentidos da mutilação.....	97
5.4 Corpo com deficiência e os processos de interação no e pelo esporte	102
Considerações finais.....	106
Referências	114
Apêndice 1 – Entrevista semiestruturada.....	124
Apêndice 2 – Questionário sociodemográfico	125
Apêndice 3 – Questionário aberto.....	126
Apêndice 4 – Questionário aberto.....	128
Apêndice 5 – Questionário aberto.....	129

1 INTRODUÇÃO

Nosso corpo é a única coisa no mundo que normalmente não experimentamos como um objeto, mas experimentamos sempre em termos do mundo para o qual nós estamos atendendo a partir de nosso corpo¹.

Michael Polanyi

A relação do corpo da pessoa com deficiência com as práticas corporais esportivas é apontada por estudos precedentes como fundamental, sobretudo por estimular sua ativa e voluntária participação em igualdade de oportunidades e como forma de se recolocar no mundo, ao tempo em que contribui igualmente para deflagrar seus processos de socialização ou interação social (KWOK, 2012; SILVA, 2013; KIUPPIS, 2018). A partir desse ponto de vista, a presente tese tem por objetivo compreender os sentidos e os significados atribuídos pelas mulheres com deficiência, praticantes de voleibol sentado às suas corporeidades e suas relações com as experiências de dor, considerando seus processos de construção do corpo no universo esportivo e como se dão suas interações sociais. Nosso recorte se deu a partir da perspectiva de como essas mulheres vivenciam suas corporeidades em sua prática corporal.

Este estudo situa-se no lastro de outros já desenvolvidos ou em andamento pelo Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza (NECON), grupo de pesquisa cadastrado na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) da Universidade de Brasília. Esse grupo conta com investigações desenvolvidas sobre o corpo e a corporeidade entrelaçadas com temáticas de gênero, culturas tradicionais e estudos teóricos que visam ao aprofundamento conceitual das categorias com significados relevantes para as investigações dos integrantes do grupo.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 23,9% da população nacional se declaram com alguma deficiência, totalizando 45,6 milhões de brasileiras e brasileiros (IBGE, 2010). Apesar de esses dados se revelarem

¹ Tradução nossa. POLANYI, Michael. **The Tacit Dimension**. The University of Chicago Press, 2009 [1966]), p. 16.

significativos e contribuir para demonstrar que pesquisas que versem sobre essa temática sejam realizadas, eles não conseguem exprimir quais os sentidos ou significados que os corpos com deficiência apresentam.

Em todo o mundo, as evidências mostram que a população de pessoas com deficiência tende a aumentar, dada a incidência de pessoas que envelhecem, somadas a outras causas como o aumento global de doenças como diabetes, cardiovasculares, câncer, distúrbios mentais, acidentes de trabalho e de trânsito. O Relatório Mundial sobre a Deficiência apresenta um total de mais de um bilhão de pessoas nestas condições, entre essas, aproximadamente, 200 milhões “experimentam dificuldades funcionais consideráveis” (WORLD REPORT ON DISABILITY, 2011).

O paradigma da deficiência definido na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência está alinhado ao modelo de avaliação biopsicossocial da deficiência e foi adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2006, como um problema social. Esse conceito está em evolução, pressupondo a dinamicidade conceitual e a sua correlação com tempos históricos e espaços – contextos socioculturais – diversos. A mesma convenção também ressalta que se deve atentar para os processos de interação social das pessoas com deficiência e para a eliminação de barreiras atitudinais, culturais e as existentes no meio. E tudo isso com o propósito de fomentar a inserção dessas pessoas nos diversos ambientes, buscando constantemente a plena e efetiva participação dessa parcela da população em igualdade de oportunidades com os demais integrantes da sociedade.

Considerando o direito ao esporte, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) divulgou, em 1978, a Carta Internacional de Educação Física e Esportes, que reconhece o esporte contemporâneo como um direito inalienável. Tem como base o direito à participação de todas as pessoas ao acesso e à prática do esporte como forma de assegurar o desenvolvimento da pessoa humana e sua dignidade, satisfazendo as necessidades individuais e sociais.

Compreendemos que os estudos alusivos ao corpo de mulheres com deficiência manifestado na prática corporal voleibol sentado caracterizam um meio

de produção de conhecimento, fortalecendo a discussão por seu reconhecimento e para aproximação de questões que afetam essa parcela da população, uma vez que constitui prática social que transcende o universo esportivo. Esses trabalhos científicos também dizem respeito a um modo de apreensão das corporeidades de mulheres com deficiência numa dimensão social, o que lhe confere seu caráter político. Portanto, a prática corporal em destaque consiste em um evento coletivo que expressa a corporeidade humana e revela a diversidade corporal manifestada no universo esportivo.

Desse modo, podemos identificar a existência de esforços da comunidade internacional na realização de eventos (convenções, conferências, encontros, congressos) e na elaboração de documentos, abrindo espaço para que sejam utilizados como referências na proteção de direitos humanos universais e de liberdades fundamentais das pessoas com deficiência, acabando por influenciar o desenvolvimento de legislação local (leis, decretos, portarias, resoluções, estatutos, avisos).

Destacamos aqui a perceptível influência de tratados, pactos e convenções assinados pelo Brasil (Declaração de Salamanca, 1994) e a internalização do texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Nova Iorque, EUA, 2006, aberta para assinatura em 30 de março de 2007) pelo Senado Federal, via Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008. Essas normas confirmam que compromissos assumidos nas esferas nacional e internacional são orientadores da necessidade de superação da situação atual e requerem implementação de ações alicerçadas em planejamento e estratégias intersetoriais, as quais, atualmente, são estabelecidas pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015), que trata da inclusão da pessoa com deficiência em todos os atos da vida social.

Notadamente, apesar de sua importância sob o ponto de vista do estabelecimento de leis, tratados e convenções em âmbito nacional e internacional, não foram identificados estudos na perspectiva da corporeidade, englobando o corpo de mulheres e o tema da deficiência no Brasil. Esse conjunto contribui para dar relevância social e justificar a presente investigação.

Com esse enfoque, realizamos buscas no portal de periódicos da Capes², na Web of Science – projetada para apoiar pesquisas científicas e acadêmicas em todas as áreas – e Scopus, maior banco de dados de literatura científica, e não identificamos artigos sobre a temática com a mesma abordagem. Para a realização do levantamento, foram usados os descritores “corpo*” OR “deficiência*” AND (utilizado operador booleano para restringir a pesquisa) “mulher*” OR “esporte*”. As “aspas” foram utilizadas para precisar o termo e os asteriscos (*) no final do radical de cada termo para ampliar as possibilidades de resultados. Todos os artigos encontrados tiveram seus títulos e resumos lidos, confirmando a inexistência de trabalhos nos idiomas português e inglês.

Apesar de reconhecermos as limitações temporais e a conjuntura da crise humanitária atual em que a pesquisa foi desenvolvida – pandemia de Covid-19, que obrigou a suspensão dos treinos coletivos –, acreditamos que o estudo sistêmico e contextualizado, realizado de maneira a contemplar as perspectivas cultural, histórica e social, contribui para o aprofundamento do tema a partir de um olhar sobre a experiência do corpo com deficiência de mulheres na vida social, identificando as características preponderantes na instância microssocial esportiva. O estudo, dentro de suas restrições, pode auxiliar na elaboração e desenvolvimento de políticas públicas esportivas voltadas para pessoas com deficiência – em especial as mulheres –, buscando a efetivação das garantias previstas na Constituição Federal de 1988.

A diversidade preconizada no voleibol sentado possibilita a interação de pessoas com diferentes níveis de limitações corporais, inatas ou adquiridas, de cunho fisiológico ou neurológico, preceito que torna amplo o campo de pesquisa, bem como caracteriza o microuniverso social permeado por preconceitos e estigmas. Logo, a pesquisa estimulou tanto a curiosidade investigativa da pesquisadora quanto a percepção dos marcadores sociais e simbólicos presentes no processo de marginalização do corpo de mulheres com deficiência na vida coletiva e social.

O desenvolvimento do estudo trouxe à luz um aspecto relevante identificado

² Ver o Portal de Periódicos da Capes. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br> Acesso em: 23 maio 2020.

durante nossa experiência como pesquisadora, o qual se situa fora do contexto competitivo e abre caminho para aprimoramento da formação acadêmica de professores de educação física: o voleibol sentado. Essa prática culmina na geração de oportunidades para se realizar a denominada Inclusão Reversa, por ser um esporte que admite a participação de todos os atores sociais – pessoas com e sem deficiência – em um ambiente de interação lúdico. Ao mesmo tempo, essa prática contribui com a formação de cidadãos em ambiente escolar, numa realidade cultural diversa, estimulando-os à adoção de práticas de sensibilização multidirecional e percepção das dificuldades intrínsecas às normas sociais limitadoras (regras do jogo), regulando todos os envolvidos (SILVA; CARDOSO; ALMEIDA, 2021).

A partir da noção trazida por Yamaguti (2013) – que entende a inclusão reversa como a inserção de pessoas sem deficiência em programas especificamente destinados a pessoas com deficiência –, rerepresentamos o conceito de inclusão reversa em ambiente pedagógico, utilizando o voleibol sentado como conteúdo, estratégia e abordagem metodológica. Inclusão reversa é por nós conceitada:

Uma prática que se constitui pela mudança de posições ou papéis no contexto das aulas de Educação Física, em que colocamos estudantes com condição física típica em situações educacionais direcionadas a pessoas com deficiência, por intermédio da implementação da disciplina Voleibol Sentado. (SILVA; CARDOSO; ALMEIDA, 2021, p.1).

Trata-se, de fato, de um processo de confrontação de pessoas em condições típicas a um sistema normativo que prestigie as condições de pessoas com deficiência, demonstrando o impacto dos fatores socioculturais, históricos, políticos e ambientais na definição da própria ideia de deficiência. Sendo assim, as práticas pedagógicas empregadas no voleibol sentado podem oferecer oportunidades para todos os atores envolvidos (professor e discentes com ou sem deficiência) se identificarem e se sensibilizarem reciprocamente. Desse modo, abre-se espaço para o reconhecimento de que todos são possuidores de algum nível de dificuldade, tudo dependendo da atividade a ser desenvolvida e de acordo com as regras que devem ser seguidas.

Com enfoque nas abordagens delineadas, escolhemos o corpo com deficiência de jogadoras de voleibol sentado como objeto desta investigação,

compreendendo que essa prática corporal se apresenta como potencial revelador da interseccionalidade de marcadores sociais relacionados ao corpo com deficiência e ao corpo de mulheres, sem ignorar a imposição de outros rótulos discriminadores. Essa dupla vulnerabilidade – que além de transversal, é potencializadora de estigmas (GOFFMAN, 1988) – é reconhecida na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que dedica um artigo específico às mulheres com deficiência (artigo 6). Adicionalmente, reconhecemos a existência de outros vieses desta pesquisa, referentes, por exemplo, à relação conflitante do corpo com deficiência frente ao cenário de garantia de direitos de participação dessa parcela da população no mundo do trabalho, nas questões da mobilidade corporal e no acesso ao universo esportivo. Pensamos que a diferença seja uma base moral legítima para a redistribuição dos direitos e deveres fundamentais humanos estabelecidos.

As mulheres que adquirem uma deficiência, pelo menos a princípio, carregam o conflito essencial da perfeição corporal, em seguimento aos padrões culturais a elas impostos, como nos alerta Le Breton (2018). Na contemporaneidade, tais referências simbólicas tendem a segregar o corpo com deficiência e ensejam a estigmatização, termo que, parafraseando Goffman (2012, p. 11), refere-se “a sinais corporais com os quais se procura evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau [...]”. Esse processo de rotulação confere um grau de inferioridade à pessoa com deficiência ao incorporar o sentido pejorativo a sua condição corporal, reconhecendo-a como alguém que foge aos padrões históricos e socialmente estabelecidos pela noção de corponormatividade, cujo conceito regulamenta o corpo sem deficiência como uma referência a ser seguida e desacredita a legitimidade de padrões heterogemônicos dessas corporeidades na sociedade (LUIZ, 2020).

Com o propósito de realizar a investigação, elegemos como *locus* as instalações esportivas da Associação dos Deficientes³ de Aparecida de Goiânia

³ A expressão “deficiente” não é a nomenclatura utilizada hodiernamente para se referir a pessoas com deficiência, pois uma característica (a deficiência) não tem o condão de definir uma pessoa (vide capítulo 3). Entretanto, a exemplo do que é notado no trecho acima, algumas vezes essa menção surge neste texto, oriunda das falas das participantes, de determinados textos normativos publicados anteriormente à adoção da terminologia pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007) ou mesmo na sigla ADAP (Associação dos Deficientes de Aparecida de Goiânia). Nesses casos, tais expressões são mantidas apenas para se manterem fiéis ao texto original.

(ADAP), Goiás, Brasil. Apesar de estarmos cientes das limitações deste estudo, que foi realizado com o grupo de mulheres jogadoras de voleibol sentado, realçamos sua atualidade e relevância exatamente por ter como alvo a participação da mulher com deficiência na vida social esportiva e tematizar o corpo com deficiência, objeto pouco abordado nos campos das ciências humanas e sociais e do conhecimento e da intervenção pedagógica da Educação Física. A discussão sobre o apagamento ritualizado e o preconceito imputados ao corpo com deficiência pode levantar questões e trazer modificação na relação social com ele estabelecida.

Sendo assim, lançamos nosso olhar sobre o voleibol sentado no contexto de práticas entendidas como “fenômenos que se mostram, prioritariamente, em âmbito corporal e que se constituem manifestações culturais compostas por técnicas corporais como forma de linguagem, de expressão corporal” (SILVA et al., 2009, p. 20). Esse conceito orienta nosso estudo, uma vez que compreendemos o voleibol sentado como uma construção humana constituída por gestos técnicos de natureza adaptativa, diante do dinamismo do jogo e da frequente modificação do ambiente, exigindo sinergia com a equipe e coordenação entre si como forma de responder à estrutura funcional e às incertezas do jogo. O voleibol sentado é uma prática esportiva incorporada à experiência com a deficiência, mas sem ter essa condição como um limitador dessa expressão corporal.

O estudo teve como enfoque o potencial de ação do corpo com deficiência manifestado na prática corporal supracitada e seu caráter latente para expandir as redes de relações sociais em que são colocadas em discussão as oportunidades das participantes de se abandonarem ao divertimento que a disputa esportiva propicia, contrapondo a caracterização do corpo com deficiência com o preconceito da incapacidade.

Houve a necessidade, por parte da pesquisadora, de construção de um olhar contextualizado e centrado nas irredutíveis e múltiplas dimensões do corpo de mulheres com deficiência no campo esportivo. E isso com a intenção de apreender os seus sentidos e significados. Ainda que o grupo social em relevo apresente um contingente a ser explorado como via privilegiada na apreensão de suas corporeidades como fenômeno social e cultural – em confirmação ao que Le Breton

(2018) declara que é possível conhecer o social partindo do corpo –, tópicos como direitos humanos, políticas públicas de inclusão e estereótipos de gênero, apesar de suas relevância e pertinência, não serão aqui aprofundados em razão da delimitação do objeto. Por outro lado, temas como padrões de corpo, estigma corporal, uso de próteses corporais e experiência com a dor puderam delinear as relações sociais presentes no campo da pesquisa.

As sociedades ocidentais apresentam, de acordo com Le Breton (2012, 2013c), uma relação paradoxal com o corpo com deficiência. Entendida como paradigma, a corporeidade humana apresenta-se como um importante matiz para se pensar e problematizar os processos de interação social de mulheres com deficiência na prática do voleibol sentado. Com Le Breton (2012) e com Csordas (2008), entendemos que a corporeidade humana é uma referência que se inscreve entre a limiaridade do individual com o social. Desse modo, a relação entre a percepção e a práxis demonstram o esforço de Csordas (2008) para pensar a corporeidade com base na relação entre os paradigmas fenomenológico e estruturalista.

Registramos também estudos que vêm sendo realizados por Ferreira (2013, 2017), que tratam da corporeidade como um marco conceitual que conduziu à desnaturalização do corpo. O enfoque dado pelo autor parte da interpretação do corpo como projeto de construção pessoal, ao tempo em que também é social. Nesse âmbito, o corpo e a corporeidade como paradigma possuem aspectos que se remetem à individualidade, mas também aos processos de interação do indivíduo em seu meio social.

Diante da nossa preocupação em compreender mediações que se conformam por meio do significado de corpo, de corporeidade e da prática institucionalizada que tem o corpo como seu suporte – o voleibol sentado –, concordamos com Le Breton (2021) ao reconhecermos que a noção medicalizada de corpo é insuficiente para o entendimento da corporeidade humana. Em entrevista, o autor afirma que ela

[...] inclui todas as manifestações do corpo, as técnicas do corpo, as emoções, as percepções sensoriais, a questão da dor. Tudo o que

está envolvido na relação da pessoa com o mundo, toda nossa existência física. Somos nosso corpo. Evidentemente, não temos um corpo, somos nosso corpo. (LE BRETON, 2021, s.p.).

Essa perspectiva permite a apreensão de que a corporeidade humana pode ser por nós entendida como um fenômeno social e cultural na interface com a natureza, funcionando como mediadora das ações que se concretizam na vida cotidiana.

Apoiamo-nos em Csordas (1994, 2008), que sistematizou o paradigma fenomenológico da corporeidade conforme compreensão dos seres humanos se percebendo como “corpos no mundo” (que é, está e se faz) ou “*being-in-the-world*”. Notificou o corpo como base existencial da cultura, que o posiciona, interpondo-se em todas as experiências vivas concretas e implicações no mundo, definidas pela experiência perceptiva.

A concepção de corporeidade, apresentada por Ferreira (2013, p. 499) como “conjunto das manifestações simbólicas da existência corporal, devidamente contextualizado no tempo histórico e no espaço social”, informa-nos a necessidade de considerarmos, em nossa análise, igualmente, os atributos naturais do corpo na relação com a incorporação de significados socialmente intercambiados. Isso porque os códigos sociais aprendidos delineiam nosso comportamento corporal.

Com um debate mais circunstanciado, e considerando que nosso objeto de estudo consiste no corpo de mulheres com deficiência, precisamos enfrentar ainda a questão de qual é o sentido/significado de corpo com deficiência no contexto esportivo.

No entanto, ao lado da constituição de um possível processo de estigmatização do corpo de mulheres com deficiência, há um conjunto de processos psicossociais que se avoluma, relacionando-se, por exemplo, às experiências com a dor e ao sofrimento pessoal de cada um desses corpos de mulheres. Nesse âmbito, os estudos da Antropologia da Dor desenvolvidos por Le Breton (2013a), publicados em um livro de mesmo nome, tornaram-se imprescindíveis para nossa pesquisa, pois o autor define o papel da dor na apreensão da dimensão simbólica da relação entre a completude do homem e seu

aspecto material deteriorável.

Em seus estudos, Le Breton (2012) dedica-se a compreender a corporeidade humana como um fenômeno social e cultural, entendendo o corpo como vetor semântico, ou seja, como algo indicador de grande polissemia, posto que é produtor e objeto de representações e imaginários. Como reconhece esse autor, estudar o corpo com deficiência parece ser um grande desafio, uma vez que no corpo e na corporeidade dos sujeitos estão inscritas todas as suas marcas, experiências e vivências. O corpo é um proficiente revelador do paradoxo que caracteriza as relações que a sociedade contemporânea tem estabelecido com a pessoa com deficiência. Por um lado, observamos um discurso social de reconhecimento e respeito, inclusive tratado explicitamente no sistema normativo brasileiro vigente como pode ser percebido em treze artigos que abordam o tema na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Pessoa com Deficiência. Por outro, pode-se identificar a adoção de estratégias discursivas que desembocam numa visão utilitarista dos corpos, associando-os a práticas cotidianas capacitistas, que contribuem muito mais para segregar e estigmatizar do que para incluir. Nessa acepção, os corpos diferentes, diversos e/ou com deficiência revelam-se como importante fenômeno a serem estudados.

Para olharmos a corporeidade no campo da educação física, pautamo-nos em Silva (2013), que aponta o potencial de culturas esportivas diversamente incorporadas, situando percepção e ação como processos complementares em um corpo experiencial. Além dessa autora, Medina (1987), Molina Neto (2004) e Oliveira, Cherem e Tubino (2008) serviram como suporte conceitual, fornecendo elementos que sustentaram as interpretações e discussões aqui realizadas sobre a cultura esportiva, especificamente quando consideramos o voleibol sentado como uma prática corporal culturalmente constituída. Com isso em mente, esclarecemos que foi assumida uma perspectiva dialógica no estudo em tela, buscando lidar com um problema de pesquisa que se coloca na fronteira compartilhada pelas ciências humanas e sociais e a educação física.

Nóbrega (2019), influenciada pelas ideias de Merleau-Ponty, joga luz à relação entre o físico e o psíquico, apontando-nos que o “corpo possui um sentido

de totalidade que se manifesta no movimento”; Gonçalves (1994), por sua vez, instiga-nos à reflexão quando questiona: “Qual é o sentido da corporalidade e do movimento na vida humana?”; Shilling (2007), que usa a corporeidade para interrogar os dualismos a que esta está exposta; Mauss (2017), que contribuiu com a noção de técnicas corporais e de fato social total; e Goffman (2012), que envereda por uma perspectiva de compreensão do estigma como um fenômeno a ser sociologicamente estudado.

Citamos diretamente Le Breton (2013a, p. 141):

O significado conferido pelo indivíduo sofredor à provação suportada é um critério determinante de sua relação com a dor. O homem reage menos à incisão da ferida ou à afecção do que ao sentido que assumem para ele.

Portanto, a dor – muitas vezes interpretada como sendo meramente biológica, um influxo sensorial –, torna-se um sofrimento maior ou menor a partir do contexto social em que vive cada participante, seus estilos de vida e os significados por ela atribuídos à própria dor e ao sofrimento dela decorrentes. A dor é, pois, um fenômeno constituinte dos corpos com deficiência em estudo. As alterações ocorridas em suas morfologias corporais estão inseparavelmente associadas a episódios de dor: amputações, doença aguda, fraturas expostas, queimadura, enxertos ósseos, repetitivos procedimentos cirúrgicos, substituição de estrutura óssea por endoprótese e acometimentos corporais que comprometeram suas movimentações e colocaram essas mulheres na condição de pessoas com deficiência.

Nesse sentido, intentamos aqui interpretar as experiências vivenciadas pelo corpo com deficiência das mulheres desse grupo social e relacioná-las à dimensão de significados e valores individuais, bem como os orientados por influências do tecido social e cultural no que Le Breton (2012) alega tratar “de ilustrações marcantes de enraizamento corporal no cerne do simbólico”. A percepção da dor é influenciada pela lógica societal. Ela, porém, é singularizada, mostrando-nos, assim, que o que produz o sofrimento é sempre um significado particularmente atribuído.

Buscamos, na relação do corpo com deficiência com a dor, mostrar de sua dimensão ambígua, que pedem explicações a causalidades fisiológicas e a dados

existenciais das participantes.

Diante do exposto, o **objeto de estudo** consiste no corpo de mulheres com deficiência manifestado na prática corporal voleibol sentado.

O **problema de investigação** do presente estudo toma “corpo” a partir da seguinte questão: quais são os sentidos e significados manifestados nas corporeidades das mulheres com deficiência, suas relações com a dor e como se constituem seus processos de interação social por intermédio da prática corporal voleibol sentado?

O **objetivo geral** consistiu em compreender os sentidos e significados atribuídos ao corpo de mulheres com deficiência manifestados nas práticas de voleibol sentado, suas relações com as experiências de dor, considerando seus processos de construção do corpo no universo esportivo, bem como sua interação social. Especificamente, pretendemos: (a) descrever como se construiu, historicamente, a prática corporal voleibol sentado, considerando a dinamicidade das regras do jogo, suas propriedades como um sistema adaptativo complexo e a virada biográfica decorrente da inserção/participação de mulheres com deficiência ao se tornarem jogadoras dessa modalidade paradesportiva; (b) interpretar a corporeidade de mulheres praticantes de voleibol sentado acerca de seus corpos e potencialidades em relação às dimensões intersubjetivas e sociais, isto é, a relação consigo, com o outro e com o mundo, a partir da imagem corporal; e (c) identificar na experiência da corporeidade desse grupo de mulheres com deficiência sua relação com as sensações, particularmente com a dor.

O conhecimento sobre práticas corporais desempenhadas pelo corpo com deficiência, como auxiliar na compreensão de suas sociabilidades (vida em sociedade), apresenta necessidade de aprofundamento na interface da educação física com a sociologia e a antropologia. Trata-se, desse modo, de um tema de relevância acadêmica e social para ser objeto de pesquisa no âmbito da formação de professores de graduação e de pós-graduação.

Salientamos que a consecução desta tese pôde auxiliar na constituição de um

conjunto de conhecimentos que favoreceu a construção de um olhar perceptivo do corpo de mulheres com deficiência no contexto da prática do voleibol sentado, no que diz respeito ao livre exercício na vida social esportiva e de sua contextualização como um grupo humano com necessidades e anseios específicos.

Sobre a estrutura textual, este trabalho compila ideias de diversos artigos elaborados com participação da pesquisadora ao longo dos estudos realizados em campo – parte deles encaminhados para publicação, outros já publicados –, os quais são referenciados ao final. Outro aspecto prático a registrar é que os autores, quando citados diretamente, têm suas falas entre aspas enquanto as falas diretas de pesquisandas ou entrevistados foram apresentadas em *itálico*, sem aposição de aspas. Já as traduções de textos ou entrevistas (como ocorrido com Tammo van der Scheer e Pieter Joon) de outros idiomas são da nossa autoria.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Tomemos um ramo de rosas: faço-o *significar* a minha paixão. Não existem apenas aqui um significante e um significado, as rosas e a minha paixão? Nem sequer isso: para dizer a verdade, só existem rosas “passionalizadas”. Mas, no plano da análise, estamos perante três termos; pois estas rosas carregadas de paixão: esta e aquelas existiam antes de se juntarem e formarem este terceiro objeto que é o signo. Do mesmo modo que, no plano da experiência, do vivido, não posso dissociar as rosas da mensagem que transportam, assim no plano da análise não posso confundir as rosas como significante e as rosas como signo: o significante é vazio, o signo pleno, um sentido⁴.

Rolando Barthes.

Neste capítulo, apresentamos nossa abordagem metodológica, consubstanciada no entendimento, como pesquisadora e ex-atleta, da necessidade de desenvolver uma pesquisa que versasse sobre a corporeidade de mulheres com deficiência com foco na interpretação dos aspectos subjetivos e sua relação social.

Sendo assim, iniciamos este capítulo apresentando o lugar de fala da pesquisadora. Na sequência, abordamos os aspectos relacionados ao modelo do estudo, procedimentos de pesquisa, modelo analítico e uma descrição sobre o campo de pesquisa, que se constituiu pela Associação dos Deficientes de Aparecida de Goiânia (ADAP), na cidade de Goiânia/GO, bem como das participantes da pesquisa. E, por fim, tratamos dos cuidados éticos desenvolvidos ao longo da pesquisa e da escrita desta tese.

2.1 O lugar de fala: uma pesquisadora ex-atleta de voleibol

Destacamos que a pesquisadora se inseriu de modo genuíno no campo de pesquisa, visto que também é mulher e ex-atleta de voleibol, tendo, portanto, grande afinidade com o ambiente do estudo. Desse modo, as interações e ações que aconteceram dentro e fora da quadra implicaram a abertura de um canal facilitador

⁴ BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução Rita Buongermino e Pedro de Sousa. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

para a vinculação e conseqüente comunicação com as participantes, não apenas sob uma perspectiva meramente técnica, mas não se resguardando de desenvolver vínculo emocional entre si. Para tanto, a pesquisadora fundamentou-se nas influências de Ingold (2019, p. 66), quando afirma a necessidade de se fazer pesquisa “com” o sujeito e não “sobre” este ou aquele sujeito, “[...] porque não pode haver conhecimento que não cresça do nosso engajamento prático com os outros” (p. 72), e, ainda, ambicionada pela “ética do cuidado”. Essa perspectiva facilitou a entrada e a permanência em campo de forma que as informações emergiram, em alguns momentos, tanto para a pesquisadora quanto para as participantes, entendidas no processo de interação entre ambos (pesquisadora – participantes).

Uma observação pertinente diz respeito à diferença da condição de pessoa sem deficiência da pesquisadora em relação às participantes, cuja distinção na condição física é colocada em suspensão durante a fruição da prática corporal, o que se dá pela exigência, imposta em regra, da adoção da posição sentada em que se dá o jogo, justamente visando a garantir a igualdade de condições entre praticantes.

Adotar como objeto de investigação as corporeidades de mulheres com deficiência praticantes de voleibol sentado foi uma opção personalista e está carregada de sentidos e significados que estimularam o empreendimento desse esforço investigativo. Primeiro, ao trabalhar como professora-substituta na Universidade de Brasília, confrontamo-nos com o depoimento de alunos que alertavam que a grade curricular do curso de formação de professores da FEF/UnB não contemplava disciplinas aptas a prepará-los para trabalhar com essa parcela da população e, ainda, que este espaço de formação, Centro Olímpico (C.O.), não oferecia acessibilidade a pessoas com deficiência. Em segundo lugar, não menos relevante, nossa experiência como atleta de voleibol foi decisiva no enfrentamento desse desafio, que apresentou o voleibol sentado como um universo de possibilidades investigativas nas dimensões pedagógicas, culturais, sociais e históricas, entrelaçadas às questões epistemológicas e ontológicas que permeiam as relações entre o corpo de mulheres com deficiência e o contexto esportivo. Acrescentamos outro aspecto de relevância nessa decisão: o fato de a pesquisadora ter tido uma irmã

com deficiência em um momento histórico que não reconhecia os direitos dessa parcela da população.

A compreensão da origem dessa prática corporal foi importante para o avanço do estudo, uma vez que é necessária a identificação do *ethos* dessa expressão corporal e também para contextualizá-la como uma construção humana situada histórica e socialmente em um cenário surgido do pós-guerra, entendendo seu significado no ambiente de criação. Demanda ainda o reconhecimento de uma realidade que se impôs relativa ao aumento exponencial da parcela da população com deficiência adquirida, consentâneo às discussões já existentes sobre a necessidade de reconhecer os direitos das pessoas com deficiência (aqui incluído o direito ao esporte). Entendemos assim as atletas como cidadãs plenas de uma realidade multicultural, capazes de questionar preconceitos e exclusões sociais, subvertendo a lógica de que o corpo com deficiência é menos capaz.

2.2 Abordagem e modelo do estudo

No âmbito da pesquisa social, investigar corporeidades de mulheres com deficiência representa um desafio epistemológico, teórico e paradigmático. Tradicionalmente, como vimos, a maior parte das pesquisas que envolvem o tema das pessoas com deficiência apresenta abordagem quantitativa e é centrado, grosso modo, nos aspectos biodinâmicos e fisiológicos. Aqui, por termos como objeto de estudo o entendimento da corporeidade de mulheres com deficiência, seguimos outro roteiro.

Delineamos nossa investigação como uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa (GIL, 2007). Segundo Bodgan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa favorece processos de pesquisas sociais em que o/a pesquisador/a interage com os sujeitos da pesquisa. Entendemos a pesquisa qualitativa baseada em características apresentadas por Bodgan e Biklen (1994) como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação cujos dados recolhidos são ricamente descritos. Nesse sentido, as questões são formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto ecológico que não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis.

Essas privilegiam a compreensão dos fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (legitimando suas vozes) por meio de estratégias metodológicas como observação participante e entrevista em profundidade.

A pesquisa de campo, por seu turno, é um procedimento metodológico que, em conformidade com Gil (2007), trata de investigações realizadas em profundidade sobre questões levantadas em um grupo social e que ocorrem dentro de seus ambientes ecológicos. Assim, ela busca compreender os diferentes aspectos de uma dada realidade envolvendo a atividade humana.

Conforme apontamentos de Gil (2007), o processo da pesquisa foi realizado basicamente por meio de técnicas como a observação participante, a entrevista e o questionário, porém, conjugadas com outros procedimentos, a exemplo de filmagens e fotografias. Neste contexto de pandemia, em que houve interrupções dos treinamentos por sete meses, coube à pesquisadora estender o tempo de permanência previsto no campo para compensar e reduzir a distância do grupo social ao máximo possível. Então, com essa imersão, pudemos ter a experiência direta, obtendo mais informações com as participantes, aptas a subsidiar a construção do presente trabalho.

2.3 Procedimentos da pesquisa

Os procedimentos de investigação para a obtenção das informações seguiram diferentes técnicas e instrumentos aqui discriminados: questionário sociodemográfico, relato de experiência, história de vida, observação participante com anotações no diário de campo e entrevista.

Entretanto, diante do contexto de pandemia e consequente suspensão dos treinamentos em grupo (inatividade forçada) e no ambiente costumeiro, foi necessária uma redefinição nos procedimentos de busca de informações. Assim, nós nos reunimos semanalmente de maneira virtual em salas de videoconferência, oportunidades em que foram tratados assuntos diversos: necessidade de manutenção de atividades como reforço muscular e articular; execução mental de jogadas e de técnicas específicas da modalidade com e sem bola; discussão sobre

cuidados para evitar contaminação por Sars-CoV-2, causador da Covid-19; comemoração de aniversário de participante da pesquisa e amenidades; recurso a conversas de WhatsApp; respostas a questionário via e-mail e entrevistas virtuais.

a) Questionário sociodemográfico

O questionário foi composto por 20 questões, compreendendo aspectos relacionados com a renda, o local de moradia, o grau de escolaridade e as condições socioeconômicas das participantes da pesquisa. Serviu para traçar o perfil das participantes.

b) Observação participante com registro em diário de campo

O diário de campo foi um importante instrumento de pesquisa, pois nele foram registradas as atividades realizadas durante o período de um ano, que foi o tempo previsto para acompanhar o grupo de mulheres. Alguns aspectos foram observados e registrados, como: sociabilidade em quadra, relações nos bastidores (vestiário, grupo de WhatsApp, reuniões virtuais), formas de deslocamento no espaço de jogo (quadra), entre outros. Todas as informações foram registradas em forma de notas de campo e posteriormente foram lidas, transcritas para o computador e utilizadas de maneira complementar às informações obtidas por meio da técnica da entrevista.

A observação participante, tratada por Haguete (2013) como método ou técnica na abordagem do real, é utilizada como um procedimento – visto como mais apropriado para captar o sentido das coisas – que se realizou por meio da participação da pesquisadora na execução das atividades atléticas cotidianas a partir de uma perspectiva de membro do grupo social no local pesquisado em um contínuo de observadora.

No nosso caso, como buscamos nos enveredar pelas experiências de corporeidade das mulheres praticantes de voleibol sentado, não se tratou apenas da obtenção das informações, mas de procurar o “sentido” atribuído a seus corpos. Para melhor entender tais experiências, a pesquisadora participou intensamente

de várias atividades esportivas com as participantes da pesquisa, segundo Haguete (2013, p. 62), devido “à necessidade de ver o mundo através dos olhos das pesquisadas”.

Ingold (2019, p.13) define esse modo de pesquisa como um compromisso de aprender fazendo, como uma forma de estudar com as pessoas para que possamos entender o vasto pano de fundo antropológico do fenômeno em estudo. O emprego dessa técnica permitiu nosso envolvimento no mundo das participantes e a compreensão das dificuldades vividas por elas na fase de adaptação ao espaço e ao tempo do voleibol sentado e, sobretudo, o que significa pertencer ao grupo, influenciando-se mutuamente.

a) Entrevista

Com roteiro flexível, a ferramenta virtual *Google Meet* foi utilizada como um importante e atualizado procedimento para a obtenção de informações. A opção pela entrevista semiestruturada se deu em razão de possibilitar a utilização de roteiro e ao mesmo tempo atender ao critério da flexibilidade. Isso porque no próprio campo há uma dinamicidade presente, tal como observa Prigogine (2011, p. 62): “como em todo diálogo de verdade, as respostas são inesperadas”, a exemplo do que ocorreu com duas entrevistadas, que choraram durante os depoimentos, pararam por uns instantes e retomaram as falas.

Tais situações impuseram à pesquisadora a adaptação e distinção de algumas das perguntas conforme as respostas eram apresentadas. Sendo assim, adaptar-se ao inesperado ou ajustar-se ao inusitado foram cuidados tomados durante o trabalho de investigação. Neste tipo de entrevista, a pesquisadora estabeleceu um diálogo amistoso com cada entrevistada, estimulando-a a reconstruir episódios da vida e buscando levantar informações que pudessem ser utilizadas nas análises qualitativas a partir de suas narrativas.

b) Fotografias e filmagens

De modo complementar, utilizamos fotografias e filmagens para fins de registro dos corpos das mulheres com deficiência. De acordo com Flick (2004, p.

162), as fotografias e filmagens consistem em um “material visual para a documentação complementar das práticas analisadas e é ativado e contrastado com as apresentações e interpretações na forma textual, a fim de ampliar as perspectivas integradas sobre o sujeito”. A linguagem fotográfica construiu, pois, um conteúdo que pôde ser interpretado numa perspectiva teórica e ainda testemunhou a materialidade corporal das participantes, revelando informações do corpo de mulheres com deficiência contextualizado nos ambientes esportivo, da academia e social.

c) Salas de videoconferência

Foram realizadas reuniões com variados temas: cuidados com a manutenção da condição física diante da suspensão do treinamento provocada pela pandemia de Covid-19; utilização de material alternativo para realização de exercícios de musculação nas próprias casas; manutenção do contato com bola; adiamento da Paralimpíada de Tóquio/2020; cuidados pessoais para evitar contaminação; comemoração de aniversário de participantes; orientações para treinamento mental de jogadas.

d) Correio eletrônico

Houve trocas de mensagens de e-mail entre pesquisadora e as participantes, destinadas ao envio e retorno de materiais relacionados à pesquisa (questionários, respostas, dúvidas, fotos etc.).

e) Aplicativos WhatsApp, Instagram, Facebook e Messenger

Mantivemos diversos diálogos com participantes da pesquisa e com integrantes da equipe técnica da ADAP, realizados tanto em grupo como privativamente. Para tanto, fomos adicionados aos grupos existentes (equipe técnica e participantes), permitindo acompanhar as rotinas, os movimentos e participar dos diálogos.

2.4 ADAP, nosso campo de pesquisa

O campo ou *locus* da pesquisa se constituiu pelo conjunto de espaços

físicos (ginásio poliesportivo) onde o grupo de mulheres realiza sua prática corporal. O espaço físico é cedido pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), a partir de convênio firmado entre a Secretaria Estadual de Esporte (SEE) e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), que mantêm o Centro de Referência Paralímpico (CRP), local dos treinamentos da equipe de voleibol sentado da Associação dos Deficientes de Aparecida de Goiânia (ADAP). Essa entidade foi criada em 2011 e conta com duas sedes. A jurídica, situada em Aparecida de Goiânia, Goiás, Brasil, e o Centro de Referência Paralímpico, onde são realizados os treinamentos. Localiza-se em um bairro de classe média (Setor Aeroporto) da cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, Centro-Oeste do Brasil.

O ginásio fica no quarto andar e dispõe de duas quadras de voleibol sentado, vestiários e elevador, que nem sempre se encontra em funcionamento; os banheiros, todavia, situam-se num andar abaixo das quadras, o que dificulta o acesso das participantes da pesquisa durante os treinamentos (especialmente no caso de uma das participantes que tem incontinência urinária, sequela decorrente do acidente). Os uniformes são financiados por parceiros que aceitam participar de projetos relacionados às atividades desenvolvidas, sendo que, em algumas situações, como na atual pandemia de Covid-19, as próprias atletas pagaram por seus trajes esportivos. A ADAP é responsável pela parte burocrática, como filiação, manutenção das certidões e assinatura de documentação referente às bolsas-atletas concedidas pelos governos estadual e federal.

A essência de uma associação é a união de desígnios de pessoas para atingimento de fins específicos e lícitos, sem objetivos econômicos, convergente com a definição legal prevista no artigo 53, caput, do Código Civil brasileiro (Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002), cuja liberdade está assegurada pelo art. 5º, inc. XVII, da Constituição Federal.

A ADAP é, portanto, uma instituição privada civil, de caráter filantrópico, sem fins lucrativos e sem objetivo partidário ou político, que tem como finalidade a defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Busca a melhoria das suas condições de existência, o que se dá por meio de ações junto à comunidade e ao

poder público, bem como a “plena integração⁵ na sociedade” dessa parcela da população pela ampliação do acesso das pessoas com deficiência (art. 1º e 2º do Estatuto da ADAP). Também promove – ao lado do caráter assistencial, promocional, recreativo e educacional – o aspecto esportivo, no qual se inclui o grupo social sujeito desta pesquisa.

A ADAP é regida pelos artigos 53 a 61 do Código Civil brasileiro e pela Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014. A adesão a uma entidade representativa de direitos das pessoas com deficiência se revela importante diante do compromisso assumido pela associação de fazer frente às lutas sociais no seu conjunto, no sentido de filiação, reivindicação e usufruto de direitos.

A pesquisa compreendeu duas etapas. Uma preliminar, em que foi estabelecido contato pessoal, ocorreu em janeiro e fevereiro de 2020. Foram apresentadas as informações gerais sobre a pesquisa e os procedimentos éticos seguidos. Todas assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Cessão de Imagens para fins acadêmicos. Percebemos a criação de um vínculo imediato com as participantes da pesquisa, sobretudo pelo fato de a pesquisadora ser mulher e ex-atleta de voleibol, facilitando assim o diálogo. Na segunda etapa, foram aplicados o questionário sociodemográfico e o relato das histórias de vida.

Contudo, a partir de março de 2020, a pesquisa sofreu reorganização em razão das medidas de isolamento social decorrentes da pandemia de Sars-CoV-2 (Covid-19). Os treinamentos foram suspensos e os encontros entre a equipe técnica e as atletas passaram a ser realizados virtualmente por meio de webconferência como o *Google Meet*. A pesquisa continuou nesses moldes durante sete meses. Além disso, procuramos manter outros meios de contato com as participantes, como WhatsApp, Facebook, Messenger e Instagram. Houve, assim, uma reorientação metodológica do trabalho, com o questionário aberto

⁵ A exemplo do que foi ponderado em relação à utilização da palavra “deficiente”, a utilização da nomenclatura “integração” se dá em razão de constar no texto original. Essa expressão não é mais utilizada na problematização das questões da deficiência porque a ideia de integração pressupõe um esforço exclusivo da pessoa com deficiência para se inserir na estrutura social já existente, sem exigir da sociedade sua modificação para se tornar inclusiva e atender às necessidades de fornecer garantias adicionais a certos grupos, atento a suas peculiaridades.

sobre a dor sendo encaminhado às participantes da pesquisa por meio de WhatsApp. Seguimos sugestão apresentada por Caneiro, Bunzli e O'Sullivan (2020, p. 6), quando apontam que:

O uso de questões abertas facilita uma abordagem narrativa a fim de explorar a jornada de dor do paciente a partir de sua perspectiva [...] fornecendo pistas necessárias para se explorar comportamentos e respostas emocionais ligadas ao processo.

Alguns autores que se dedicam aos estudos metodológicos da pesquisa científica indicam as pesquisas híbridas, isto é, as que se realizam em um campo real, mas também em meio virtual, como uma alternativa no “fazer” pesquisa na contemporaneidade. Outros autores, como Flick (2004), reforçam que as pesquisas muitas vezes precisam ser realizadas com um ajuste do método em decorrência de fatos novos, a que todos estamos suscetíveis. Confirmamos que a reorientação metodológica, neste momento de crise sanitária que exigiu isolamento social, além de necessária, não comprometeu a qualidade da pesquisa.

Para Flick (2013), o desenvolvimento da internet possibilitou a utilização de novas formas de interação por meio de redes sociais, as quais podem ser um recurso na realização de pesquisas.

Nesse contexto midiático, o compartilhamento de informações pode ser fácil e amplamente usado, mas devem ser observados os seguintes critérios: (a) se o grupo social pesquisado e o pesquisador dispõem de acesso à internet de modo facilitado; (b) se possuem habilidades necessárias para manejar os instrumentos on-line; e (c) deve-se observar as vantagens que a redefinição do método pode oferecer, sem, contudo, descaracterizar a natureza da pesquisa. Considerando que não havia empecilhos para o desenvolvimento da investigação nos termos enunciados, reiteramos que a reorientação metodológica, naquele momento, foi imposta.

2.5 Participantes da Pesquisa

O grupo de voleibol sentado que participou da pesquisa é composto por nove integrantes. Como características comuns ao grupo, todas são mulheres e possuem algum tipo de deficiência física, predominantemente adquirida. Todas

são destras, o que confirma a preeminência da mão direita (HERTZ, 1980). Todas foram acometidas pela covid-19. Quatro têm tatuagens, que são marcas corporais não originais, decorativas e definitivas e, em um caso, como marca distintiva (FERREIRA, 2006; LE BRETON, 2012). A idade varia entre 22 e 49 anos. Quanto à escolaridade, uma cursou ensino fundamental; duas concluíram o ensino médio, sendo que uma está cursando nível superior na modalidade remota; e cinco têm nível superior concluído (duas fisioterapeutas, uma pedagoga, uma gestora de recursos humanos, uma com dois cursos: educação física e administração). O nível socioeconômico é variável, com preponderância de baixa renda; algumas mantêm atividade esportiva, profissional e acadêmica simultaneamente; e quase todas conheceram o universo esportivo depois de terem se tornado pessoas com deficiência. Todas as participantes residem no município de Goiânia, apesar de estarem vinculadas a uma associação cuja sede se situa em Aparecida de Goiânia, cidade integrante da região metropolitana.

Figura 1 – O grupo social da ADAP



Fonte: Maria Cristina Dourado (2020) /Arquivo Pessoal.

No grupo, foi possível perceber a existência de dois níveis distintos de qualidade técnica e experiência em jogos. Um deles é composto por cinco atletas que, concomitantemente, integram a seleção brasileira da modalidade (esporte de alto rendimento) e o outro, de jogadoras que defendem somente a equipe da

ADAP. Essas distinções podem ser originárias das diferenças nas formas de significar e de se relacionar com seus corpos. As primeiras têm conciliado os treinamentos técnicos e táticos com preparação muscular sistematizada, têm acompanhamento nutricional e psicológico e ainda uma vasta experiência em competições internacionais.

Pensamos ter encontrado contradições e ambiguidades praticadas neste mundo do voleibol sentado. Se, por um lado, testemunhamos ambos os subgrupos vivenciarem autênticas experiências corporais e o caráter lúdico do esporte; por outro, o grupo integrante do esporte de alto rendimento vive mais acentuadamente as características apresentadas por Gonçalves (1994, p. 161): “a racionalização, a competição exacerbada, o rendimento e a elitização”. Para ela, nestes termos, a corporeidade obedece ao processo de racionalização em que é reduzida a um instrumento de produção, seguindo o modelo de corpo-instrumento.

Em conformidade com essa autora, referente à asserção de que, no esporte competitivo de elite, persiste a extrema instrumentalização do corpo, o qual é “um corpo dissociado do homem que o habita”, uma das participantes, ao retornar lesionada da Paralimpíada de Tóquio/2020, queixou-se de que a pessoa é colocada em segundo plano e que não teve assistência médica da CBVD, pois já teria sido “usada” para trazer a medalha para o Brasil.

As características alienantes do esporte de “alto rendimento”, tais quais o adestramento dos movimentos corporais, a instrumentalização do corpo para que dele se tire o máximo de rendimento técnico e a racionalização dos meios, segundo Gonçalves(1994), forjariam corporeidades que obedecem ao processo de racionalização e são reduzidas a instrumentos de produção (corpo produtivo) e rendimento, ignorando a globalidade do homem. Em sentido contraditório, alguns desses mesmos corpos têm se exibido nas redes sociais com a medalha conquistada na Paralimpíada de Tóquio/2020. É uma forma de comunicação do aspecto lúdico, de expressão do *glamour* vivido antes, durante e depois da competição e das paradoxais possibilidades de experimentar e usar o corpo no mesmo evento.

No grupo, existe um pequeno comércio em que são vendidos produtos agrícolas (mel, açafrão, polvilho), de beleza (batons, cremes hidratantes), farmacêutico (pomadas) e artesanais. Em cada sessão de treinamento, há um intervalo de descanso para o lanche, em que cada pessoa leva alimentos que são socializados em um ambiente de descontração regado a muita conversa e risadas. Uma das pesquisandas, a Mariazinha, nunca participa. A Elisa, a mais informada do ponto de vista nutricional, compartilha lanches saudáveis.

O grau e o tipo de deficiência física são distintos. As deficiências no grupo aconteceram em função dos seguintes fatores: amputações em membro inferior em quatro participantes; patologia degenerativa (poliomielite); lesão medular com paraparesia; tumor ósseo (osteossarcoma); lesão cerebral e sequela de politraumatismo. Ao menos um desses fatores acometeu uma delas. Seis adquiriram deficiências decorrentes de acidentes de trânsito, a maioria envolvendo motocicleta. Dessas, cinco usam próteses, uma tem endoprótese dos ossos do fêmur, joelho e parte da tíbia; cinco integram a seleção brasileira da modalidade – comandada até então pelo mesmo técnico da ADAP – e representam o país em competições oficiais, o que nos leva a considerar sua representatividade no time nacional feminino de voleibol sentado; somente uma não é associada a entidades destinadas a defender direitos das pessoas com deficiência; quatro prestam serviços a órgãos públicos, por meio de contratos com a Associação dos Deficientes do Estado de Goiás (ADFEGO) ou com a Associação dos Acidentados do Trabalho do Estado de Goiás (ACITEG), em cumprimento à Lei de Cotas (art. 93 da Lei nº 8.213/91). Com exceção de uma das jogadoras, todas as outras recebem bolsa-atleta ou benefício assistencial mensal (BPC – Benefício de Prestação Continuada).

Observamos e reconhecemos a importância da organização dessa parcela da população para sua representação na defesa da igualdade de direitos das pessoas com deficiência. Estudiosos como Sassaki (2010) e Canziani (2010) certificam que várias conquistas, no âmbito do direito, ocorreram impulsionadas pela mobilização da sociedade organizada e de seus associados, especialmente por meio da inclusão da temática – originalmente e por meio de emendas – na

Constituição Federal de 1988, repercutindo em vários textos normativos.

Como exemplo de benefícios proporcionados por integrarem entidades específicas legalmente instituídas para atender necessidades das pessoas com deficiência – o que se dá conforme o modelo associativista, em contraponto aos modelos caritativo e assistencialista –, Flor (2021) declarou que, desde que começou a frequentar a ADFEGO, sua vida foi se modificando pelo surgimento de várias oportunidades: de trabalho; de tratamento (reabilitação) em local que, posteriormente, ela mesma veio a trabalhar como fisioterapeuta; e de acesso a recursos e a serviços, como a tecnologias assistivas (ex: próteses) e a modalidades esportivas como promoção do exercício legítimo do direito à cidadania.

Em síntese, o grupo pesquisado possui as seguintes características com referência ao quadro e origem da deficiência: (a) quatro atletas com membros inferiores amputados (uma amputação do pé, uma do membro inferior completo, duas da perna/abaixo do joelho), todas em decorrência de acidente quando dirigiam motocicletas; (b) uma atleta com paraparesia, decorrente de lesão medular vertebral parcial causada por acidente de automóvel; (c) três atletas com monoparesias de membro inferior, uma delas com colocação de endoprótese de fêmur distal decorrente de tumor, a segunda decorrente de paralisia infantil e a terceira de atropelamento; (d) e uma atleta com hemiplegia espástica decorrente de acidente vascular encefálico – AVE (Quadro 1).

Quadro 1 Características Sociodemográficas das Pesquisadas

<i>Nome/Clubes</i>	<i>I</i>	<i>EC</i>	<i>F</i>	<i>E</i>	<i>PS</i>	<i>D/O</i>
<i>Flor - Associação e seleção brasileira</i>	34	Casada	0	Superior - Graduação em Fisioterapia	Renda média - recebe bolsa-atleta	Amputação do MI - acidente de moto
<i>Flor-de-Maio - Associação</i>	42	Casada	2	Superior - Graduação em Pedagogia	Baixa renda - recebe bolsa-atleta	Monoparesia de membro inferior - paralisia infantil
<i>Sofia - Associação e seleção brasileira</i>	32	Casada	1	Médio	Renda média - recebe bolsa-atleta	Amputação da perna/abaixo do joelho - acidente de moto
<i>Girassol - Associação</i>	29	Solteira	0	Superior - Graduação em Fisioterapia	Baixa renda	Hemiplegia - AVE
<i>Elisa - Associação e seleção brasileira</i>	37	Solteira	0	Superior - Graduação Gestão em Recursos Humanos	Renda média - recebe bolsa-atleta	Amputação da perna/abaixo do joelho - acidente de moto
<i>Rosa - Associação e seleção brasileira</i>	29	Solteira	0	Superior - Graduada em Educação Física e Administração	Renda média - recebe bolsa-atleta	Paraparesia - lesão medular vertebral parcial
<i>Tulipa - Associação</i>	22	Solteira	0	Superior: cursando Graduação em Jornalismo	Baixa renda	Monoparesia de membro inferior - tumor de fêmur
<i>Cristal - Associação</i>	49	Casada	3	Fundamental incompleto	Baixa renda - recebe bolsa-atleta	Monoparesia de membro inferior - atropelamento
<i>Mariazinha - Associação</i>	34	Solteira	0	Médio	Baixa renda - recebe bolsa-atleta	Amputação do pé - acidente de moto

Legenda: I - Idade; EC = Estado Civil; F = Filhos; E = Escolaridade; PS = Perfil Socioeconômico; D = Deficiência; Origem = O; MI = Membro Inferior; AVE = Acidente Vascular Encefálico. Fonte própria (2020).

Quanto às informações obtidas no questionário aberto (QA), apenas uma das participantes da pesquisa não o respondeu/devolveu.

2.6 Procedimentos de análise dos dados

O procedimento da análise qualitativa de conteúdo seguiu orientações apresentadas por Flick (2013) na tentativa de responder à questão da pesquisa. Primeiro, foi selecionado o material referente à observação, registrado em diário de campo, o que o autor chama de caracterizar formalmente o material. Em seguida, foi definida a direção da análise. Então, foram conduzidas análises na direção da interpretação das informações obtidas por meio dos procedimentos metodológicos utilizados em resposta à questão do estudo e rumo à construção do texto da pesquisa. Na análise e interpretação dos dados a partir da observação, Flick (2013) assinalou que devemos atentar para que aspectos novos ou inesperados sejam incluídos na redação.

Flick (2013, p. 126) aponta uma abordagem possível para os dados visuais, como fotos e filmes, procedendo a análises acerca das estruturas do campo social. Segundo Silva (2010, s.p.), a fotografia faz parte do nosso sistema de

representações e do imaginário social, tornando possível a realização da leitura da imagem – “ela é capaz de testemunhar um fato fixado por um instante” – como mediadora no processo de construção do conhecimento. Os registros fotográficos aconteceram nos mais variados ambientes: treinamento técnico e tático; treino de musculação em academias distintas; reunião informal; atividade na hípica “Volteio”; e ensaio para participar de pleito de trabalho fotográfico no XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), que foi aprovado e exibido na Sala de Imagens do evento/2021, sob o título: *Voleibol Sentado: cultura corporal paradesportiva em exposição*.

Tendo em vista o processo de análise, as informações obtidas por meio de entrevistas foram transcritas sem prejuízo do conteúdo original e posteriormente lidas, relidas, interpretadas e selecionados trechos para citação no texto. Aqui se destaca a necessidade de atentar para o “drama social” na fala de nossas interlocutoras que, segundo Molina Neto (2004), acompanha o processo de interpretação dos relatos por parte da pesquisadora. Para tanto, as falas foram contextualizadas com base nas anotações do diário de campo, nas transcrições, nos relatos e nas respostas aos questionários.

A partir da leitura das respostas apresentadas nos instrumentos pelas participantes da pesquisa, identificamos que a construção da corporeidade das mulheres e a dor constituíram os elementos-chave do estudo, servindo como fios condutores para a análise desenvolvida nos capítulos seguintes e do esporte como agente mediador na socialização.

2.7 Cuidados éticos da pesquisa

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília (UnB), sob o número CAAE 22294019.5.0000.00.000, e Número do Parecer: 3.785.188, atendendo às formalidades legais, bem como aos preceitos éticos da pesquisa da forma como se acredita, tratando todas as informações com confidencialidade. Além disso, foram utilizados pseudônimos escolhidos pelas próprias participantes, preservando suas identidades na transcrição das falas e dos relatos.

Foram solicitadas, junto às participantes, as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Cessão de Uso de Imagens e Voz para fins científicos e acadêmicos, procurando respeitar os preceitos éticos recomendados em pesquisas realizadas com seres humanos nos termos da Resolução nº 196/96, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisas (CONEP), bem como do Termo de Assentimento junto ao presidente da ADAP.

3 MULHERES COM DEFICIÊNCIA JOGADORAS DE VOLEIBOL SENTADO: ENTRE A CORPOREIDADE E O ESPORTE

As ações e práticas cotidianas são inscritas e experienciadas no/e pelo corpo dos sujeitos, ao passo que conformam as distintas corporeidades, que é a maneira social de se perceber e de estudar o corpo (LE BRETON, 2012). A corporeidade humana é, para esse autor, um paradigma que deve servir como referência para que os estudiosos do corpo interpretem-no ou entendam-no do ponto de vista social. Entretanto, apesar de encarar a corporeidade como um paradigma, Le Breton (2012), pautando-se pelos estudos de Mauss (2017), reconhece o corpo como um fato social total. Ou seja, a tradicional ideia da tríplice consideração de que os aspectos biológicos/fisiológicos, psicológicos e sociais/culturais se imbricam no mesmo sujeito humano é igualmente válida nas teses sustentadas por Le Breton (2012).

O objetivo deste capítulo é, pois, apresentar a contextualização teórica, histórica e social de criação e desenvolvimento do voleibol sentado e consequente inserção de mulheres com deficiência no universo esportivo mediante tal prática corporal. Fatores relacionados a sua difusão ao redor do mundo e, conseqüentemente, sua prática no Brasil serão abordados a partir de entrevistas realizadas com idealizadores da modalidade. Para isso, buscamos contatar fontes primárias ou de alguma forma engajadas no contexto deste trabalho e ainda revisamos a literatura para que o processo de construção do texto fosse enriquecido em fidedignidade e alcance, o que foi dificultado pela escassez de publicações científicas na abordagem sociocultural aqui pretendida.

A linguagem utilizada pela sociedade para se referir às pessoas com deficiência é um dos aspectos reveladores das atitudes e valores sociais que delineiam as relações entre os corpos diversos. Historicamente, a terminologia empregada expressa o nível de respeito ou a discriminação em relação a essas pessoas. Outra forma de comunicar esses valores se dá pela linguagem corporal, evidenciados em posturas, gestos e atitudes humanas. A busca pela substituição

de termos como inválidos, incapazes, desabilitados, retardados, excepcionais, aleijados, defeituosos, inferiores, entre outros, sugere que as palavras usadas refletem as atitudes e os valores da sociedade e repercutem no potencial de confirmação dos estereótipos de desvalorização, marginalização e exclusão dessa parcela da população. Ao contrário, seguimos princípios que combatem recursos a eufemismos (especial, herói, anjo), bem como os que buscam diluir as diferenças de tratamento e defendem a igualdade de oportunidades entre as pessoas com e sem deficiência.

A expressão “pessoa com deficiência” substituiu termos que enfatizavam a deficiência e veio acrescentar valor à pessoa humana, exibindo uma suposta movimentação dos sentidos. Esse é o termo escolhido mundialmente pelas pessoas com deficiência e foi adotado oficialmente a partir da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência realizada pela ONU, assinada a partir de 30 de março de 2007.

A referida convenção – com aproximadamente 190 países signatários, incluindo o Brasil – abandona a compreensão da deficiência como sendo consequência exclusiva da condição clínica e amplia esse conceito afinado ao pensamento de Sasaki (2002, 2010), que chama a atenção para as interações de fatores como as barreiras sociais, institucionais e ambientais associadas aos impedimentos naturais (lesão). Em resposta ao contexto em evolução, houve modificação na compreensão da deficiência, que era baseada exclusivamente no paradigma médico, descartando as dimensões social, atitudinal e simbólica, agravando o problema.

Assim, esta abrangência terminológica contrasta com a visão reducionista da deficiência e confirma que o cuidado com a linguagem se apresenta necessário, no seu conjunto, relacionado às práticas de inclusão nos ambientes sociais variados, incluindo o esportivo e o educacional. Isso porque o contexto verbal influencia a autopercepção de todas as pessoas, especialmente as com deficiência.

A mudança na nomenclatura, por mais significativa que venha acontecendo, quando realizada de maneira apartada de outras práticas inclusivas, não tem o

poder de transformar a relação social com o corpo com deficiência. No entanto, constitui-se uma das formas possíveis de mudança no autoconceito e no desenvolvimento de uma identidade positiva das pessoas com deficiência, com consequências nos modos de sentir, de pensar e de agir e, por isso, tem potencial de aprimorar suas experiências nos diversos contextos. O valor conferido ao vocabulário adequado para se referir às pessoas com deficiência integra o rol das práticas inclusivas e nos mostra o quanto uma determinada atitude do outro pode ter efeito sobre sua forma de ser, estar, agir e mover-se no mundo.

O efeito da sequência de movimentos coordenados entre si e realizados mediante as transações conscientes com o mundo envolve necessariamente o uso do corpo, essa entidade que – a exemplo do que preconiza Espinosa, na interpretação de Chauí (2011) – procura desfazer-se da explicação cartesiana da relação em que o corpo é causa das ideias e as ideias são causas do movimento do corpo. É o que Polanyi (1965) afirma ser o ponto em que o nosso corpo se relaciona com a nossa mente, referenciado como aquilo que transforma jogadas em jogo.

O voleibol sentado é uma prática corporal inserida no universo esportivo como paralímpico e com potencial para desafiar a ideologia capacitista⁶. Reconhecemos, por outro lado, os aspectos levantados por estudiosos que evidenciam as limitações do paradesporto e do próprio esporte como vetores únicos de modificação do *status quo*, especialmente o de alto rendimento. Sendo assim, eles refletem criticamente sobre esse fenômeno: “Acreditamos que, para efetuar uma mudança social positiva e sustentável, ela deve ser iniciada nas bases do paradesporto” (SILVA; HOWE, 2018, p. 2).

Reconhecendo a limitação do esporte, quando visto de maneira isolada, como fator determinante na modificação da posição social ocupada pelas pessoas

⁶ Capacitismo é uma palavra utilizada para designar as diversas discriminações lastreadas na lógica da capacidade dos corpos, razão pela qual os corpos com deficiência são os que mais sofrem as consequências dessa mentalidade de diminuição da expectativa de suas capacidades na vida social. Expressa-se por meio de palavras, ações e pré-concepções. LUIZ, K. G. Deficiência pela Perspectiva dos Direitos Humanos. In: COLETIVO FEMINISTA HELEN KELLER. *Guia Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania*. União Europeia, maio, 2020.

com deficiência, recuamos alguns passos ao argumento dos autores referidos e acrescentamos que a formação de professores de educação física aparece anteriormente em ordem de exigência e deve estar fundamentada nos princípios inclusivos. Nesse sentido, pode fornecer as bases para uma mudança de atitude social frente à deficiência, permitindo que essa parcela da população seja atendida em seus direitos inalienáveis em todos os ambientes, tanto essencialmente educacionais como prioritariamente esportivos. Essa modificação social vem a ser efetivada, segundo os autores, diante da alteração dos significados socialmente delegados ao corpo com deficiência e que se encontram culturalmente enraizados e podem ser declarados como a própria origem da discriminação. Conforme Silva e Howe (2018, p. 2): “A fonte de toda discriminação está nos significados socioculturais atribuídos à diferença”.

O ambiente do jogo de voleibol sentado é essencialmente complexo, aberto e dinâmico, o que exige das jogadoras uma boa *performance* individual para lidar com as inúmeras ocorrências e situações imprevistas, utilizando seus recursos técnicos e sua criatividade diante da urgência nas tomadas de decisão, bem como para empregar suas habilidades corporais e pessoais no interesse do alcance dos objetivos da equipe. E essas pressuposições permitem identificar a prática corporal em estudo como um sistema adaptativo complexo (GELL-MANN, 1994).

Adicionalmente, concordando com Nóbrega (2019, p. 77), o lugar da aprendizagem é o corpo:

A aprendizagem é basicamente uma reorganização da corporeidade. Quando aprende, quando encontra um sentido e uma significação para um acontecimento em sua existência, o ser humano passa a habitar o espaço e o tempo de uma forma diferente.

Toda aprendizagem carrega em si o potencial de provocar transformação na forma de perceber a si mesmo, de se relacionar com seus semelhantes e com o ambiente em seu entorno. Esse conjunto propicia uma alteração ou conformação das próprias visões de mundo, adequando os sujeitos para lidar com a novidade.

A complexidade dessa parcela da população nos permitiu, procedendo dentro do espaço e de tempo de intercâmbios, a utilização do conceito de fato

social total de Mauss (2017), pois auxiliou na compreensão de formas de uso do corpo na realização de técnicas resultantes de processos de aprendizagem. Esse autor começou a pensar a cultura a partir do corpo, referindo sobre a influência social na conformação corporal.

Na mesma linha de pensamento, Nóbrega (2019, p. 76) acena que “O uso que o ser humano faz do seu corpo ultrapassa os limites de suas condições naturais, e ao criar um mundo simbólico e de significações, ele se vê lançado no mundo da cultura”. E como criador e criatura de cultura, o ser humano amplia suas possibilidades de apreensão da realidade e ação no mundo a partir das interações.

Soma-se à compreensão de Nóbrega (2019) a noção de técnicas corporais, consoante Mauss (2017), para quem os gestos codificados em vista de uma eficácia podem definir produções culturais que nascem do corpo que é social, polissêmico e multifatorial. Nessa acepção, de maneira análoga, é que refletimos sobre educação, aprendizagem e realização das sofisticadas técnicas esportivas do voleibol sentado, com suas finalidades práticas, por pessoas em condições corporais peculiares.

A respeito do papel desempenhado pelos intercâmbios, Restivo (2021, s.p.), em palestra proferida no Forum International Sociological Association, argumenta que:

Os humanos têm apenas uma maneira de aprender, descobrir e inventar, interagindo uns com os outros em contextos socioculturais e bioecológicos em nosso planeta. Não existem mecanismos transcendentais, sobrenaturais ou inatos a que podemos recorrer para obter informações e conhecimento.

Com isso, depreendemos que os processos de aprendizagem se dão de modo culturalmente constituídos e, neste particular, vale pensar o papel social do esporte e do paradesporto – particularmente o voleibol sentado – na nossa sociedade.

3.1 Aspectos históricos do voleibol sentado

O voleibol sentado é a versão paralímpica do voleibol e foi idealizada por

Tammo van der Scheer⁷ (pessoa sem deficiência) e Anton Albers (com dupla amputação de mãos), ambos membros do Comitê de Esportes da Holanda, no ano de 1956. A princípio, fez parte de um programa de reabilitação, resultado da combinação de voleibol e *sitzball*, esporte alemão jogado sem rede por pessoas sentadas, com lugares marcados, o que não estimulava a movimentação em quadra. As regras estabelecidas pela *World Organisation Volleyball for the Disabled* (WOVD) têm muito em comum com o voleibol e algumas são específicas das condições dos elegíveis: amputados, paralisados cerebrais, lesionados medulares, entre outros tipos de deficiência locomotora.

Com foco na reconstrução da criação do voleibol sentado e de sua difusão pelo mundo – incluindo sua chegada ao Brasil –, realizamos interlocuções com os sujeitos históricos por meio de entrevistas semiestruturadas via correio eletrônico, as quais propiciaram flexibilidade para reformulações e adequações, conforme as respostas que emergiam diante dos questionamentos:

Quadro 2 – Informações dos entrevistados

ENTREVISTADO	Dados biográficos: nacionalidade, idade, relação com voleibol sentado	Data da entrevista
1. Pieter Joon	Holandês; 79 anos; acometido por poliomielite; foi atleta, árbitro e dirigente de voleibol sentado; responsável pela colocação do voleibol sentado na paralimpíada em 1980; responsável pela difusão do voleibol sentado em 110 países de 4 continentes.	09/02/2021
2. Tammo van der Sheer	Holandês; 89 anos; sofreu lesão no joelho devido acidente; foi instrutor no Centro Militar de Reabilitação de Aardenburgo; Criador do voleibol sentado juntamente a Anton Albers; Ensinou voleibol sentado e foi técnico da modalidade; foi treinador voluntário de natação e voleibol sentado para pessoas com deficiência por 40 anos.	21/03/2021
3. Ronaldo Gonçalves de Oliveira	Brasileiro; 51 anos; introduziu o voleibol sentado no Brasil; foi técnico da seleção masculina de voleibol sentado durante 10	26/04/2021

⁷ Nota: informações obtidas em entrevista concedida à autora por Tammo van der Scheer em março/2021.

	anos; responsável pela gestão do Esporte de Rendimento Paralímpico do Sesi-SP.	
--	--	--

Fonte: Autora da pesquisa (2021).

Os dois idealizadores dessa prática corporal são holandeses e, juntamente com Pieter Joon, foram os principais responsáveis pela difusão dessa modalidade paralímpica. Anton Albers, uma pessoa com deficiência (perdera as duas mãos em um acidente de trabalho), faleceu em 2015 e não foi possível entrevistá-lo. Tammo van der Scheer formou-se na Academia de Educação Física de Groningen (1953) como professor de esportes. Embora não tenha tido formação pedagógica específica em sua graduação sobre esportes voltados a pessoas com deficiência, Tammo se viu envolvido na atividade devido a um acidente ocorrido quando ele estava no serviço militar, em que lesionou seu joelho e teve de se submeter a um tratamento no Centro Militar de Reabilitação de Aardenburgo – local de criação do voleibol sentado –, onde teve o primeiro contato com pessoas com deficiência e com o esporte utilizado como meio para a reabilitação, conforme o modelo médico da deficiência. Depois de quatro meses, teve aulas e tornou-se um paciente instrutor. Por 40 anos, Tammo dedicou-se a treinar pessoas com deficiência (mental e física) como voluntário tanto no voleibol sentado quanto na natação. Expõe Tammo:

O Voleibol Sentado foi criado no Centro Militar de Reabilitação de “Aardenburg” em Door, província de Utrecht. Quando cheguei lá, os soldados feridos estavam jogando “Zitball”, também chamado Fistball. Era jogado com os punhos, os jogadores tinham posição fixa na quadra, a bola podia quicar uma vez no campo. Você não se movimenta muito. (SCHEER, 2021).

O voleibol sentado obteve grande adesão de praticantes e é considerado um esporte paralímpico popular, tendo experimentado uma rápida disseminação no mundo também a partir das ações organizadas por Pieter Joon⁸ (2021). Ele mesmo foi um representante dessa parcela da população por ter sido acometido por poliomielite. Ainda exerceu diversos cargos ligados às práticas corporais das pessoas com deficiência, como conselheiro da *International Stoke Mandeville Games Federation* (ISMGF); da *International Sports Organisation for Disabled* (ISOD) de 1981 a 1992; membro da *International Coordinating Committee* (ICC) e

⁸ Nota: informações obtidas em entrevista concedida à autora, por Pieter Joon, em fevereiro de 2021.

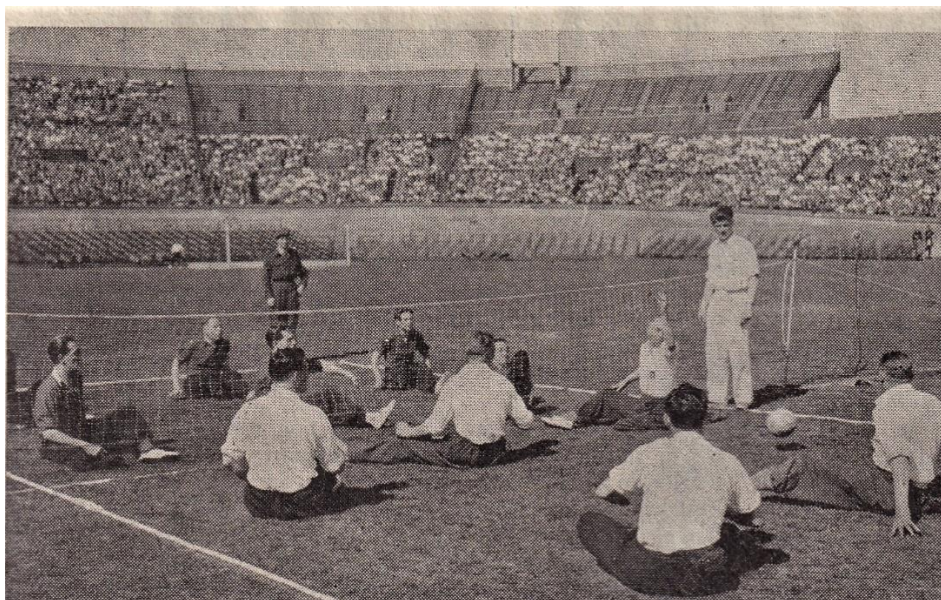
administrador, técnico, árbitro e atleta desta modalidade esportiva. Joon (2021) aponta o lema do voleibol sentado: *Participar sem limites. [...] É um esporte coletivo no qual jogadores com diferentes tipos de deficiência atuam. Para ele, o esporte é importante para todas as pessoas, especialmente as com deficiência.* Seus esforços foram voltados à colocação do voleibol sentado no circuito internacional do esporte para pessoas com deficiência, fundando a Organização Mundial de Voleibol para Deficientes (WOVD) e atuando como seu presidente de 1980 a 2001. Em 1982, Joon foi indicado pelo Conselho Nacional de Esportes para Pessoas com Deficiência da Holanda para compor um grupo de trabalho voltado ao desenvolvimento de um projeto de difusão e aperfeiçoamento da modalidade, utilizando, para tanto, recursos de um fundo internacional para esportes praticados por pessoas com deficiência, denominado *International Fund Sport for Disabled (IFSD)*, de 1981 a 1992. Havia o objetivo de criar uma melhor cooperação administrativa entre as quatro Federações Internacionais no interesse do desenvolvimento desportivo, beneficiando 110 países em quatro continentes, uma iniciativa imprescindível para colocação dessa prática corporal no rol dos esportes paralímpicos. A década de 1980 foi marcada pelo crescimento dessa prática corporal para pessoas com deficiência, realizado por meio de projetos de treinamento, patrocínio e apoio organizacional para o ICC e posteriormente o IPC, apoiados pelo IFSD, a partir dos esforços concentrados de Joon (2021), conforme exposto por ele:

O Voleibol Sentado foi projetado e praticado na Holanda. [...] A disseminação aconteceu primeiramente porque eu consegui convencer 9 países da Europa a aderirem à prática do Voleibol Sentado em detrimento de suas próprias modalidades. A segunda etapa foi um programa internacional de desenvolvimento do esporte em 1986 do “Fundo Internacional de Esportes para Deficientes”, do qual eu era membro do conselho. Com este projeto conseguimos espalhar o Voleibol Sentado nos 4 continentes, onde pudemos atingir pelo menos 110 países em todo o mundo. (PIETER JOON, 2021).

A estreia oficial do voleibol sentado na 6ª edição dos Jogos Paralímpicos ocorreu na Holanda (1980) no naipe masculino, após sua apresentação como demonstração na paralimpíada de Toronto, 1976, tendo Joon (2021) como uma peça fundamental nesse processo. Já a participação feminina em paralimpíada ocorreu somente 24 anos depois, em Atenas (2004). A apresentação oficial foi

realizada por seus idealizadores, no Estádio Olímpico de Amsterdã, dia cinco de maio de 1956, ocasião em que a partida foi arbitrada por Tammo van der Scheer, conforme registro fotográfico:

Figura 2 – Estreia do voleibol sentado



Fonte: Fotografia gentilmente cedida por Pieter Joon. Disponível em: <https://www.zitvolleybalnederland.nl/1956-het-begin.php>. Acesso em: 22 dez. 2021.

No Brasil, a modalidade foi introduzida por Ronaldo Gonçalves de Oliveira, em 2002, com 46 anos de defasagem em relação à data da estreia citada. O voleibol sentado começou a ser aqui praticado em Mogi das Cruzes, em torneio-teste organizado pelo professor Oliveira⁹, em entidade voltada para pessoas com deficiência, denominada Trabalho de Apoio ao Deficiente (TRADEF). A primeira equipe feminina brasileira a tomar parte em uma edição paralímpica estreou em Londres (2012). Nos Jogos Paralímpicos do Rio, em 2016, as brasileiras abriram o placar rumo ao pódio, ano em que a seleção sagrou-se medalhista de bronze, sendo que quatro integrantes desse time agora são participantes deste estudo. Oliveira (2021) explica que o interesse pela modalidade se deu em um contexto de busca por novidades pedagógicas:

A partir de um convite da minha professora da disciplina de Adaptados, que era a presidente da Tradef, para ministrar aulas de Educação Física Adaptada, vislumbrei como oportunidade de aprendizagem de

⁹ Entrevista concedida à doutoranda no dia 26 de abril de 2021, via correio eletrônico.

novas coisas e todas as minhas aulas foram consultadas no caderno do que aprendi na faculdade. [...] Em 2002, eu estava na instituição em que trabalhava, na cidade de Mogi das Cruzes (TRADEF) e depois de uma aula resolvi dar uma olhada na internet para ver algo sobre o Voleibol convencional. [...] Sem querer caí no sítio do World ParaVolley e vi as fotos do voleibol sentado o que me atraiu na hora, foi quando decidi que iria desenvolver a modalidade no Brasil. (OLIVEIRA, 2021).

Ao buscarmos o sentido histórico dessa prática corporal, encontramos uma produção humana saturada de significados e que sofreu modificação no seu paradigma: da reabilitação e interação de corpos mutilados e que, com essa expressão elaborada, progrediu para modalidade paralímpica. Observamos, a partir dos diálogos empreendidos com nossos entrevistados, que, embora atuando em frentes e em momentos históricos distintos, todos corroboram a ideia de mudanças nas concepções relativas ao corpo com deficiência, impulsionadas pelas redescobertas do potencial que o voleibol sentado oferece.

Em apertado resumo do teor das entrevistas, vemos que Tammo van der Scheer reconhece hoje que o voleibol sentado atingiu o ponto mais alto que o paradesporto pode alcançar, o *status* paralímpico, e mantendo sua essência de modalidade coletiva de aumentar os contatos sociais. Sendo assim, nossa análise nos permite responder à pergunta que ele mesmo nos fez: o que mais o voleibol sentado pode ser? Pode tornar-se uma disciplina acadêmica em que as lacunas existentes nos cursos de formação de professores de educação física, relacionadas com o preparo didático-pedagógico para lidar com essa parcela da comunidade, sejam ao menos minimizadas ante o desenvolvimento de uma proposta educacional inclusiva (direta e reversa) e que seus conteúdos signifiquem um tempo reflexivo sobre o nosso papel frente à realidade estatística apresentada pelo IBGE/2010 e pelo Relatório Mundial da Deficiência/2011.

Pieter Joon, por sua vez, atuou em várias frentes para impulsionar a difusão do voleibol sentado ao redor do mundo e afirma que essa modalidade tem todos os mecanismos de inclusão social e que, por ser um esporte coletivo, favorece a socialização cujo lema é participar sem limites. Como conselheiro de organismos internacionais, Joon influenciou a velocidade com que a modalidade se tornou conhecida no mundo e foi aceita no seleto grupo de modalidades paralímpicas.

Ronaldo Gonçalves de Oliveira, ao tomar a decisão de criar um torneio-teste

para apresentar o voleibol sentado em terreno brasileiro, não pôde imaginar que estaria inaugurando uma oportunidade para que corpos com deficiência experimentassem extrapolar as fronteiras do imobilismo e da exclusão social.

Todos são fatos de relevância incontestável para que, em cada contexto histórico, significassem oportunidades de esses corpos prosperarem, dado que sua condição física não representa impedimento para expansão de habilidades e de capacidades de interação social.

Porém, há uma menção necessária, considerando nosso objeto de estudo. O atraso histórico da participação das mulheres nas práticas corporais esportivas aparenta ter relação com um preconceito originado de uma proibição imposta desde a Grécia antiga (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008) em que as mulheres eram impedidas de frequentar os ambientes esportivos mesmo como espectadoras. Fato impactante, corroborado por outros estudos como o de Patay-Horváth (2017), diz respeito à rigidez das leis apontadas no regulamento dos jogos olímpicos antigos, prevendo pena de morte às mulheres casadas que se aventurassem a assistir às competições¹⁰.

Essa modalidade coletiva é disputada por duas equipes compostas por seis atletas titulares e seis reservas devidamente uniformizadas, sendo que um deles é o representante oficial do time, denominado capitão, único autorizado a se dirigir ao árbitro durante a partida e quando a bola estiver fora de jogo¹¹ para protestar contra alguma irregularidade ou conduta antidesportiva dos rivais. Os jogadores exercem funções especializadas de levantadores, atacantes e líbero (que joga somente no fundo da quadra e é especialista em defesa).

¹⁰ Relembremos que há, na história de nosso ordenamento jurídico, o registro de proibições semelhantes, a exemplo do artigo 54 do Decreto-Lei nº 3199, de 14 de abril de 1941, que estabelecia que “*Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país*”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 6 abr. 2021.

¹¹ A regra oficial estabelece que o capitão está autorizado a falar com o árbitro nessas situações para solicitar uma explicação na aplicação ou interpretação das regras, bem como para submeter os pedidos ou questionamentos de seus colegas de equipe. Se o capitão em jogo não concordar com a explicação do primeiro árbitro, ele pode protestar contra tal decisão imediatamente comunicando ao primeiro árbitro que ele reserva o direito de registrar um protesto oficial na súmula no final da partida. Disponível em: <http://cbvd.org.br/wp-content/uploads/2018/05/REGRAS-OFFICIAIS-2017-2020-CBVD.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2021.

O jogo se desenrola com o objetivo de enviar a bola por cima da rede com o fim de fazê-la tocar o chão da quadra adversária, em um espaço delimitado por dimensões de 10m x 6m, dividido ao meio por uma rede colocada verticalmente sobre a linha central (altura de 1,15m para homens e 1,05m para mulheres). A variação na altura da rede de acordo com o naipe é um critério que segue na tentativa de reduzir os efeitos da assimetria biológica (natureza) e vem para compensar a diferença nos atributos físicos desses corpos.

Em competições oficiais, o regulamento não permite que homens e mulheres joguem juntos, com a justificativa nas diferenças anatômica e fisiológica entre eles – tais como altura, peso, percentual de gordura, massa muscular, capacidade aeróbica e o limiar anaeróbico –, o que tem potencial de colocá-los em vantagem em hipotético confronto com mulheres. Considera-se assim o natural incremento de força e velocidade (por exemplo), quando comparados às mulheres em situações equivalentes. A rede pode ser tocada durante as jogadas, desde que não seja no bordo superior ou crie uma vantagem sobre a equipe adversária, nem interfira na ação do concorrente, impedindo-o de tocar a bola.

Figura 3 – Prática do voleibol sentado



Fonte: Maria Cristina Dourado (2020) /Arquivo Pessoal.

Neste terreno de jogo, acontece o que Huizinga (2003, p. 17) denomina de

“função significativa”, tornada aparente para nós quando ele diz: “No jogo há qualquer coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e que confere sentido à ação”. O sentido desse fenômeno cultural pode então ser captado em sua essência na expressão de diversão e êxtase vividos na ação atlética que se realiza na fronteira fluida do corpo individual e do corpo coletivo.

3.3 As regras do jogo

O equipamento fundamental do jogo de voleibol sentado é a bola, colocada em jogo a partir do saque, que pode ser bloqueado ou atacado pela equipe opositora. A principal dificuldade de quem inicia a aprendizagem da modalidade é desenvolver uma rápida reação frente ao deslocamento veloz da bola. As jogadas acontecem por meio do contato corporal com ela, realizado de maneira breve e recorrendo às técnicas como o toque, manchete, saque, bloqueio, cortada e/ou recurso. Ao longo da partida, o foco deve ser permanentemente mantido na bola, que não pode ser perdida de vista porque todas as ações corporais realizadas nesse espaço e tempo de jogo se dão em conformidade com seu fluxo.

Na partida esportiva, prevalecem as regras que são estabelecidas para garantir uma disputa equilibrada entre os competidores e prevenir um ambiente de oportunidades desiguais. Esse sistema normativo é imposto por organismos oficiais – como a Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes (CBVD) – e culmina na criação de um cenário conciliador entre o que se autoriza e o que se restringe no decorrer da prática corporal, dizendo que não se pode tudo, mas regendo a ampla liberdade dos atletas conforme as normas estabelecidas.

Dos competidores, exige-se conduta desportiva e jogo honesto (CBVD, 2017). As regras nesse sistema esportivo seguem a dinamicidade das modificações da sociedade, possibilitando suas graduais adequações e adaptações para manter a prática corporal sempre ativa e mantenedora de sua característica competitiva. Isso torna o jogo mais empolgante e atraente para os espectadores, especialmente no momento da pandemia em que se deu a pesquisa, visto que os jogos eram exclusivamente acompanhados por meios de comunicação.

A evolução das regras no voleibol sentado tem se dado com parcimônia, com a intenção de não o descaracterizar como uma prática que prestigie o desafio e a tentativa de sobrepujar tecnicamente o adversário (KWOK, 2012, p. 12). São estruturadas de maneira que harmonizem a situação corporal das jogadoras com as condições ambientais e seguem sendo adaptadas para atender às exigências de um público contemporâneo, ávido por apreciar ações estéticas e dinâmicas, ao mesmo tempo em que regulam e permitem a manutenção dessa prática corporal em seu leito definidor, caracterizador do voleibol sentado.

O sistema de obtenção do ponto é chamado *rally* – interstício entre o saque e o fim da jogada –, que se reinicia cada vez que uma das equipes vence uma sequência de ações. Quanto mais equiparado for o nível técnico das equipes em contenda, mais chances de os pontos serem disputados de maneira acirrada e os *rallies* serem prolongados, dando volume ao jogo. Partindo da posição sentada, é proibido ao atleta perder o contato dos glúteos com o solo no momento da execução do saque, do bloqueio ou do ataque, salvo exceções à defesa. Essa infração é chamada “*lifting*”, justamente para não descaracterizar a posição sentada.

Os concursos são disputados em melhor de cinco conjuntos de *rallies* denominados sets, obtendo a vitória a equipe que vencer três deles. Um set é vencido pela equipe que primeiro marcar 25 pontos com uma diferença mínima de dois pontos. No caso de empate em 2-2, o set decisivo (o quinto é chamado de *tie-break*) é jogado em 15 pontos com diferença de dois pontos. Uma curiosidade no voleibol sentado é que a equipe vencedora da partida pode ter uma soma total de pontos menor que a equipe derrotada.

As duas partes se defrontam perante um juiz imbuído de trabalhar no interesse da fluidez do jogo e em cooperação com os jogadores. Significa dizer que o árbitro não é alheio à disputa, mas a integra como pessoa incumbida de fazer valer o sistema normativo convencionado, que não é necessariamente o regulamento escrito, mas o definidor do voleibol sentado como uma prática corporal autônoma e distinta das demais. Assim, não basta ao árbitro dominar as regras: ele tem de conhecer o próprio *ethos* do esporte. Inclui-se em sua missão dirimir dúvidas que surgem das disputas e tomar as decisões que mitiguem a ocorrência de

irregularidades, inclusive aplicando advertências ou punições como forma de preservar a ordem, garantindo a qualidade técnica e o ambiente amistoso da solenidade. Como integrante desse sistema, o árbitro deve possuir formação em cursos administrados pelas confederações responsáveis e experiência com o próprio esporte. Além do árbitro principal – chamado de 1º árbitro –, há a contribuição de um corpo de arbitragem formado por 2º árbitro, juízes de linha, apontadores, mesários e os encarregados da operação do placar.

A súmula é o documento de registro oficial da competição, compilando todos os eventos que constituem a partida, tais como: local de realização, horário, equipes do certame, equipe de arbitragem, pontos das equipes, ordem do posicionamento das equipes, rodízio, substituições, as advertências em forma de cartões amarelo ou vermelho, bem como fatos de interesse (casos fortuitos ou de força maior, por exemplo) etc.

Cada equipe em quadra é formada por atletas divididos em dois níveis de classificação funcional aplicada em avaliação feita nos jogadores em competições oficiais: VS1 (pessoa com deficiência severa relacionada à locomoção, como um membro amputado) e VS2 (pessoa com deficiência leve, quase imperceptível, como, por exemplo, pequenas amputações de membro). Esse sistema é configurado pela combinação entre a análise médica e as peculiaridades das atletas (tipos de deficiência, capacidades, características) e cada equipe pode contar com apenas um jogador em quadra com classificação VS2. A equipe da ADAP tem seis jogadoras classificadas em VS1 e 3 em VS2.

O voleibol sentado é um jogo sem contato corporal entre os opositores, dinâmico, competitivo e divertido, em que cada jogada intenta resultar em ponto para uma das equipes do certame. Observamos, entretanto, que o toque físico é uma característica paradoxal do esporte, pois é proibido entre adversários, mas usual – e até incentivado – entre as companheiras, especialmente nas comemorações das vitórias. As ações explosivas realizadas durante uma disputa de ponto tornam a partida emocionante tanto para participantes quanto para torcida. Essas características desenvolvem nas jogadoras a força da parte superior do corpo, velocidade e resistência e habilidades mais complexas, como coordenação

visomotora, orientação espacial e velocidade de reação.

Durante a realização de todas as jogadas, existe a necessidade de comunicação tanto verbal como gestual entre participantes da mesma equipe, seja para combinar jogadas, seja para reorientar os possíveis erros de leitura do jogo por parte de parceiras do time ou para informar a identificação de áreas livres (vulneráveis) na quadra adversária ou de oponentes com maior dificuldade na execução correta das táticas ou técnicas.

No desenrolar de todas as ocorrências em campo, especialmente nas ações de ataque e de bloqueio, as demais jogadoras deverão dar suporte à ação da companheira de equipe, realizando a proteção do ataque e da defesa da própria equipe, respectivamente. São ações táticas que devem ser treinadas para que haja harmonia nas ações sinérgicas dentro do que o esporte em equipe demanda.

O fundamento técnico apontado como o de maior dificuldade na fase de aprendizagem é o deslocamento (unanimidade de resposta das participantes do estudo) e o que mais difere o voleibol sentado do voleibol convencional. A dificuldade técnica para além da disputa esportiva está justamente na necessidade de conjugar, de maneira sincronizada, o duplo emprego das mãos, ora para impulsionar o corpo, ora para efetuar o contato corporal breve com a bola na realização do gesto técnico, o que requer uma transição célere entre as duas atividades.

Várias ações e percepções estão em jogo, indicando a complexidade da prática corporal no ambiente em que se insere. Nesse sentido, elas envolvem: aprender a deslocar-se num determinado espaço que a cada momento se redefine e se reestrutura, colocando o corpo em movimento original, para estabelecer uma relação com as coisas circundantes que constituem esse sistema; tomar conhecimento da trajetória e velocidade da bola; observar a altura e a distância em que se encontra da rede; verificar se o bloqueio adversário está posicionado; assumir ativamente as ações motoras e selecionar as que lhe são adequadas à situação atual; e ainda empreender ações cujos tônus muscular, postura e força empregados dependem da percepção – fundada em experiências anteriores – da

posição que o próprio corpo ocupa na quadra.

De acordo com Scherpenzeel¹² (2021), a lição número 1 do voleibol sentado é a seguinte: “Coloque imediatamente as mãos de volta no chão para poder se mover”. Essa é a chamada posição de expectativa, postura que favorece a realização de uma rápida reação e de uma possível mudança de postura corporal na direção da bola, e que deve anteceder cada ação de jogo.

O deslocamento na quadra é gerado a partir do deslizamento das nádegas, usando os membros existentes para apoiar e impulsionar o corpo, especialmente os superiores, os quais, depois de liberados da função de apoio/movimentação, são empregados para execução das técnicas próprias exigidas em cada situação do jogo. Essa forma de se deslocar na quadra é particularmente diferente da mobilidade empregada em qualquer outra modalidade esportiva, tanto olímpica como paralímpica, e é indispensável o estímulo à aprendizagem desse fundamento em variadas direções e velocidades.

Arrastar-se no chão pode, a princípio, parecer uma técnica corporal rudimentar e pouco nobre, por acontecer em um patamar considerado baixo, “sujo” (o chão), podendo ser comparado ao do animal que rasteja na superfície, em analogia aos dizeres de Dagonet (2012, p. 23). Entretanto, a posição sentada coloca as pessoas acometidas por múltiplas deficiências – e mesmo as sem deficiência, como discutiremos – em condições iguais de realização dos fundamentos técnicos do voleibol sentado, quais são: saque, toque, manchete, bloqueio, cortada e deslocamento. Essa atividade de mobilidade peculiar ao voleibol sentado pode ser considerada um toque de originalidade e criatividade de seus idealizadores porque essa base de apoio corporal viabiliza a realização de ações de jogo possíveis ao corpo com deficiência e em condições de igualdade, transformando a prática esportiva em algo ao alcance de todas as pessoas.

Além das técnicas corporais específicas do voleibol sentado, ainda podem

¹² Treinador de voleibol sentado e treinador de treinadores de voleibol sentado iniciantes na Holanda. Disponível em: <https://www.zitvolleybalnederland.nl/interview-pim-scherpenzeel.php>. Acesso em: 27 abr. 2021.

ser utilizados os recursos para salvar uma bola em substituição à habilidade específica. Estes, de acordo com Bizzocchi (2016), são variações que fogem do padrão motor dos gestos ou de movimentos básicos e que podem ser explorados durante o jogo sem estar incluídos no rol de fundamentos técnicos próprios da modalidade. Existem os recursos de ataque, de defesa, do levantamento, do saque e do bloqueio que podem ser observados dentro da margem ilimitada de criatividade que cada jogador pode realizar.

Quando comparado ao voleibol convencional, podemos observar que as proporções menores da quadra tornam o jogo de voleibol sentado acelerado, exigindo das jogadoras um bom julgamento da trajetória e da velocidade da bola e a interpretação das situações do jogo para decidir o que fazer em um curto espaço de tempo, permitindo às jogadoras, assim, a mais perfeita demonstração da qualidade de suas habilidades corporais. A curta distância da rede para o solo facilita o alcance da bola no alvo (solo), exigindo movimentação precisa e célere para a realização da defesa.

A amputação é a deficiência predominante no grupo estudado, situação corroborada em investigação realizada por Silva (2013). Essa condição corporal tende a colocar as jogadoras que possuem apenas uma das pernas em situação de vantagem, especialmente no que diz respeito à velocidade empregada no deslocamento, consequência da redução do peso corporal e da definição da perna de impulsão. A regra exige que todas as jogadoras com amputação devem retirar suas próteses para disputar a partida porque, segundo as regras oficiais (4.5.1): “É proibido usar objetos que possam causar lesão ou que proporcionem uma vantagem artificial injusta ao jogador” (CBVD, 2017, p. 14).

A educação fundamental das técnicas significa fazer adaptar o corpo a seu uso (MAUSS, 2017). Desenvolver a capacidade de se deslocar na quadra na posição sentada, utilizando os braços como substitutos à função das pernas, foge dos padrões de bipedia e exige que essas habilidades sejam aprendidas, apreendidas – interiorizadas, segundo Polanyi (1965) – e aperfeiçoadas, com predomínio da educação da gestualidade específica. É uma aprendizagem adquirida pela educação da técnica do corpo e que exige adaptação corporal a um

estilo inusitado de se locomover no espaço. Conforme Nóbrega (2019), essas aprendizagens promovem uma reorganização das corporeidades, tornando-o adequado a lidar com situações que se apresentam.

Virilio (1976 apud LE BRETON, 2013b, p. 21) ratifica que somos hoje uma “humanidade sentada”, ao criticar a restrição de atividades físicas refletindo na existência dos indivíduos. Em contraponto, o voleibol sentado se apresenta como forma de reinvenção da soberania corporal ao potencializar a realização de ações técnicas e encontrar sentido no mundo ao ampliar a capacidade de empreender iniciativas sobre o real. Ainda é uma forma de realização pessoal incidindo na motivação e no prazer do esforço, dentro da originalidade de deslocamento em posição sentada.

O voleibol sentado vem dissolver a aparente contradição entre esporte e corpo com deficiência, entre posição sentada e prática esportiva e, ainda, entre o individual e o social. Assim, as jogadoras participam ativamente do jogo por meio de seus corpos, em ações coordenadas entre si, reconhecendo-se como corpos explosivos, expressando sua intencionalidade e se antecipando às intenções das adversárias. Seus corpos – implicados como um todo nessa experiência esportiva que somente pode ser vivida pela corporeidade – reforçam o significado do esporte como uma referência ao impulso existencial em antítese às premissas arraigadas no corpo com deficiência como sendo “incapaz”.

Essa percepção pode ser identificada na experiência com o voleibol sentado no que respeita ao nexo da corporeidade e o esporte para pessoas com deficiência, confrontando a associação equivocada de que o corpo com deficiência é naturalmente incapacitado. Nesse caso, a deficiência não é necessariamente fator desencadeador de desigualdade entre participantes. Ao contrário, Joon (2021) expõe que o que os distingue é a qualidade técnica adquirida mediante sua própria capacidade de agir no mundo, amplificada pela intensidade, regularidade e volume dos treinamentos.

Em coerência com a singularidade de cada corporeidade e para além da discussão relativa ao nível técnico-tático de cada paratleta, é importante

contextualizar essa afirmação de Pieter Joon. Ele é um crítico do sistema de classificação que exige a participação, em cada equipe, de pessoas com níveis de deficiência distintos (vide considerações acima). A ideia de Joon para o voleibol sentado é “participar sem limites”, esclarecendo que essa prática corporal não tem como enfoque a deficiência. Isso também deve ser lido sob a ótica histórica e cultural do desenvolvimento do esporte – que contou com intensa atuação de Joon –, pois o voleibol sentado não apaga a deficiência, mas, ao contrário, essa característica é condição da existência da própria prática corporal. De fato, o ethos da modalidade é lastreado na potencialidade de cada praticante em sua relação com a equipe e com o jogo e na aquisição do domínio das técnicas próprias da atividade, não em suas dificuldades, provocadas ou não pelas deficiências. Entretanto, usualmente se ouve nesse ambiente – e em tom de bom humor – que “quem tem duas pernas tem pernas demais”, expondo que o voleibol sentado, especialmente em competições de alto nível, esbarra em contradições, situando-se na linha entre inclusão e segregação.

A esse respeito, Tulipa (2020) declarou em entrevista:

Depois da minha última cirurgia eu fiquei com uma limitação maior. Isso me atrapalha muito no dia a dia, porque o dia a dia não foi feito para uma pessoa com deficiência. Eu tenho uma certa resistência em estar com a perna do jeito que eu tenho hoje porque ela não dobra e às vezes eu sinto que ela me limita. [...] Eu vivo nesse dilema assim, se eu mantenho a minha perna ou se eu quero amputar a minha perna e aí é uma questão mecânica que o meu corpo é muito curto, por isso que eu nunca amputei.

A desaprovação às características corporais de pessoas com deficiência, designando-as como desqualificadas e adjetivando-as como deficientes, inválidas e indesejáveis, evidencia um tipo de relação que traz consequências como a negação ou invisibilização de corpos, sejam eles com deficiência ou mesmo de mulheres. Goffman (1981) enuncia uma interessante contribuição para a compreensão da noção do estigma dirigido ao corpo dessas pessoas, notadamente, no caso em tela, voltado à interpretação dos fatores relacionados à estigmatização do corpo de mulheres com deficiência, que é, muitas vezes, depreciado em contextos sociais determinados ou no contato com as denominadas pessoas normais. Com base em Goffman (1981), admitimos que, por vezes, são

construídos olhares que funcionam como um verdadeiro marcador social no acesso e na inserção social de pessoas com deficiência.

A situação apontada por Goffman (1981) é confirmada por Elisa (2021) nesta declaração:

Preconceito? Da parte de homem eu sempre achei, principalmente em relacionamento. Acho que sempre teve. Como falei para você fiz algumas experiências. Quando eu saía, tinha dia que eu falava assim: Hoje eu vou falar de primeira. Aí não tem um segundo encontro. Quando eu falava no segundo, não tinha o terceiro. [...] eu sempre sentei quando eu saio, porque eu não gosto que a pessoa sente do meu lado esquerdo, porque vai acontecer de pegar na minha perna, ele vai sentir a minha joelheira, aí, até eu explicar que nariz de porco não é tomada, kkkkk. Então eu evito, evito muito. Quando eu vou sentar em algum lugar, eu deixo o meu lado esquerdo onde não tem cadeira, pra sentar do meu lado direito. Eu tenho isso até hoje. Não sei se um dia vou conseguir me livrar disso. Conta primeiro, pra pessoa encostar e não se assustar.

Ao abordar a questão da condição da deficiência dos corpos de mulheres jogadoras de voleibol sentado, Oliveira (2021) sinaliza em sentido contrário que, na prática dessa modalidade, *atletas adquirem um tipo de postura perante a sociedade bastante altruísta [...] passando a aceitar a possibilidade de algumas vezes não utilizarem a prótese e mesmo assim se sentirem felizes e atraentes para a sociedade*. Segue afirmando que *o esporte, em geral, facilita esta compreensão e desmistifica a ideia de que a mulher com deficiência não é atraente*. Essa abordagem foi corroborada pelas narrativas das integrantes da equipe estudada, oportunidade em que as participantes da pesquisa declararam que as desvantagens sociais que lhe são impostas não são exclusivamente decorrentes de suas condições corporais.

O voleibol sentado se apresenta como um fenômeno cultural, evento de expressão corporal em seus movimentos atléticos, e pode ser observado como uma via de acesso para a compreensão da sociedade e de suas características preponderantes, à medida que representa uma síntese do conjunto social, auxiliando na identificação e no entendimento dos fundamentos e das ambivalências que configuram a vida social. Joon (2021) indica que o voleibol sentado *é um esporte aberto como espelho da sociedade*, baseando sua argumentação na existência de paradoxos revelados nesta modalidade, a exemplo

dos princípios de inclusão e de exclusão como fatores presentes na vida social em seu conjunto. Essa prática corporal expõe a inadequação da antítese entre o corpo com deficiência, o alto desempenho e a qualidade estética do jogo, subvertendo uma lógica preconizada de que o esporte para pessoas com deficiência seria inferior em qualidade técnica e ou diminuto em possibilidades de atração para o público e de exposição na mídia.

Argumentamos que não seria contraditório apontar que esses corpos disciplinados gozam de uma liberdade jamais experimentada para realizar os gestos padronizados desta cultura esportiva. Consideram-se assim as condições deixadas em aberto pelas regras nesse ambiente desafiador, em que elas desempenham com alegria e qualidade estética a sua performance diante de um público apreciador.

3.3 O voleibol sentado como sistema adaptativo complexo

Pretendemos, neste item, caracterizar o voleibol sentado identificando as noções dos Sistemas Adaptativos Complexos (GELL-MANN, 1994). E então, a partir de suas propriedades, compreendê-lo como um sistema composto por outros sistemas (jogadores, árbitro, torcida, ambiente etc.) cujos componentes interagem e se influenciam mutuamente, adaptando-se para alcance dos objetivos do jogo. Essa compreensão auxiliará no entendimento de que o voleibol sentado – como um sistema em si, aberto e estimulador do intercâmbio que ocorre entre todos os seus componentes – interfere na constituição das corporeidades e na impressão dos significados singulares em cada participante, por meio das tradições e rituais que ocorrem no desenvolvimento dessa prática corporal.

O voleibol sentado pode ser considerado um esporte paradoxal: ao mesmo tempo em que inicialmente está associado a uma atividade mais simples, idealizada para pessoas com algum tipo de dificuldade de locomoção – e tidas como menos capazes ou habilidosas –, é uma prática corporal que é etimológica, sistêmica e literalmente complexa. Isso porque envolve dupla função de membros superiores na conjugação e alternância de movimentos de deslocamento e de realização das ações técnicas próprias como toque, cortadas, passes etc. Impõe ainda a permanente

necessidade de suas jogadoras trocarem informações entre si e com o ambiente, permanecerem abertas à novidade que insiste em aparecer (MORIN, 2015), bem como força à criação, modificação e adaptação de esquemas tanto do indivíduo (“parte” do time) quanto do grupo (o “todo”) em relações de interdependência que ocorrem internamente (colaboração entre as jogadoras do mesmo time), externamente (com jogadoras adversárias) e influenciadas pelo ambiente (a preparação, o treinamento, a quadra, o técnico, a torcida, os árbitros, as regras, o clima etc.). Essas características permitem conceituar essa prática corporal como um sistema adaptativo complexo, ou SAC (GELL-MANN, 1994).

Para expandir a caracterização do voleibol sentado como um SAC composto por outros SACs, queremos identificar os corpos de mulheres com deficiência jogadoras da ADAP como sistemas adaptativos complexos em si. Esses corpos – que são “todos” em sua individualidade – obtêm informações e aprendem trocando experiências entre si, com as mútuas influências, nas interações sinérgicas e antagônicas com outros corpos, por meio de repasses de informação e de energia entre as jogadoras e com o ambiente. Para tanto, são utilizados esquemas criados, ensinados e ou descobertos (estilos pessoais, táticas, movimentos inusitados, técnicas etc.) que possibilitam o uso do corpo com deficiência frente aos desafios, aos conflitos inerentes à disputa dentro do ambiente do jogo. Desse modo, esses esquemas são modificados e/ou abandonados quando não se mostram mais aptos a permitir que prosperem na competição (a finalidade desse sistema). E tudo isso mediante um conjunto de regras que estabelece os limites e possibilidades de atuação do indivíduo e da coletividade nessa prática corporal. Somente com o reconhecimento dessa premissa torna-se possível extrair o verdadeiro *ethos* do voleibol sentado.

A palavra de origem grega *ethos* traz a ideia de caráter de um SAC, do seu modo particular de ser e de viver, seja de um indivíduo, seja de uma coletividade. Carrega em si a ideia de que um sistema tem características que o distinguem de outros sistemas semelhantes. Assim, como exemplo, o *ethos* do voleibol sentado é distinto do *ethos* do futebol ou do *rúgbi*. Sua essência é diferente da de outras modalidades porque mostra a potencialidade dos seres humanos como capazes de cumprir o princípio nivelador das condições para o desempenho atlético: jogar na

posição sentada, contrariando a lógica da incompatibilidade aparente de praticar esporte de base de apoio corporal diferente da usualmente bípede na cultura esportiva.

Há uma emergência criadora em que a comparação do voleibol tradicional com o voleibol sentado encontra-se apenas no nome. Trata-se de uma prática corporal autônoma produzida a partir do contexto sociocultural que fez surgir outra gama de princípios organizadores, distintos da modalidade historicamente consolidada, que vem acompanhada de características positivas e negativas inerentes a qualquer criação humana. Identificamos o voleibol sentado como uma expressão de um modo singular de ser, ver e habitar o mundo, trazendo oportunidades de experimentar distintas técnicas corporais no sentido do movimentar-se.

Podemos ponderar como uma inversão da lógica da deficiência quando uma jogadora com amputação de um de seus membros inferiores é considerada em situação de vantagem em termos de velocidade no deslocamento, quando comparada a uma que tenha as duas pernas, o que configura uma característica importante do contexto particular do voleibol sentado. O que pode ser confirmado por Silva (2013, p. 10) ao lembrar que: “[...] a prática atesta que “muitas pernas” pode realmente ser um obstáculo para a facilidade do movimento no voleibol sentado”. O tempo e o espaço do voleibol sentado vêm antagonizar as hierarquias corporais orientadas por crenças de que os corpos com deficiência são naturalmente menos capazes de experimentar o alcance da performance esportiva.

E qual é essa essência? Quais são os valores que definem o voleibol sentado como um sistema complexo diferente de outras práticas corporais, mesmo as que são voltadas a essa parcela da população rotulada como “pessoas com deficiência”, como o basquete em cadeira de rodas, a natação ou o atletismo paralímpicos?

Conseguimos extrair das entrevistas alguns valores, como a igualdade de oportunidades, os princípios da inclusão, da coletividade e do respeito, que pavimentam a construção de uma identidade para essa prática corporal para além de outras voltadas às pessoas com deficiência. Pieter Joon (2021) afirma que o voleibol sentado preconiza a igualdade, pois o que identificamos é que, conforme as regras

estabelecidas, as jogadoras conseguem prosperar no jogo quando adquirem domínio das técnicas esportivas mediante treinamento adequado, não em razão do nível de limitação física. A essência, portanto, é a demonstração de que a ideia de deficiência está intrinsecamente vinculada à noção de adesão dos participantes a um sistema normativo que prestigia um ou outro ator social. Isso que permite, por exemplo, que uma praticante com deficiência se sobreponha tecnicamente a uma pessoa em condição física típica.

Sob esse prisma, o voleibol sentado é uma prática corporal que tem o potencial de promover a inclusão no lugar de benevolência ou condolência ao colocar a ênfase no potencial humano e não na deficiência. A jogadora Elisa (2020) identifica o voleibol sentado como uma oportunidade de *mudança na forma de ver as coisas e de enxergar a si mesma. [...] O esporte me transformou. [...] Estou aprendendo a amar o meu corpo.*

Este conceito converge com a perspectiva de Le Breton (2012, p. 92), segundo a qual o corpo é colocado na interface do social e do individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico. Corrobora-se assim a tríplice consideração de Mauss (2017, p. 425) do corpo como fato social total, trazido por ele para que fosse possível ter uma visão do corpo em conjunto condicionado por estes três elementos – biológico, sociológico e psicológico – misturados de maneira inextricável. Podemos, com essas noções, reafirmar a capacidade adaptativa desses corpos aos ambientes esportivos, coordenando os elementos para realizar os movimentos ou gestos adquiridos nas ações de jogo, afinados com o objetivo de prosperar.

Embora possamos extrair das afirmações de Silva (2013) que o *ethos* do voleibol sentado consubstanciar-se-ia em promover o desenvolvimento pessoal de participantes diante da oferta de oportunidades iguais para todos, permitindo expandir suas capacidades e suas potencialidades, ousamos recuar alguns passos para caracterizar, como âmago dessa prática corporal, a ação de *incluir*, pois lida não apenas com a inserção de pessoas com deficiência, mas com a inclusão de pessoas independentemente da gravidade dessa deficiência. E essa essência é destacada por Joon (2021) ao afirmar que: *O voleibol sentado possui todos os mecanismos de*

inclusão social. [...] O esporte cumpre, portanto, uma importante função social. [...] O voleibol sentado não tem como foco a deficiência, mas a experiência esportiva. Essa prática corporal prestigia, portanto, a qualidade técnica do praticante, não jogando luz no nível da deficiência do jogador.

O voleibol sentado subverte a lógica associada à experiência do corpo com deficiência no contexto da cultura esportiva, consistente em uma baixa expectativa em relação à atratividade e às capacidades e habilidades dos praticantes, o que pode ser ponderado por ter sido originado no contexto histórico de reabilitação em sua fase embrionária. Como observa Joon (2021), *A coisa fenomenal sobre o jogo é que a deficiência não desempenha nenhum papel e é até mesmo invisível*, considerando que tal prática corporal complexa, ao contrário, demanda movimentos sofisticados e plásticos, como também proporciona jogos dinâmicos, divertidos e atraentes ao público (e aos praticantes). Como já discutido, essa posição de Joon deve ser lida no contexto de sua ideia de participação sem limites, em que a prática corporal desenvolver-se-ia sem discriminação do nível de deficiência definida por critérios de classificação funcional estabelecidos por organismos internacionais.

Identificadas as propriedades dos sistemas adaptativos complexos, exploraremos a corporeidade de mulheres com deficiência a partir das ideias extraídas neste capítulo, caminhando para a revisão de seus sentidos e os significados dos corpos em análise como tendo sido forjados nas relações com outros corpos com e sem deficiência. Consideramos assim seus valores, hábitos e simbolismos, experimentados intencionalmente, sobretudo no ambiente paradesportivo.

4 DA ANATOMIA À SOCIOLOGIA: A CORPOREIDADE DE MULHERES JOGADORAS DE VOLEIBOL SENTADO

Temos por objetivo, neste capítulo, interpretar a corporeidade de mulheres praticantes de voleibol sentado acerca de seus corpos e potencialidades, com relação às dimensões intersubjetivas e sociais, isto é, a relação consigo, com o outro e com o mundo. Nesse sentido, partimos da imagem corporal que foi sendo reconstruída e como elas foram se adaptando para lidar com as modificações do ambiente e com as exigências apresentadas nas situações da vida social.

A imagem corporal envolve a forma como o sujeito constrói sua própria configuração, sendo, concomitantemente, física, psicológica e social, e ainda crucial na maneira como se autopercepção, experiencia e expressa corporalmente as emoções. Nessa direção, Ferreira (2006, p. 141) nos diz que “As pessoas apresentam tendência para perceber os seus corpos como se estivessem a olhar para um espelho e a observar o reflexo de sua imagem em termos sociais e de preconceito”. Chama atenção para a importância do papel que a autopercepção desempenha no estabelecimento dos diferentes estados psicológicos, responsabilizando-os ainda pelos sentimentos que cada indivíduo apresenta de sua própria capacidade e potência de ação. Para Gonçalves (1994), a imagem corporal está na raiz do processo de formação da própria identidade.

Funcionando como um sistema aberto na relação com o mundo, a imagem corporal pode ser transformada mediante novas experiências, incluindo aí as verbais. Diante desse dinamismo, Gonçalves (1994, p. 106) empreende um esforço de “desvelar sua raiz ontológica, captando seu sentido na totalidade do homem”. Para isso, ela se apoia no conceito de “corpo-próprio” de Merleau-Ponty (1980) e de “imagem corporal” de Rincón (1971). A perspectiva dessa autora é importante para pensarmos o sentido do movimento humano na relação de interdependência existente entre executor e a intencionalidade definida pela circunstância (mundo do jogo). Nesse encontro, pode ser compreendido o sentido da objetividade e da subjetividade manifestados na unidade existencial imersa no todo social:

O movimento humano é uma totalidade dinâmica, que se reestrutura, a cada instante em função de dois pólos: homem e mundo. [...] Em

todo movimento, o sujeito que o executa forma com o objetivo (arremessar no alvo), uma totalidade que se reestrutura a cada instante, conforme se modifica a percepção do objetivo, do próprio sujeito que arremessa, do objeto a ser arremessado e da mútua relação. (GONÇALVES, 1994, p. 147).

Como visto, nossa compreensão da unidade do homem encontra apoio em Gonçalves (1994), que reconhece que o corpo e o movimento estão integrados na totalidade do ser humano. As diferenças nas formas de significar o mundo, possibilitadas a partir da percepção, são o que vem a se constituir em liberdade de ação nas jogadas, dentro da relativa margem de autonomia nas tomadas de decisão individuais que integram o jogo.

A complexidade que envolve a experiência com a deficiência ficou evidenciada no grupo, principalmente nos momentos que sucederam à identificação e confirmação da realidade de modificação corporal, a maioria de amputação de membros, que foi vivida inicialmente como um episódio trágico por ter acarretado danos físicos, psicológicos e sociais (ZANONA, 2014, 2018) e ter alterado a qualidade de vida e a funcionalidade desses corpos na realização de atividades do cotidiano. Os depoimentos de Sofia e Rosa confirmam essa situação. Para Sofia (2020), *meu mundo ia acabar. Foi um choque terrível!*. Rosa (2020) reforça: *olha, no início eu achava assim... eu me via como se não conseguisse fazer mais nada. Quando me tornei deficiente, eu me vi como se eu não existisse mais. Atualmente, as participantes adaptaram-se às suas condições corporais e se veem como normais.*

O termo adaptação corporal aqui utilizado faz referência direta à reestruturação dos modos de experimentar o mundo inerente a qualquer pessoa, mas especialmente com o novo corpo, essa entidade cambiante que nos permite considerar substancialmente toda forma de ser e estar na vida como legítima. Rosa (2020) nos confirma: *[...] aos poucos fui lutando e tentando me adaptar às minhas deficiências, às minhas limitações, e assim eu conheci o voleibol sentado. Então, de repente, eu consegui me ver de novo.* Em coerência com a correlação feita entre voleibol sentado e sistemas adaptativos complexos, entendemos importante buscar a origem dessa expressão utilizada por Rosa, afastando compreensões

descontextualizadas no emprego desse conceito.

A necessidade de adaptação é uma exigência de qualquer sistema vivo e ele assim se mantém porque adquire estabilidade (homeostase) no desequilíbrio, trocando energia, matéria e informação com o ambiente e com outros seres vivos. Em sentido inverso à compreensão de ajustar o corpo com deficiência à estrutura social, aqui a palavra adaptar é utilizada em seu significado semântico de se tornar apto a um fim. É o que ocorre com o corpo tanto diante do confronto com um adversário em um jogo, como no caso da perda do membro. Em ambos os casos, o corpo se reorganiza e influencia os outros e o ambiente ao redor, buscando a prontidão para lidar com a realidade com a qual se defronta. Assim, a experiência atlética tem o potencial de despertar a consciência de que o corpo com deficiência não está condenado à imobilidade, em antítese às representações sociais de que este, per si, apresenta-se automaticamente diminuído em seu desempenho esportivo ou que a sociedade não tenha de promover a inclusão dessa parcela da população.

O meio ambiente do paradesporto apresentou possibilidades reais de desenvolvimento dos potenciais e que desencadearam mudanças nas percepções – antes essencialmente negativas – de seus corpos a partir da descoberta de dotes atléticos e da partilha de experiências com pessoas que vivenciaram as mesmas situações dolorosas. Favoreceu-se o surgimento da noção de pertencimento gerado pelo ingresso em um grupo cujas integrantes apresentavam as mesmas características e isso possibilitou também a convivência com pessoas com níveis mais graves de comprometimento corporal.

Quando perguntadas sobre o que significa participar da equipe da ADAP, Tulipa (2020) disse que:

Eu fico muito feliz de pertencer. Eu me sinto pertencente ao grupo, fui bem acolhida, mas eu fui tão bem recebida, tão bem acolhida que e falei: Eu pertenço a esse time, eu pertenço a esse grupo. Eu fui tão bem acolhida aqui que você vendo o nosso dia a dia, você vê como é gostoso, como é um dia divertido. Eu quero ser desse time, me senti pertencente. Eu me sinto realmente muito feliz por fazer parte desse time. Foi a modalidade que me fez enxergar que eu pertenço a um grupo e esse grupo, realmente de pessoas com deficiência.

Rosa (2020) respondeu:

Olha eu considero que é uma honra estar na equipe, porque foi a partir dela que eu tive a oportunidade de ir para a seleção. Eu fui muito bem recebida, todo mundo quando eu cheguei me ajudou, me deu a mão, me ensinou, assim... a gente briga às vezes, mas isso é normal. São várias mulheres, todas ali e um espaço muito pequeno tendo que debater tudo. A gente passa muito tempo juntas. [...] O vôlei sentado foi o ponto x da virada da minha vida. [...] foi uma mudança completa em minha vida.

Flor (2020) declarou:

Eu me achei. Porque foi bem rápido depois do acidente, depois de três meses eu estava protetizada. Acho que com uns sete meses depois, mais ou menos eu conheci o voleibol sentado. Já conheci o Guedes, conheci as meninas. Aí, eu vi, gente, que meu mundo não acabou. Não é só eu que estou nessa situação. Eu não sou a única mulher deficiente nesse mundo, tem várias, outros tipos de deficiência, outras pessoas, mas meus olhos não estavam abertos para ver. [...] Vi que não era só eu. O voleibol sentado abriu portas para mim conhecer o lado da pessoa com deficiência, conhecer o outro lado. Conhecer o mundo também. O voleibol sentado para mim, foi, é o meu tudo hoje. O que eu sou hoje, graças ao voleibol sentado. Eu sou fisioterapeuta, conheci o mundo todo, sou atleta paralímpica, medalhista, então assim... graças às pessoas que me envolveram, meu técnico Guedes, as atletas que me acolheram desde o início.

Esse acolhimento do e pelo grupo é uma forma de fortalecer o senso de pertencimento ao grupo. O efeito positivo dessas experiências nas participantes possibilitou a compreensão de que elas são interdependentes umas das outras e o componente afetivo daí decorrente influenciou no engajamento pessoal e nas responsabilidades que cada uma assumiu para a prosperidade coletiva. Essa é uma perspectiva inerente à estruturação dos processos grupais:

O trabalho em grupo tem um enorme potencial para prover suporte emocional e real para os indivíduos, reduzir o risco de isolamento, estimular a troca de experiências, oferecer oportunidades para o desenvolvimento das habilidades pessoais e sociais, ser base para o processo de conscientização, de engajamento em iniciativas de ação social e política, militância e mobilizações em geral. (VASCONCELOS, 2003, p. 270).

Todas as participantes declararam não ter mais suas ações cotidianas limitadas diante da condição corporal modificada. Sendo assim, afirmaram que realizam diariamente afazeres domésticos, esportivos, laborais, acadêmicos, têm vida sexual regular, três delas têm filhos, dirigem (automóveis adaptados e/ou

automáticos) e participam de atividades culturais, de lazer e na natureza.

Tudo decorre de ajustes às condições que foram impostas pela deficiência e pelas barreiras estruturais inerentes a um ambiente não inclusivo. *A deficiência muda a rotina, muda a nossa vida, muda tudo* (Mariazinha, 2020). Ao se descobrir com deficiência, Mariazinha entrou em depressão, tentou se enforçar. Com a entrada no mundo do voleibol sentado, houve uma modificação brusca na forma de enxergar a vida: *Foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida. A maior satisfação é estar dentro de uma quadra.*

No mesmo sentido, Tulipa (2020) vem nos dizer: *Eu não deixo de fazer as minhas coisas, tento me adaptar e fazer de outra forma, mas não deixo de fazer.* Uma delas até mesmo se aventurou em voltar a pilotar moto, apesar de ter sua deficiência provocada por acidente nesse tipo de veículo, com a consequente amputação de membro. O que percebemos é que houve um processo de adaptação gradual às novas formas corporais, que foi acelerado com a entrada no universo esportivo, como podemos confirmar nos dizeres de Flor-de-Maio (2020): *Por ter oportunidade e saber que você é capaz, então você vai adequando. Com o passar do tempo você consegue fazer os ajustes.*

Passado o momento crítico da fase inicial (choque), elas foram fazendo ajustes em suas condutas corporais para que voltasse a ser possível fazer tudo o que fazem rotineiramente, ainda que de outra maneira. *Eu nunca deixei de fazer as coisas, eu me adaptava e eu fazia. Eu corria atrás do meu jeito*, afirma Tulipa (2020). Declara Sofia (2020): *Eu sou capaz de fazer o que eu quero.*

A integração na equipe da ADAP transformou significativamente a vida das participantes da investigação. Foi uma virada ontológica. Todas afirmaram que o voleibol sentado tem o potencial para promover uma mudança na vida, o que houve foi apenas *uma adaptação corporal a seu favor que te permite realizar coisas que não acreditava ser capaz* (Cristal, 2020); *liberdade para fazer aquilo que gosta e mudança na forma de se enxergar* (Elisa, 2020); *Consegui me ver novamente. Me vejo mais dona de mim, mais independente* (Rosa, 2020).

A reestruturação da vida das participantes foi impulsionada principalmente após terem tido a oportunidade de conhecer o universo paradesportivo. Algumas relataram modificação na percepção de seus corpos: *Eu me aceito mais. Eu me vejo mais no espelho. Eu me olho mais* (Flor-de-Maio, 2020). Fato corroborado por postagens em redes sociais (Instagram) em que exibiram seus corpos, enaltecendo em fotografias e dizeres como *orgulho de ser deficiente* (Sofia, 2020).

Outro aspecto significativo relatado por todas as participantes diz respeito ao convívio social positivo experimentado a partir da integração na equipe. Sofia, Flor, Flor-de-Maio, Mariazinha (2020) nos informaram que a equipe é uma família: *sou feliz por ter essa família*, diz Sofia e é seguida por Flor “*nós somos uma família*”. Cristal nos fala dos valores que permeiam as relações intragrupo, como *cumplicidade, companheirismo e solidariedade*, e Flor diz que é *empatia*.

Foi possível observar que essas relações sociais extrapolam o ambiente de treino, onde passam a maior parte do tempo muito concentradas na realização das ações físicas, técnicas e táticas. Pudemos constatar que prevalece um clima de cordialidade e camaradagem entre elas, diante da atmosfera de respeito que impera, mas ao mesmo tempo têm liberdade entre si de fazer piadas, inclusive sobre as deficiências. Também existem as divergências ideológicas, os conflitos pessoais, as competições entre si e as contradições que são minimizadas a partir do posicionamento do técnico.

Quanto às corporeidades, não foi possível observar menosprezo por seus corpos. Ao contrário, várias declararam ter orgulho de seus corpos com deficiência, diante das possibilidades de terem se tornado paratletas, de desenvolverem capacidades físicas e habilidades motoras para participar de uma equipe que é a segunda melhor do Brasil. As que são do alto rendimento – por poderem representar o Brasil em competições oficiais – conheceram vários lugares do mundo, estreitaram laços com pessoas de equipes internacionais e têm mais oportunidades de melhorar seus níveis técnicos e de aperfeiçoar as táticas de jogo.

A fala de Elisa (2020) indica que houve mudança na autopercepção:

O esporte abre essa porta para você se conhecer. Porque você vai

olhar o corpo de outra pessoa que é deficiente ou até mesmo ver que é mais severa que a sua, mas você vê a alegria daquela pessoa em estar viva. Isso me mostrou que eu devia viver sem me esconder. [...] mas eu passei a trabalhar essa aceitação e mostrar para as pessoas que eu era uma pessoa com deficiência e que eu estava aprendendo a amar o meu corpo daquela forma. Agora eu vejo o meu corpo, não sei, sou apaixonada pelo meu corpo do jeito que ele é, com a amputação. Eu passei a amar o meu corpo [...] eu passei a valorizar, passei a gostar de ver meu corpo mudar com a atividade física. Hoje acho meu corpo muito mais bonito do que quando ele era mais perfeito.

As maneiras de fazer e experimentar essa prática corporal por meio da realização, com rapidez e segurança de seus gestos técnicos particulares e técnicas sofisticadas que lhes são exclusivas, ultrapassam a subordinação motora da execução ao pensamento, obedecem a seu estatuto e as engajam no mundo esportivo num misto de elegância técnica e de autoridade existencial.

Para Flor (2020), que é atleta medalhista de bronze nas Paralimpíadas do Rio/2016 e de Tóquio/2020, o corpo é a representação de si, é a imagem que ela tem de si mesma: *meu corpo representa o que eu sou hoje. Meu corpo é o que eu sou.* E continua: *Depois do acidente eu me tornei uma outra pessoa, eu evoluí e graças ao voleibol sentado.* Ela diz que são as pessoas que colocam limitações nela, pois olham para as pessoas com deficiência como *coitadinhas*, mas *por desinformação, por ignorância de não saber do que eu sou capaz: Eu mesma levo uma vida normal. Sou fisioterapeuta, atendo meus pacientes. A deficiência não me limita.*

A partir dessas falas, podemos nos aliar às discussões trazidas por Sasaki (2010) no que concerne às questões de empoderamento das pessoas com deficiência e estendermos o conceito para a superfície corporal. Tomar decisões a respeito de realizar ou não modificações corporais na camada aparente de suas peles, fazer escolhas quanto ao tipo e assumir as consequências dessas escolhas estão no escopo do próximo tópico.

4.2 Corporeidades demarcadas

As relações estabelecidas entre o corpo com deficiência dessas mulheres e o mundo foram sendo modificadas de maneira mais acentuada a partir da

inserção no campo esportivo do voleibol sentado. Um ambiente em que todas as integrantes têm características corporais semelhantes fez a diferença para que suas autopercepções fossem transformadas. Esses corpos conectam-nas a um universo de possibilidades para intervir no fluxo da vida, somado à expressão de identidades pessoais demarcadas na superfície de suas peles, nomeando-as como sujeitos originais.

No contexto das inúmeras possibilidades de produção e modificação corporal disponibilizadas, o corpo passa a ser socialmente pensado e vivido já não como um destino herdado e intocável, mas como um recurso projetado e modificável, sujeito a atos de vontade que expressam expectativas e desejos identitários do seu proprietário, dentro da diversidade de possibilidades de *design* corporal no momento, bem como da desigualdade de possibilidades materiais para lhes aceder. (FERREIRA, 2017, p. 87).

Os vínculos com seu próprio corpo foram se reformulando positivamente a partir do reconhecimento do que ele é capaz de realizar e os usos ilimitados que se pode fazer dele no mundo em que este habita. O domínio corporal para arrematar as jogadas conforme as táticas e técnicas revela a capacidade de resposta das jogadoras no sentido de adaptar seus corpos para que atendam em quantidade e qualidade às especificidades dos movimentos desempenhados no contexto requintado do voleibol sentado.

Além das marcas perenes resultantes das cirurgias, dos procedimentos e dos acidentes de percurso, que são rastros impostos pelas circunstâncias em seus corpos, algumas delas exibem na pele outros sinais definitivos. Porém, desta vez, são marcas deixadas por intervenções voluntariamente adotadas: as tatuagens, suas propriedades simbólicas, o significado de autodeterminação. O desenho, o local (em geral, visível) e a tonalidade são cuidadosamente escolhidos pelas próprias jogadoras, agora com propósitos narcísicos e de satisfação do eu confirmando seu desejo, sua experiência, seu corpo.

São desenhos inscritos em seus corpos para informar ao mundo a singularidade de experiências marcantes de sua existência e que estão vinculados a algum significado preciso: expressão de um momento emblemático referente à participação e à conquista de medalha de bronze em evento de tamanha magnitude como os Jogos Paralímpicos do Rio/2016 (Elisa, 2019); expressão de um momento

de virada do ciclo biográfico esportivo, alegria e liberdade (Sofia, 2020); em memória às condições existenciais vividas durante o tratamento do câncer, quando ainda não sabia se sairia viva e/ou sua história de coragem (Tulipa, 2020).

Para Le Breton (2013, p. 39),

O signo tegumentar é, a partir de então, uma maneira de escrever metaforicamente na carne os momentos-chave da existência: uma mudança de *status*, uma lembrança em uma forma ostentatória ou discreta, na medida em que seu significado permanece muitas vezes enigmático aos olhos dos outros e o lugar mais ou menos acessível a seu olhar na vida cotidiana.

Então, Elisa (2020) confirma os dizeres do autor:

Sempre tive vontade de fazer uma tatuagem. Quando fomos medalhistas no Rio/2016, resolvi que seria uma tatuagem que mostrasse o significado dos Jogos. Algo que marcou. Um registro de um momento muito especial. Mostrar que eu tinha participado dos Jogos. [...] A dor da tatuagem é forte, dependendo da região. Estava consciente e sabia pelo que eu ia passar. Eu estava determinada a fazer. Eu só não vou fazer outra por questão de gastar dinheiro.

Elisa estava consciente de que passaria pela dor e se submeteu a ela para atingir um resultado desejado, cujo valor é maior. Nesse sentido, a dor passa a ser sublimada e experimentada como suportável.

Figura 4 – Detalhes das pernas da atleta



Fonte: Autora da pesquisa /Arquivo Pessoal (2020).

Quando questionada como se deu a escolha da parte do corpo em que foi feita a tatuagem, Tulipa (2021) respondeu: *Foi feita em cima da cicatriz em que ficava o catéter que tomei a quimioterapia. A frase está em um lugar que é visível e*

posso ver todos os dias. Ou seja, o tratamento de câncer foi um evento que marcou a existência de Tulipa, e sua tatuagem foi feita para expressar a valorização da luta que ficou no passado e em sua essência tem um componente simbólico para além da decoração.

Com sete tatuagens, Sofia (2020) disse que *Desde os quinze anos achava a tatuagem muito bonita e sempre tive vontade de fazer. Representa liberdade e vida. Gosto e acho bonito. Acho que deveríamos fazer tatuagem para mostrar. Eu me senti bem valorizada.*

Em outro momento, complementou:

Eu vou fazer uma tatuagem no meu corpo que não seja igual a dos outros, quero uma diferente. Essa tatuagem significa tudo isso, energia boa. [...] coloquei eu mesma de máscara porque nós estamos em ano de pandemia, coloquei a minha cara, o símbolo de Tóquio2020 me representa bem. Para eu saber como foi suado, como foi sofrido chegar onde eu cheguei. Decidi fazer de máscara porque posso contar para os meus netos. Essa tatuagem representa muitas coisas. (SOFIA, 2020).

Sofia apresenta argumentos no sentido apontado por Ferreira (2006), em que o corpo é tornado assim em um reduto privilegiado de expressão simbólica de originalidade configurada a partir de iniciativa privatizada.

Figura 5 – Tatuagem



Fonte: Autora da pesquisa /Arquivo Pessoal (2020).

Na cultura esportiva, as tatuagens são valorizadas e cada uma delas evidencia o estilo particular do tatuado. Paradoxalmente, são modos de filiação à

identidade de uma determinada comunidade e usufruto de um ideário de liberdade para realizar estratégias de recriação do próprio corpo (corpo rascunho). Nesse sentido, o corpo pôde servir para unir as dimensões individuais e sociais, restabelecendo-se em seus nexos para superar a fragmentação a que o ser humano está sujeito.

Tomar decisões sobre o controle de si mesmo e da sua própria aparência é investir na incorporação da liberdade em suas práticas, tentando se insurgir contra os mecanismos disciplinares e reguladores vivenciados no decorrer de uma experiência social e distinguindo-se, assim, como um corpo/sujeito original.

O corpo com deficiência vem revestido de ambiguidades nas modificações voluntárias (tatuagens) e nas impostas pelas circunstâncias (lesão corporal). Concomitantemente, esses corpos se mostram como patrimônios privados, cabendo a cada uma explorar segundo seu desejo, mas incorporando as ofertas oriundas da sociedade, onde a eficácia do social se aloja sobre o indivíduo e revela sua natureza indissociável. De acordo com Almeida, Wiggers e Jubé (2014, p. 978), “Nesse projeto, os seres humanos definem suas escolhas individuais que estão, todavia, vinculadas a escolhas sociais”.

Entender as relações entre as dimensões dessas corporeidades cambiantes requer de nós que as compreendamos integradas em suas multiplicidades fatoriais e não mais como o fluxo do conhecimento baseado na herança marcada em nós, conforme as premissas do paradigma mecanicista, e sinalizadas como concorrentes e antagônicas. Esta visão simplificadora tem nos impedido de compreender o ser humano constituído, de acordo com Bastos e Brito (2004, p. 266), dentro da epistemologia da complexidade:

[...] a corporeidade constitui-se das dimensões: física (estrutura orgânica-biofísica-motora organizadora de todas as dimensões humanas), emocional-afetiva (instintopulsão-afeto), mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, idéia, consciência) e a sócio-historicocultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismos). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade.

Sentir a dor ao fazer a tatuagem não está associada ao sofrimento, argumenta Le Breton (2018), porque o desejo é maior, fator que controla,

transforma e anestesia a sensação dolorosa. A modificação na superfície corporal corresponde à expressão de vontades de sujeitos cujo corpo é percebido como um território performativo em que podem fazer escolhas e exercer em plenitude a sua autoridade para gerir seus próprios corpos.

No grupo das tatuadas, o que se observou foi a predominância de argumento discursivo de afirmação de identidade pessoal, sem sinais de adesão à solidariedade entre os membros e sem fazer alusão à tatuagem como unidade de referência coletiva. São relatadas aspirações pessoais, iniciativas próprias, individualidade e busca de autenticidade na escolha dos desenhos e das partes do corpo onde foram realizadas.

Incluída a dimensão sócio-histórico-cultural dessas corporeidades variadas na reflexão, abordamos, no próximo capítulo, a realidade simbólica das sensações dolorosas experimentadas pelas participantes deste estudo.

5 A CORPOREIDADE E A EXPERIÊNCIA DA DOR

Assim, sem dor, também não há nenhuma revolução, nenhuma irrupção do novo, nenhuma história.

Byung-Chul Han

Uma das formas de apreensão da corporeidade humana é por meio da relação sentido-significado das sensações. O que sentem os corpos de mulheres praticantes de voleibol sentado? Quais são as suas sensações? Diante então dessas duas perguntas – que se complementam –, o presente capítulo tem como objetivo apresentar um estudo compreensivo da experiência da corporeidade desse grupo de mulheres com deficiência e sua relação com as sensações, particularmente com a dor.

Destacamos de antemão que a dor está aqui apresentada como uma “categoria nativa”, isto é, ela surge das “falas” das mulheres e passam a ocupar centralidade nas narrativas por elas apresentadas. Isso nos suscitou a necessidade de um redesenho da pesquisa, ponto que se adicionou como instrumento para a obtenção das informações “cartas”, que continham relatos de experiência com a dor por parte das participantes da pesquisa.

A corporeidade constitui um conjunto de experiências físicas, sociais e emocionais que são marcadas e significadas nos corpos de mulheres e homens (LE BRETON, 2012). Mais do que uma entidade material, isto é, um corpo meramente físico, o termo corporeidade – traduzido e apropriado por Ferreira (2013) como encarnação – representa, para este estudo, uma perspectiva teórico-metodológica cuja base se expressa na construção de experiências perceptivas (CSORDAS, 2008).

Por interessar ao estudo, conhecer os diferentes significados construídos sobre o corpo nos faz refletir sobre o tema e compreender as relações que a sociedade tem estabelecido com o corpo com deficiência, a partir de aproximação aos modelos de deficiência, os quais não se apresentam como evolução, pois coexistem e se entrelaçam, independentemente da época. Há o modelo religioso, em que o corpo com deficiência representa um castigo divino; o modelo caritativo, que se consubstancia com o corpo com deficiência sendo visto como digno de benevolência;

o modelo médico, vendo a deficiência como falha corporal que precisa ser tratada para reabilitação do indivíduo; e ainda o modelo social da deficiência, em que essa se associa à interação com a estrutura sócio-histórica e culturalmente construída para não acolher a diferença.

Desse modo, no escopo da constituição de corporeidades, Mello e Nuernberg (2012) apontam o modelo social da deficiência como importante referência para compreendermos o pressuposto da construção social do corpo e da deficiência. Diniz (2003) indica que, a partir da revisão deste modelo realizado pelas feministas – que constituíram a segunda geração de teóricos desse campo –, houve proposição para que a experiência da deficiência fosse pensada englobando: a) a interseccionalidade com as questões de gênero, raça, sexualidade, geração e classe social; b) a defesa da interdependência como fator inerente à condição dos seres sociais; c) o cuidado como princípio que deve reger todas as relações humanas; e d) a discussão sobre a dor.

Aqui buscamos entender como as corporeidades das mulheres praticantes de voleibol sentado se entrelaçam com sensações, principalmente com a dor. Com efeito, essas sensações corporais são vivenciadas por essas mulheres, considerando as interações permanentes nos três níveis ou dimensões – física ou fisiológica, psicológica e, notadamente, social –, ou seja, constituem um fato social total (MAUSS, 2003).

Assumimos a perspectiva – para além do fisicalismo ou do reducionismo aos fatores biológicos – de que o corpo é o resultado de uma construção social e funciona como mediador da relação do ser humano com o outro, consigo e com o mundo (LE BRETON, 2013c). No entendimento do autor, a existência humana é uma condição corporal em que tudo o que acontece é experimentado e interpretado no/e pelo corpo. Para ele, as ações e práticas cotidianas são inscritas e experienciadas no/e pelo corpo dos atores, ao passo que conformam as distintas corporeidades, que correspondem às maneiras sociais de se perceber e de estudar o corpo (LE BRETON, 2013c), portanto, alteradas em um fluxo contínuo decorrentes das experiências.

Interpretando a corporeidade humana como um paradigma, tanto Le Breton (2012, 2013c) quanto Csordas (1994, 2008) e Ferreira (2013) apontam o caráter multidimensional dessa expressão, que é constituída na interface do social com o individual, da natureza com a cultura e do fisiológico com o simbólico, transbordando essas fronteiras. Consoante Csordas (2008), a corporeidade humana é demarcada numa intersecção entre a práxis humana e a percepção, no colapso/dialética entre dualidades (SILVA et al., 2016).

No escopo da constituição dessas corporeidades, encontramos a dor, que é entendida por Le Breton (2013b) como algo que nos humaniza. A dor, em diferentes dimensões, já foi estudada por diversos autores, inclusive por clássicos do pensamento sociológico e antropológico como Marcel Mauss. O principal ponto comum que podemos encontrar na interpretação sociológica desse autor diz respeito à compreensão de que a dor, assim como toda espécie de manifestações ou sensações corpóreas, não atende apenas a fenômenos exclusivamente fisiológicos ou psicológicos, mas igualmente se conforma como fenômeno social, marcado por manifestação não espontânea (MAUSS, 2017).

Na contemporaneidade, Le Breton (2013b) tem estudado a dor como um fenômeno corporal e, ao mesmo tempo, social. Para ele, a dor atende a certa singularidade, posto que cada padecedor a percebe de forma particular ou específica; ao mesmo tempo – e talvez até de forma aparentemente contraditória –, essa percepção é influenciada por cargas de impregnação simbólica, social e cultural, que o homem lhe atribui conseqüente à educação confirmada em seus corpos (LE BRETON, 2013b).

Com base na perspectiva de que a dor é socialmente mediada, Han (2021) diz que a relação que estabelecemos com a dor evidencia os valores vigentes na nossa sociedade – que ele denomina paliativa –, e que a crítica desta pode ser entendida a partir da algofobia que é vivenciada de maneira generalizada pela falta de sentido atribuído à dor e que é estendida à vida. Nesse sentido, “A ausência de sentido da dor, aponta, antes, para o fato de que a nossa vida, reduzida a um processo biológico, é ela mesma esvaziada de sentido”. (HAN, 2021, p. 46). Estabelecemos

relações com os dizeres de Le Breton (2013b) ao confirmar a dimensão social da dor e ao interrogar criticamente a sociedade do analgésico.

Especificamente sobre a dor musculoesquelética, as abordagens mediadas pelo modelo biopsicossocial permitem uma compreensão das relações entre crenças e desfechos da experiência da dor, podendo dar pistas sobre o tempo de duração da mesma e qual será a incapacidade resultante (CANEIRO; BUNZLI; O'SULLIVAN, 2021). Assim, critérios clínicos apontam que os primeiros fatores a serem endereçados quando há dor musculoesquelética são os relacionados às crenças que limitam o progresso efetivo e o restabelecimento da saúde (LIN et al., 2020).

Evidências recentes apontam o fato de que uma tolerância maior à dor e uma atitude de enfrentamento (*coping*) de um episódio de dor ou à dor crônica podem gerar menos visitas a consultórios médicos e uso diminuído de medicação (MCCRACKEN; ECCLESTON, 2005; MCCRACKEN; VOWLES, 2008; ESTEVE et al., 2020). Crenças limitantes sobre a dor podem ter sua origem na educação recebida precocemente na vida infantil, quando pais e cuidadores estavam mais atuantes (O'SULLIVAN et al., 2008). A vulnerabilidade de uma parte corporal afetada por alguma doença também pode ser enfatizada por médicos ou fisioterapeutas, o que dificulta mais ainda a interpretação por parte do paciente desse sintoma (SYNNOT et al., 2015). A resultante falta de segurança e confiança em si mesmo pode gerar uma dependência a um membro da família mais próximo, por exemplo.

O voleibol sentado é, pois, uma modalidade esportiva paralímpica cuja locomoção feita dentro da quadra é fundamentalmente diferente da realizada em qualquer outra modalidade esportiva, realizando-se por meio do movimento corporal do deslizamento nas nádegas, com apoio de membros existentes, especialmente os superiores, para impulsionar o corpo (SILVA, 2013). Essas características acabam acarretando, muitas vezes, sobrecarga nas articulações dos punhos, cotovelos e ombros, o que provoca episódios de dor, distintos dos decorrentes de traumas causadores de deficiência ou dos tratamentos correlatos. Participantes corroboram essa percepção: como o peso corporal incide sobre as nádegas e mãos, há relatos de que a sobrecarga nos punhos provoca lesões (Elisa, 2021), tendinites e lesões nos glúteos provocadas pelo atrito da superfície corporal com o piso da quadra conforme

nos diz Flor (2020) *O voleibol sentado exige muito do quadril, do tronco, da força dos braços e o glúteo... então assim... o bumbum é todo marcado, por sentar no chão, ficar esfregando lá... o atrito então, tem manchas no bumbum, é mais escuro.* Para apresentação das informações obtidas, tratamos aqui dos significados da dor – explorando também seus valores simbólicos – que foram evidenciados por meio do QA. Por último, a análise abordou a construção dos sentidos da amputação, baseando-se nos relatos sobre a dor (R) daquelas que foram amputadas.

5.1 Mulheres praticantes de voleibol sentado: por que têm história de dor para contar

Na tentativa de apresentar uma análise compreensiva da corporeidade dessas mulheres, relacionando-a às experiências de dor, vimos a relevância de considerá-la na intersecção das categorias de gênero, da deficiência e do *ethos* esportivo, visto que estão em interação e potencializam nosso entendimento da realidade em questão. Esse recorte é feito sem ignorar a multifatorialidade das influências reais e possíveis, como etnia/raça, religião, classe social, orientação sexual, região, geração/idade (MELLO; NUERNBERG, 2012), cada uma com o potencial de tornar mais complexa a discussão aqui empreendida.

Os estereótipos de gênero são característicos de sociedades que se estruturam sob influência do cristianismo, em que a mulher aprende as formas culturais de perceber e de reagir à dor. Desse modo, as narrativas culturais comunicam formas diferentes às mulheres e aos homens de como devem se comportar diante desse fenômeno álgico. Essas pré-noções são transmitidas via canais de socialização e permitem às primeiras que se expressem com lágrimas, enquanto aos homens é exigida a firmeza diante da dor (LE BRETON, 2013a, p. 116). Reflexões de Mello e Nuernberg (2012) expõem como os sentidos e significados da deficiência são diferentes para homens com deficiência e para mulheres com deficiência, posto que é associada ao gênero masculino uma característica ativa, enquanto se atribui ao gênero feminino a passividade como marcador social. Essas representações sociais são opressoras, restringindo e discriminando as mulheres à medida em que se acrescentam novos rótulos estigmatizantes, como mulher com deficiência, negra, pobre, lésbica, entre outros.

Estudos feministas iniciados na década de 1970 buscaram compreender os processos tácitos relacionados à reprodução de identidades psíquicas direcionadas a esse formato de opressão de gênero. Interpretando tais informações, Vasconcelos (2003) conclui que a sociedade patriarcal¹³ reproduz, em um plano psicológico profundo, uma divisão assimétrica entre os gêneros, notadamente de dominação masculina. Todo esse conjunto, como já discutido, influencia permanentemente a maneira como a dor é interpretada pela mulher com deficiência.

A percepção da dor é marcada por simbolismos sociais e culturais, segundo Le Breton (2013a), e a atitude do ator social à sensação dela decorrente está afinada a um sistema de sentido e de valor próprio do tecido social e cultural ao qual pertence. Desse modo, ao mesmo tempo em que os reinterpreta, atribuindo-lhes um novo significado, confere-lhes uma resposta particular, conforme o autor, visto que um mesmo sujeito mantém uma relação inconstante e circunstancial com a dor.

Seguindo a mesma orientação, Ferreira (2006) defende que a dor está conformada além da dimensão orgânica do sujeito, pois ela está enraizada nas suas dimensões simbólica e social.

É no contexto das condições estruturais e ideológicas de vida que os sujeitos constroem a subjetividade da sua dor, solicitando para tal a memória da sua história pessoal, as vivências acumuladas no seu contexto social e cultural mais próximo, mas também a natureza da situação em que a dor é sentida. (FERREIRA, 2006, p. 264).

No mesmo sentido, a deficiência é por nós reelaborada no confronto das formas sociais de interpretar as diferenças corporais e essa opção nos conduz a considerar a dor como um fenômeno que faz parte da experiência de constituição dos corpos com deficiência das participantes da pesquisa.

No *ethos* esportivo, Le Breton (2013a, p. 180) diz que “o esportista pede a dor como matéria-prima da obra que ele realiza em seu corpo”. Nesse contexto, o fenômeno foi apresentado pelo autor, em vídeo de 2018, como “figuras da dor” e essa declarada como escolhida, sendo um meio para se atingir um projeto de construção

¹³ Segundo Luiz e Costa (2020, p.38), a noção de patriarcado é “uma construção social e histórica que transforma a diferença sexual (ou de gênero) em desigualdade política, caracterizando-se por um desequilíbrio de poder entre homens e mulheres, as quais são colocadas muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana”.

corporal e se mostra provida de sentido e de utilidade. Inclusive, ela é desejada (advinda do sentido disciplinador do corpo) por ser controlada. O sofrimento vai então se tornando insignificante à medida que se vai adquirindo resistência muscular e tem como referência a vantagem de extrapolar seus próprios limites ao experimentá-la na relação frontal com o mundo e transformar a si mesmo e elevar seu desempenho esportivo.

Essa experiência metamórfica não é um fim em si, pois é passível de ser vivida como um meio profícuo para se concretizar a performance corporal desejada. Esta estratégia disciplinar é eivada de valor e de sentidos correspondentes ao projeto corporal em que a dor, diante da intencionalidade investida, é experienciada sem maiores repercussões existenciais.

5.2 Os significados da dor

Quando questionamos as participantes sobre o significado da dor, as respostas obtidas foram as seguintes:

[...] reação que o seu corpo sente ao ficar ferido ou com alguma patologia é um sinal que o corpo manda para te dizer que tem algo errado. Eu suporto bem a dor física, e fico atenta a qualquer sinal. Além da musculoesquelética, as dores de cabeça que são horríveis, já passei pela dor do membro fantasma. (QA Flor, 2020).

Ai... vontade de morrer. Na época, nossa... eu achei que eu morria. Depois eu descobri que dor não mata. Já faz parte da minha trajetória de vida. Eu não posso deixar que ela toma conta do meu eu. Eu preciso dominá-la, eu convivo com ela e ela convive comigo. O meu corpo avisa até onde posso ir. Me avisa da mudança de tempo, frio, chuva etc. mudança da lua. (QA Flor-de-Maio, 2020).

Para mim graças a Deus não tive muita dor. Dor, para mim, é como se eu sentisse alguma faca em mim. Bom, a dor significa, para mim não muita coisa, porque no começo senti a dor, dos pontos e depois não senti mais nada. Só a dor fantasma, que para mim não é uma dor, e sim é sentir um membro que está dentro de mim. O meu corpo graças a Deus se adapta muito bem. O meu mesmo só foi uma queda, que tive que taquei meu coto no chão e quase morri de tanta dor, parece que tinha quebrado uma parte de mim. Graças a Deus não, sempre tive vários amigos meu, próximo mesmo depois da deficiência, eles que me deram força e coragem para vencer, e não desistir de mim mesma. (QA Sofia, 2020).

Dor é uma experiência desagradável, que incomoda ou machuca, podendo ser sensorial ou emocional. Estímulos desagradáveis e

incômodos que causam algum tipo de sofrimento e pode ser classificada de acordo com o local ou periodicidade referentes a questões físicas. Todos as situações ocorridas no decorrer da vida, inclusive a dor (independentemente do tipo), te modificam de um jeito ou de outro, pois acabam se relacionando com questões emocionais e te fazem crescer de alguma forma. (QA Girassol, 2020).

É um desconforto, uma experiência desagradável. De que algo não está bem com o nosso corpo, pode ser física ou emocional. Medo de não poder ter filhos (relação da incapacidade). Insônia e falta de apetite. (QA Elisa, 2020).

São sintomas relacionados a sofrimento, agonia, algo que machuca. Algo que incomoda, que faz seu corpo ou mente agonizar e buscar formas de sair daquela determinada situação ou condição. Mas existem vários tipos de dores. Relação de causa e efeito, pois tudo que te leva a sofrer pode e irá te mudar. Acho que sofri mais com a dor da perda do que a dor física. Tristeza, solidão, agonia, raiva, angústia. (QA Rosa, 2020).

Dor para mim é um incômodo que te faz sair de seu estado natural... é... para um lado ruim assim, não para um lado bom. O significado da dor é quando tem uma alguma coisa errada com seu corpo e ele reage te fazendo se incomodar com alguma coisa dentro de seu corpo... essa coisa que não está funcionando, no caso. Bom, meu corpo já passou por muitos processos de dor, seja ele no lugar onde eu tenho a patologia, que é na perna, mas também aconteceu em diversas partes do corpo, por conta da quimioterapia ...dores internas também, tipo no rim eu tive uma crise de rim por conta da quimio,... uma dor no coração, quando me deu parada cardíaca... é... e aí, meu corpo, como um todo, ele já meio que acostumou com a dor, então eu me tornei uma pessoa resistente... à dor, né? Eu não era muito, mas, depois de passar por todos os processos, eu acabei me tornando. Tipo: hoje, a dor pra mim, na perna, é relacionada a med. (QA Tulipa, 2020).

Em todas as respostas, percebemos que o significado da dor extrapola o sentido ou significado físico, apesar de ela estar sempre presente nos registros. Para as participantes, a dor é um sinal mais que corpóreo ou físico, é uma demonstração de que o corpo possui um limite que afeta toda a experiência do ser. Trata-se, pois, de uma experiência desagradável, que traz sofrimento, machuca e provoca agonia.

Vemos que há uma relação que expressa a dor de modo sensorial e emocional (LE BRETON, 2013b) e os relatos aqui interpretados, longe de apontarem uma transcendência, são entendidos em convergência com o que pontua Jackson (1994), que ressalta a inexistência de uma hierarquia entre a experiência física e a experiência emocional da dor, pois ela carrega, a um só tempo, sensação e emoção.

Sob essa perspectiva, Flor (2020), apesar de ter tido sua perna esmagada em acidente com um caminhão e de se submeter a uma amputação e suas decorrências, contrapõe o aspecto meramente físico quando responde ao questionamento sobre a pior dor que já enfrentou, revelando o cunho emocional:

Há vários tipos de dor, cada uma é diferente. Eu acho que foi a do meu casamento. Eu me senti um lixo. Eu fui casada oito anos e ele [seu cônjuge] quebrou essa confiança. Eu acho que ninguém merecia a dor de uma traição, porque deixa marcas, a gente não esquece, perdoa, mas não esquece, sempre lembra. Eu acho que a pior dor que a gente pode ter é essa. [...] mas uma pessoa te trair [...] esposo, é uma das piores. (E Flor, 2020).

A convivência com a dor, segundo Le Breton (2013b), é uma tragédia que muda o sentimento de identidade da pessoa e abala toda a sua existência. A dor carrega consigo a ambiguidade, pois demonstra uma certa defesa orgânica, ao mesmo tempo que evidencia a existência humana mais vulnerável do que nunca. “A dor obriga à aprendizagem lúcida e penosa dos perigos que ameaçam a integridade física” (LE BRETON, 2013b, p. 16), como vimos nos registros de Sofia (2020) ao dizer que a dor acabou impondo limites ao seu corpo, fazendo-a reconhecer que não possuía mais aquele membro. A formulação de Tulipa (2020) também é similar à de Sofia, que igualmente salienta que a dor passou a ser um fator que a fez reconhecer que o corpo precisava ser cuidado e receber atenção, já que ele teria um certo grau de vulnerabilidade. Nesse ponto, a dor mistura-se ao medo. São sensações e emoções que se encontram numa mesma mulher e forjam os sentidos da sua corporeidade.

Em entrevista concedida sobre o seu livro *Antropologia da Dor*, Le Breton (2018, s.p.) diz o seguinte: “Antes de tudo existe a dor que destrói a pessoa, é uma dor que se impõe das circunstâncias [...] e a pessoa fica impotente”. Todas as falas das participantes da pesquisa se veem nesta situação de passarem por uma dor que se instituiu de evento gerador, sobretudo em razão de acidentes pessoais com automóveis ou motocicletas. Mediante essas condições, elas foram obrigadas a passar por reajustes em seus modos de vida, momento em que suas corporeidades passam por adaptações, tanto como seres humanos, que são obrigadas a conviver com a dor, quanto como mulheres, que tiveram seus papéis sociais redefinidos.

Enfatiza o autor:

Várias condutas aparentemente comandadas por dados fisiológicos e dessa forma fugindo ao controle da vontade ou da consciência, também são bastante influenciadas ou até mesmo diretamente orientadas por dados sociais, culturais ou psicológicos. A dor é um exemplo significativo. (LE BRETON, 2012, p. 53).

A dor está revestida de aspectos de três ordens, demonstrando que ela se impõe ao ser humano como um fato social total. Nesse âmbito, a dor é um elemento que nos humaniza, que nos mostra que a experiência vivida é a nossa própria existência. A dor é parte da vida humana. Vale mencionar que Le Breton (2012, 2013b) não realiza uma avaliação completamente negativa da dor. Ele a apresenta em suas multidimensionalidade e ambivalência e, ao mesmo tempo, de extrema complexidade, que desempenha a função de favorecer o apreender da dimensão simbólica subjacente à relação entre a onipotência do ser humano e seu aspecto vulnerável.

No tocante ao sofrimento pessoal ocasionado pela violação corporal (acidente) ou mesmo pela doença da qual padecem, indagamos “quais outros sofrimentos acompanharam sua experiência com a dor, de alguma forma e se você já se sentiu discriminada por causa da sua deficiência”. A esse quesito, as opiniões são contraditórias, porém, a maioria delas registra que a dor do afastamento das pessoas que amavam é o principal sofrimento. Elas sentem falta, por exemplo, da família, como enunciou Flor-de-Maio (QA, 2020): *Primeiro a perda (pai) e distanciamento familiar*. O mesmo se apresenta no registro a seguir:

Medo, solidão, incompreensão, incapacidade, tristeza. A sensação de ser menos ou menor existiu em diversos momentos da vida, afinal tenho a deficiência desde a infância, porém não houve afastamentos por causa da deficiência. Acredito que essa seja de cunho emocional, relacionada também a autoaceitação ou sentimento de incapacidade nos comparativos com aqueles que não têm nenhuma deficiência. (QA Girassol, 2020).

Pelo relato de Girassol, o sofrimento pessoal é demonstrado pela combinação do medo, solidão, sensação de incapacidade e tristeza. É o sentir-se diminuída perante os demais. Tomando Goffman (2011) para interpretar o que disse Girassol, vemos que o fato de ter diferença na aparência corporal, isto é, a imagem do “eu” que ela possuía, em termos de atributos pessoais socialmente aprovados, foi abandonada à medida que passou a se perceber como uma pessoa com deficiência e a se

reconhecer como se tivesse com uma “fachada errada” ou estar “fora de fachada”. As pessoas encontram-se nesta situação quando sentem vergonha ou se sentem inferiorizadas devido ao fato de não terem um corpo que corresponda ao “padrão” imposto pela corponormatividade. É um sentir-se constrangida no processo ritual de interação, o que afeta a constituição de suas identidades, suas corporeidades, bem como suas relações com os outros.

Por outro lado, igualmente observamos nas mulheres que receberam suporte familiar, cujos membros continuaram as apoiando, que existe o exagero de considerar a pessoa com deficiência “incapaz” de realizar as tarefas cotidianas. Não obstante, o sofrimento provocado pela modificação corporal ou por ter se tornado uma pessoa com deficiência ainda é evidenciado, como registrou Rosa (2020) ao lembrar a frase: *Ah, não! Você não vai fazer isso não porque você não consegue!*

O depoimento de Tulipa traz implícito o processo de infantilização mediado pelos significados ligados à deficiência:

Bom, ninguém se afastou de mim por causa da deficiência, muito pelo contrário; muitas pessoas se aproximaram de mim por causa disso, mas eu já me senti diminuída no sentido de cuidado extremo, assim... das pessoas quererem cuidar de mim e olhar pra mim como se eu fosse um bebê de novo, que precisasse de ser tratado como... não sei... alguém que precisa de muito cuidado, que não pode fazer nada, que... é... sabe aquela expressão? Não sei se você conhece: café com leite, né? Que, tipo, é... “a Luiza é café com leite”. Ninguém pode... é... tipo... quando a gente brinca, né, de alguma coisa... ah! Pique-pegas: “ninguém pode pegar a Luiza porque ela é deficiente”, né? Isso me incomoda muito. Já me incomodou muito mais, mas hoje, no paradesporto, eu consegui me encontrar assim... tipo de... das pessoas não me tratarem dessa forma, mas, tanto na minha família, quanto os meus amigos assim... as pessoas me tratavam muito como intocável assim... que não pode acontecer nada comigo. (QA Tulipa, 2020).

O que disse Tulipa está relacionado com o processo de “superproteção” corroborado pelas reações de agentes diversificados no sentido da crença de que as pessoas com deficiência precisam de *cuidado extremo, que não podem fazer nada*, e com o fato de que a família e a sociedade em geral acabam por ver essas pessoas de uma forma estigmatizada. Isso ocorre porque, conforme Goffman (2011), quando uma pessoa passa a possuir outra fachada, em que muitas vezes ela não se reconhece,

mas é identificada pelos outros como tal, ela acaba sendo submetida a uma regra social assimétrica, isto é, tratada de modo diferente.

Podemos compreender que este tipo de regramento – assimétrico – imposto às mulheres com deficiência ocasiona o reforço de um sentimento pessoal de incapacidade. Desse modo, em vez de se verem como detentoras de uma liberdade de decisão e senso de controle de suas vidas, essas mulheres se veem como inferiores e dependentes nos processos de interação a que estiveram expostas.

Por fim, questionamos a estas mulheres que ensinamentos as suas experiências de vida lhes trouxeram, sobretudo aquelas relacionadas à dor, ao que responderam:

Me ensinou a eu saber cuidar mais de mim, e ter muito cuidado, para não esquecer, que não tenho perna, serviu de ensinamento na minha vida. (QA Sofia, 2020).

A gente se adapta e tenta sempre seguir em frente, o que não quer dizer que não haja questionamentos ou inconformidades com determinadas situações, de um jeito ou de outro a dor emocional existe, mas tentamos mudar o foco. Sou deficiente desde a infância e foram várias etapas e fases a serem ultrapassadas, mas hoje me tornei o tipo de profissional que sempre esteve presente na minha vida, me tornei fisioterapeuta. (QA Girassol, 2020).

Não me conformo com a situação. Sofro sempre por não ter mais a força, a velocidade e o controle sobre todo meu corpo. Adaptar é sobreviver. Vivo cada dia buscando um significado a tudo que aconteceu, pois ficar parada é a pior coisa que eu poderia fazer. Arrumei um emprego, um estilo de vida diferente, um esporte diferente e uma rotina completamente diferente. Contudo a dor física passou, entretanto, a psicológica se esconde nas entrelinhas do dia a dia, mas sempre consegue arrancar uma lágrima nas recordações. (QA Rosa, 2020).

Então eu aprendi a ser paciente e esperar o processo natural das coisas, sabe? Então hoje eu me tornei uma pessoa mais paciente por causa da dor, em todos os aspectos, não só... é... ao sentir dor, mas ela me ensinou a compreender que isso tudo que... tudo que a gente vive é uma fase e, seja ela coisas boas ou ruins, mas essa fase vai passar. E... hoje vivo sem dor, mas pode ser que amanhã eu sinta dor. O frio... é importante falar isso: o frio me causa muita dor, muita dor mesmo, assim... é a mudança de clima pro frio, eu preciso fazer bolsa de água quente pra ajudar. É, eu fugi um pouco dessa pergunta, mas é isso assim. (QA Tulipa, 2020).

A dor me ensinou que... os melhores momentos da vida não são necessariamente os mais agradáveis. (QA Cristal, 2020).

As falas das mulheres até aqui relatadas demonstraram um sentimento de inconformidade com suas apresentações corporais, com suas características atuais. A dinâmica de suas vidas cotidianas, apesar de serem atletas e estarem sempre ocupadas com tarefas diversas, como estudo e ou trabalho – posto que todas têm uma vida economicamente ativa – é objeto de sofrimento pessoal. Apesar disso, a dor e o sofrimento pessoal não são por elas esquecidos.

A esse respeito, vale destacar uma passagem de nosso autor de base:

É preciso que a intensidade da dor e a amplitude do mal-estar impeçam de forma insuportável o exercício da vida cotidiana para que mereçam atenção. A avaliação das dores tem como referência as tarefas habituais do dia, o presente, ela não engloba o longo prazo, a projeção de si no tempo, o que poderia associar ao sintoma sentindo um sinal nefasto. (LE BRETON, 2013b, p. 133).

Segundo o autor, convivemos com a dor enquanto ela não altera de modo profundo a realização de atividades cotidianas, especialmente as laborais. Isso é igualmente percebido nos registros obtidos por meio dos questionários abertos e dos relatos de nossas participantes. Quando a dor torna-se insuportável, o cotidiano é afetado e inviabilizam-se as tarefas corriqueiras e, nesse caso especial, representando entrave para realização das práticas esportivas.

No contexto do esporte de alto rendimento ao qual estão engajadas as integrantes da seleção brasileira, houve relatos de terem de prosseguir em suas atividades mesmo quando atingidas por intensos processos dolorosos. Elas negligenciam a dor e preferem não interromper o ciclo de treinamento ou de competições e vão recorrendo a paliativos mecânicos (imobilização) e ou analgésicos (farmacêuticos e fisioterapêuticos), visando a preservar a posição de titular na equipe diante da concorrência inerente ao ecossistema esportivo. Enquanto isso, desenvolvem recursos como técnicas de relaxamento e meditação, oração, realizam sessões de acupuntura, de infiltrações e uma delas declarou ter recorrido a cirurgia espiritual.

Em relação à produção de sentidos e significados, muitos corpos sujeitam-se à experiência com a dor diante das circunstâncias. O sistema competitivo existente na

própria seleção brasileira não deixa margem para que sejam tomados os devidos cuidados com o corpo, a exemplo da necessidade de repouso ou de tratamento quando experimentam dores.

5.3 Dor, membro fantasma e os sentidos da mutilação

Como mencionado nos aspectos metodológicos, do total das pesquisadas, quatro sofreram amputação de membro inferior e, segundo Marques (2008), o inerente sentimento de perda. As amputações são perdas de membro ou parte dele e vêm sempre acompanhadas de sentimentos de mutilação corporal associadas a significados de incapacidade e dependência (MIRON, 2011, p.78). Em nota de advertência, Kittay (1999) diz que esta última pode ser aliviada ou agravada por práticas e preconceitos culturais.

Essas mulheres, após a amputação, passaram por sofrimentos de ordem psicológica, física e existencial devido a mudanças drásticas nas estruturas corporais e, conseqüentemente, nos modos de vida. Em um dos instrumentos de pesquisa que utilizamos – relatos sobre a dor –, verificamos que grande parte da dor e do sofrimento pessoal estava relacionada ao fato de serem mulheres com deficiência, mas, sobretudo, com a amputação de um dos membros inferiores.

A preocupação científica com os corpos mutilados e com a dor fantasma não é recente. Desde o século XVI, Ambroise Paré (1509 – 1590) já havia identificado a misteriosa sintomatologia daqueles que têm uma parte de seu corpo mutilada:

Na verdade, é uma coisa maravilhosamente estranha e prodigiosa que seria difícil de acreditar, salvo por aqueles que a viram com seus próprios olhos e a ouviram com seus próprios ouvidos, que os pacientes se queixam amargamente, vários meses após a amputação, de ainda sentirem uma dor excessivamente forte no membro amputado. (PARÉ, 1840, s.p.).

Trata-se da existência da dor em um membro fantasma em pessoas que sofreram processos de ablação, podendo apresentar a percepção de que o membro que perderam permanece no lugar original, podendo ser identificada como uma maneira simbólica de negar a perda. O primeiro momento entre o amputado e seu membro suprimido é um caso tipicamente impactante:

Na minha cabeça eu ia depender de todo mundo, eu iria ser inútil para minha família. [...] e meu pensamento era todo negativo e eu só queria morrer para não dar trabalho para ninguém [...] eu não conseguia sair de casa porque eu tinha vergonha do meu corpo, me sentia inútil, impotente e incapaz de qualquer coisa. (R Mariazinha, 2020).

Baseando-nos em Mariazinha, ao discorrer sobre a amputação, percebemos, conforme Miron (2011), que ela apresenta um pensamento característico de quem está na situação de amputado, relacionando sua condição à incapacidade, à impossibilidade e à dependência das pessoas mais próximas. Goffman (2011) também associou isso à questão da “fachada errada”.

De acordo com Hill (1999, p. 11), “a perda de um membro por qualquer razão que seja é um dos principais eventos com profundas implicações para a saúde psicológica do indivíduo envolvido” e gera na pessoa, como podemos confirmar pelo que disse Mariazinha, sentimentos de inutilidade, dependência, assim como reações depressivas. Miron (2011) refere-se às repercussões psicológicas variadas e complexas decorrentes de amputações, no que diz respeito a alterações na imagem corporal e traumas emocionais importantes. Em sentido contrário, aponta-as como significando a eliminação de diferentes tipos de sofrimentos emocionais e físicos, como alívio ao sofrimento de dor, resultando na melhora da capacidade de ação.

A soma das dores de Elisa (2020) foi por ela relatada quando foi vítima de acidente de moto aos 16 anos, pois sofreu queimadura, teve fratura exposta, a artéria se rompeu, com episódios de hemorragia severos, fez várias cirurgias e teve infecção. Depois de 15 dias internada, voltou para o centro cirúrgico para fazer limpeza e, na sequência, o pé ficou cianótico e sem sensibilidade, o que fez com que o médico dissesse que teria de amputar o membro: *me desesperei, gritei, falei que não e pedi que fizessem outra tentativa porque não queria ficar sem meu pé* (R Elisa, 2020). Em seguida, foi submetida a outra cirurgia e o pé continuava roxo, com bolhas, o nervo exposto no lugar da fratura e sentia dores fortes todo o tempo, situação que exigiu que se recorresse a um potente medicamento analgésico – morfina – para aliviar dor severa. Depois de cinco cirurgias, foi decidida a amputação diante do risco à vida:

Quando voltei para o quarto até pensei que não tinha sido amputada, pois sentia como se tivesse perna, sentia tudo, era a sensação da perna, foi quando olhei e não tinha mais meu pé e meu mundo tinha

mudado, não sentia as dores de antes, mas a sensação era outra. (R Elisa, 2020).

Nesse caso, contraditoriamente, a remoção do membro corporal trouxe alívio ao sofrimento provocado pelas dores intensas. A alternativa clínica encontrada foi o sacrifício de um segmento do corpo para interromper a dor e trazer o alívio desejado. A recuperação da funcionalidade se deu somente depois de três anos com o uso da primeira prótese, o que exigiu mais uma adaptação no deslocamento e na movimentação dos braços. As próteses, como tecnologia assistiva, objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação das pessoas com deficiência, e visam ao exercício da autonomia, da independência e da inclusão social. Em aproximação ao estudo de Polanyi (1965), as próteses não são meros objetos: elas são interiorizadas no e pelo corpo com deficiência e dele fazem parte, permitindo que a intencionalidade seja experimentada por meio do aspecto funcional da tecnologia incorporada.

Elisa (2020) ratifica os dizeres do autor:

Tenho 21 anos de amputação. Eu fiquei por três anos sem protetizar. [...] não tinha condição de comprar. No início foi bem difícil. E aí eu tive que reaprender a andar porque passei um período de três anos de muleta, passar por um período de adaptação, fazer fisioterapia. [...] Conheci o esporte. Em 2006, no campeonato brasileiro, eu não conhecia aquele mundo magnífico de conhecer vários tipos de deficiência, pessoas amputadas com prótese, sem prótese e aquilo foi abrindo pra mim, aí eu fui crescendo. Depois que eu mudei a minha prótese, com o esporte ocorreu de eu adquirir uma prótese melhor, até mesmo com uma prótese mais bonita. Eu tiro, coloco minha muleta, mas parece que se eu for fazer alguma coisa eu não vou fazer do mesmo jeito. Aí eu coloco a minha prótese. Eu sou dependente da minha prótese, ela é minha, sinto como se ela fosse parte do meu corpo.

O nível da amputação e a idade da pessoa definem diferentes condições para realização de atividade física e uso de distintos tipos de prótese. O membro residual,

denominado coto, é considerado o novo membro que deve ser treinado para o controle da prótese durante o movimento corporal.

Flor sugere que isso aconteceu de modo conturbado em sua história:

[...] a adaptação à prótese não foi fácil. Machucava muito a região onde ela fica apoiada, então sentia muitas dores que perduraram por aproximadamente cinco meses. Hoje, 14 anos depois, sinto incômodo no coto quando fico muito tempo ou sentada ou em pé. (R Flor, 2020).

Todas as amputadas do grupo começaram a participação nas atividades do voleibol sentado, isto é, a compor a equipe de treinamento, após terem se reabilitado, com cicatrização do coto e se reconhecerem com potencial e possibilidades de vencer os desafios corporais impostos repentinamente, transformando suas condições corporais e mobilidades. Contrariamente à ideia de prejudicar capacidades, a amputação de membro inferior não interfere essencialmente na realização do jogo de voleibol sentado, pois “quem tem duas pernas, tem pernas demais” (SILVA, 2013) e isso colocaria, em tese, as amputadas em vantagem situacional durante o deslocamento. De outra parte, as dores cotidianas, sobretudo aquelas relacionadas a lesões decorrentes de esforço repetitivo ou de sobrecarga das articulações, dor no coto (rachaduras, bolhas e sangramentos) ou relativa ao membro fantasma, fazem parte do sofrimento pessoal dessas mulheres-atletas.

As palavras de Crawford nos ajudam a construir uma percepção sobre o sentido da dor de um membro fantasma:

Os membros fantasmas foram sentidos como paralisados e mortos funcionalmente para o mundo, como se estivessem submersos em mercúrio, engessados ou embutidos em um bloco de gelo. E, de maneira perturbadora, essas aparições corporais também submeteram alguns amputados a uma das dores mais intratáveis e impiedosas já conhecidas. (CRAWFORD, 2009, p. 435).

Consoante a autora, o sentido de paralisção e de morbidade de um membro fantasma tem em si uma sensação de dor profunda, desoladora. Entendemos por membro fantasma um fenômeno definido por pesquisadores que concordam como sendo qualquer sensação no membro ausente com exceção de dor. Sua presença é decorrente da amputação de forma traumática, seja cirúrgica ou congênita, e tem despertado curiosidade e fascinação entre investigadores, que tentam descobrir por que esse fenômeno ocorre.

Considerando as informações obtidas, os registros de Sofia demonstram que a sensação de se ter um membro fantasma representa a experiência com o que pode ser sensível, mas que não é tangível:

Não sinto dor, só sinto tipo mexendo o dedo do meu pé (que não existe mais). Às vezes até olho para ver se ele está mexendo (coisas de amputado). Caí um dia depois que fiz a cirurgia, pensando que tinha perna. Caí umas três vezes, só que de todas teve uma que foi pior, fui caindo e achando que tinha perna e deixei, taquei o osso do coto no chão e quase morri de dor [...] não conseguia me levantar, só chorava e gritava de tanta dor, fiquei uma semana sem colocar a prótese e sem treinar de tão inchado que ficou, depois disso, graças a Deus, não esqueci mais que não tenho perna. (R Sofia, 2020).

A participante mencionou que possui a percepção de sua perna amputada, isto é, a sensação da existência do membro permanece desde o momento em que recobrou a consciência da anestesia após a cirurgia de sua retirada. Segundo Crawford (2013), fantasmas corporificados têm sido sentidos por pessoas que sofreram algum tipo de mutilação ou amputação. Porém, a autora traz uma abordagem interessante para nosso prisma de análise. Ela apresenta a ideia de que essas sensações podem representar uma forma de transgressão corporal. Sendo assim, ao passo que sofreu o processo de amputação de um membro, o corpo resiste e reage, insistindo em dizer a ele próprio que o membro amputado está ali. Para Crawford (2013), seria uma maneira audaciosa de desafiar a materialidade corporal.

A dor do membro fantasma é definida como a sensação de dor referida ao membro ausente. Esses quadros algícos podem começar imediatamente após a amputação ou semanas, meses e até anos depois. Essas pessoas são muitas vezes estigmatizadas porque a população em geral acredita que a dor de origem psicológica não seja real. Alguns pacientes não chegam a relatar a dor do membro fantasma justamente por desconfiarem que outros podem não dar crédito à dor em um membro que não existe corporalmente. Há o receio até mesmo de ficarem expostos à suspeita de terem sido afetados na saúde psíquica. O membro se foi, mas a dor está materializada. Especialistas, a exemplo de Crawford (2013), reconhecem que essas dores rebeldes não são nem menos reais ou dolorosas.

Flor completa seu relato, dizendo o seguinte:

Depois da amputação eu tive a dor e sensação fantasma. Eu sentia como se tivesse a perna, sentia os dedos mexerem. Se alguém passava na minha frente, eu já logo gritava e falava que estava pisando no meu pé. As dores vêm em pontadas, sensação de choque, formigamento. Eu tive a dor fantasma durante o mês que fiquei hospitalizada. Até que um dia o médico disse que era tudo da minha cabeça. Então eu comecei a treinar meu lado Direito MI, e aí as dores e sensação foram diminuindo. Fiz fisioterapia no hospital e fui melhorando. (R Flor, 2020).

Em seu relato, Flor menciona a percepção de um membro fantasma e seus movimentos espontâneos e a sensação dolorosa durante o mês em que ficou hospitalizada como sendo incompreensível. A sensação não é a mesma para todas as pessoas, podendo ser de formigamento, choque, pontada e esmagamento, variando em intensidade, qualidade, duração e frequência, sendo de difícil tratamento, levando ao sofrimento, prejudicando a qualidade do sono e reduzindo a qualidade de vida.

São corpos de mulheres que foram mutilados, por meio da amputação, e que padecem com a dor de um membro fantasma. Aqui, mais do que nunca, o horizonte do sensível – como bem retratava Le Breton (2013) – torna-se corpóreo. São, portanto, corpos redefinidos por outras sensações, cotidianamente informados pela dor, que violenta a estabilidade ontológica de um corpo insondável, surpreendente, enigmático e astucioso. Essas características embaraçosas e muitas vezes audaciosas dos membros fantasmas suscitam questões epistemológicas e ontológicas sobre o corpo e suas muitas excentricidades, forjando distintas corporeidades.

5.4 Corpo com deficiência e os processos de interação no e pelo esporte

Aqui vale observar que os processos de interação mediados pelo esporte voleibol sentado aparecem como elementos interessantes para dar suporte emocional e possibilitar trocas de experiências e socialização entre as mulheres participantes da pesquisa (MIRON, 2011).

De acordo com o perfil sociodemográfico das pesquisadas (Quadro 1), verificamos que algumas participantes da pesquisa compõem o quadro de atletas da associação e que outras representam tanto a associação quanto a seleção brasileira

da modalidade. Esse cenário nos fez inquirir as participantes da pesquisa acerca do papel do esporte em suas vidas, ao que responderam:

O que me movia era a vontade de recuperar tudo aquilo que perdi. Minha vontade de vencer e sempre melhorar me levou a outro esporte. A determinação na vida pessoal, foi levada para as quadras, a inutilidade foi substituída com a nova função no jogo, a fraqueza virou força para deslocar e não deixar a bola cair e a raiva se tornou esperança na busca de novas fronteiras e novas conquistas. (R Rosa, 2020).

Posso falar com toda convicção que o esporte transforma a vida de qualquer cidadão em todos os sentidos, de pensar, agir, reagir. ... hoje me orgulho muito da minha equipe, dos técnicos com quem convivo, fazer parte dessa equipe é uma honra pra mim!!! (R Flor-de-maio, 2020).

Pelo teor dos trechos de relatos (Rosa e Flor-de-Maio), percebemos a importância do esporte – aqui o voleibol sentado –, para a retomada de suas vidas, motivando-as na recuperação do interesse em viver, reagir e competir, a buscar alternativas para além dos processos de dor e sofrimento pessoal que as afligem. O relato de Rosa mostra que sua participação nessa prática corporal foi importante para o rompimento com o sentimento de inutilidade, isto é, com a sensação, que já foi evidenciada em todos os depoimentos, de que não seriam mais capazes. Ao se expressar, ela diz propriamente que *a fraqueza virou força*, denotando com isso que houve um redimensionamento do seu papel social. Além desse fato, o relato de Flor-de-Maio mostra a relação de convívio entre elas e a equipe técnica como algo relevante e, de certa forma, motivo de orgulho para ela.

São corpos que interagem em contextos do paradesporto e que possibilitam trocas de experiências diversificadas. São intercâmbios que se dão nas interações sociais e que perpassam, desde a descrição minuciosa das sensações de dor (pontadas, choques e formigamentos) até a demonstração de como as percepções corporais dessas mulheres são alteradas a partir da vontade de enfrentar as dificuldades impostas em suas vidas. Geram-se outras experiências de corporeidades, que são mediadas pela dor e pelas conquistas, possibilidades e até mesmo frustrações que o esporte pode fomentar. Com efeito, os corpos das mulheres com deficiência, jogadoras deste grupo social, foram marcados por sensações

dolorosas impostas pelas mais variadas circunstâncias e experiências, ecoando em suas relações consigo, com os outros e com o mundo.

O capítulo teve como objetivo apresentar um estudo compreensivo da experiência da corporeidade de um grupo de mulheres com deficiência, jogadoras de voleibol sentado, e sua relação com a dor. São corpos cujas experiências corporais se entrelaçam em um conjunto de sensações e emoções que se redefinem por meio dos processos de interação que o esporte suscita. Todas as mulheres pesquisadas experimentaram os mais variados episódios de dor. Sensações dolorosas e consequente sofrimento físico e emocional fizeram parte das trajetórias desses corpos: doença aguda (poliomielite), amputações, fraturas, lesão medular, politraumatismos, cirurgias, retirada e enxertos ósseos, hemiplegia espástica e tumor ósseo agressivo com retirada de osso e implante de endoprótese, queimadura, eventos com consequente submissão de seus corpos à condição de pessoas com deficiência.

O significado da dor pode ser interpretado diante de inúmeras mudanças e consequências, como perder a capacidade de realizar ações cotidianas e depender de outros. Isso nos mostra como o “corpo humano” é frágil e, paradoxalmente, confronta nossa imensa capacidade de adaptação e reposicionamento nos tempos e nos espaços, tanto das práticas corporais como sociais. Muitas vezes essas mulheres se veem como “fachadas erradas” e sofrem com a imposição de regras assimétricas, em razão da forma como a interação com os outros ocorre no processo ritual, em suas vidas cotidianas, argumento pautado dada à corponormatividade vigente. Desse modo, reconhecemos, ao mesmo tempo, a aspiração de completude e a revelação da insuficiência corporal interpretadas na desconcertante experiência com a dor e na obrigatória redefinição da identidade corporal por parte dessas mulheres.

Nem todas as pesquisadas experimentaram as mesmas sensações e nem os mesmos sentimentos e emoções na vivência com a dor, pois verificamos que, de um grupo composto por nove mulheres, a maioria superou aspectos traumáticos das experiências vividas. Essa margem de variação está intimamente relacionada à singularidade de suas trajetórias pessoais diante da interpretação do que aprenderam no processo de educação, mesmo que informal, de enfrentamento à dor,

notadamente, no caso das quatro amputadas, quanto às novas formas de redefinir suas corporeidades frente a processos de mutilação e às dores fantasmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente tese foi o de compreender as corporeidades de mulheres com deficiência e que são atletas de voleibol sentado, tendo como problema de investigação os sentidos e significados manifestados nas corporeidades das mulheres com deficiência, suas relações com a dor e como se constituem seus processos de interação social por intermédio dessa prática corporal. Para a consecução desses objetivos, realizamos imersão no campo de pesquisa onde a troca de informações foi constante entre a pesquisadora e as participantes do estudo, situação facilitada por nossa vivência na prática do voleibol tradicional e experiência como professora-substituta na Universidade de Brasília. Nessa instituição, recebemos as primeiras intimações indicadoras do voleibol sentado como um universo de possibilidades investigativas nas dimensões pedagógicas, culturais, sociais e históricas.

Os recursos metodológicos mostraram-se adequados aos fins pretendidos, mesmo diante das alterações de cenário provocadas pela pandemia de Covid-19, o que provocou mudanças na rotina de treinamentos e de reuniões, forçando a adaptação nos meios utilizados, principalmente no que se refere ao trabalho de campo. Essa adaptação foi facilitada com o uso de aplicativos de mensagens, de correio eletrônico e de redes sociais. Da mesma forma, o arcabouço teórico – descrito nas referências bibliográficas – mostrou-se apto a subsidiar as discussões promovidas entre autores de diversos estudos, guiando-nos nas buscas pela compreensão dos sentidos e significados manifestados nas corporeidades das mulheres com deficiência estudadas e suas relações com a dor e seus processos de interação social.

Destacamos a importância de reconhecer o processo recursivo que se estabeleceu na própria dinâmica da pesquisa, o que impede que as informações sejam aqui vistas como um retrato, pois a resposta a um questionamento gerava uma multiplicidade de caminhos e aprofundamentos. O mesmo ocorreu com as participantes e demais entrevistados, que, ao revisitarem suas memórias, puderam recontar suas histórias sob outras perspectivas, realimentando o processo. Além disso, reforçando essa premissa, Pieter Joon postou a entrevista em seu sítio e, a partir de então, potencialmente, torna-se referência para outros estudos.

O resultado desta pesquisa é uma entre várias interpretações possíveis sobre as corporeidades de mulheres com deficiência, pois estamos conscientes de que a descrição dessa materialidade complexa e de seus vários fatores adjacentes não pode ser por nós exaurida diante da sua abrangência e riqueza. Para nos aproximarmos desta realidade, alimentada por reflexões potencialmente orientadoras de ações que pretendem influenciar coletivamente atitudes de transformação das representações sociais vigentes, consideramos sua dignidade e seu valor também fora do ambiente esportivo, o que abre espaços para aprofundamento do tema e futuros estudos.

A exploração dos diversos elementos obtidos ao longo da pesquisa nos direcionou no entendimento de que esses corpos ultrapassam as antinomias enraizadas na história do pensamento sobre o corpo com deficiência. Esses corpos, como lugar de ação intencional para experimentação e produção do mundo e como meios de conhecimento, permitiram-nos explorar e elucidar sua realidade como sendo particulares na diversidade das suas expressões, desempenhos, usos e significados.

É justamente o caráter transitório das representações sociais que nos instigou nesta tentativa de modificação da percepção das corporeidades de mulheres com deficiência jogadoras de voleibol sentado, diante da necessidade de recuperar o sentido humano do corpo em dignidade e em valor mediante suas potencialidades realizáveis. Isso nos sugere a necessidade de prosseguir no estudo sociológico deste objeto. Tratamos a visão das corporeidades em um grupo social peculiar, em que as distintas deficiências caracterizam o pertencimento a ele e, portanto, não se pretende qualquer generalização. Para esse fim, nós tivemos de realizar uma seleção do olhar diante da complexidade desse sistema aberto e em movimento.

Com base na discussão empreendida, nas observações realizadas, nas informações advindas de fontes variadas e refletidas à luz da literatura especializada, foi-nos revelado que esses corpos com deficiência refutam as representações sociais estigmatizadoras a eles endereçadas e que, por intermédio do voleibol sentado, passam a experimentar um divertido contraponto à lógica da

“incapacidade” corporal, relacionada à inaptidão, inabilidade e dependência.

As jogadoras passaram então a apresentar modificações na forma de perceberem a si mesmas ao dominarem a realização de ações de dificuldade motora considerável. Tais transformações foram possíveis a partir dos processos de aprendizagem e de treinamento das técnicas corporais sofisticadas da modalidade em foco, a exemplo do deslocamento que se dá de maneira jamais executada em nenhuma outra prática esportiva. Esses corpos tidos como comprometidos proporcionam ainda velocidade de movimento, habilidades, coordenação e força muscular suficientemente grandes para realizar ações em situações dinâmicas e em sinergia com as companheiras de equipe, as quais, ao participarem das jogadas, abandonam-se à gratuidade do jogo e despertam admiração dos espectadores. Esse domínio técnico desencadeia a geração de um processo de retroalimentação, que fortalece o senso de pertencimento à equipe e estimula individualmente as jogadoras a se aperfeiçoarem e a se comprometerem cada vez mais com o grupo que integram. O time, por sua vez, torna-se mais técnico e cada vez mais propicia novas oportunidades de crescimento e de novas experiências (novos jogos, novas competições, novas viagens, novas interações etc.), atribuindo novos sentidos e significados aos corpos.

O voleibol sentado insere-se, desse modo, no rol de fatores ambientais que afetam positivamente a deficiência, interpondo-se como um dos elementos com potencial facilitador da participação na vida em comunidade. E esse movimento se dá por meio da realização das técnicas corporais e da apropriação de seus sentidos, do uso político do corpo e da experiência com a dor, entre outras, a partir do desenvolvimento e da potência dos corpos com deficiência dessas mulheres paratletas.

Diante do inerente potencial de fazê-lo ressurgir em dignidade e prestígio, de fazer crescer o seu valor simbólico, de inspirar relações sociais solidárias entre as integrantes do grupo social em estudo e em outros, o ecossistema do voleibol sentado revela princípios de reciprocidade e sustenta interações humanas. Estabelece-se como um campo em que se luta por direitos humanos e liberdades, reencontrando – por meio dos corpos em suas diferenças e nas distintas formas de

se relacionarem com o mundo – a consagração na experiência do divertimento que ele proporciona.

O voleibol sentado apresenta-se em seu paradoxal contexto de vivências das variadas corporeidades que o compõem, a oportunidade de realização dos movimentos nos sentidos social, estético, ético e político, em corpos de mulheres com deficiência jogadoras, que se apropriaram de seus significados e os ressignificam em um fluxo contínuo, de maneiras peculiares nas experiências vivas concretas e de quase morte que compuseram suas histórias pessoais.

A partir das análises realizadas, não conseguimos esgotar os sentidos e significados atribuídos aos corpos (subjetividade) com deficiência em estudo, produzidos nas experiências individualizadas concretas, paradesportivas e sociais, ressurgidos a partir do diálogo desses com o mundo (objetividade).

O resultado da pesquisa permite corroborar a ideia de que as experiências com o voleibol sentado desestabilizam o pressuposto sociocultural de que corpos de mulheres com deficiência estão situados hierarquicamente em posição de inferioridade em relação ao desempenho físico quando comparados aos sem deficiência. A potência desses corpos é revelada frente à apresentação de sinais de mudanças na percepção de si, da autoconfiança e redefinição no autoconceito das participantes, ao confirmarem seu potencial na execução de habilidades performativas corporais. Desse modo, colocam em prática sua capacidade, situações demonstradas, também, ao exibirem seus corpos para a realização de registros fotográficos e no uso de roupas que mostram a realidade da deficiência. Não foram observados constrangimentos ou reticências; ao contrário, divertem-se ao fazerem piadas com as deficiências umas das outras.

Nesse sentido, podemos reconhecer a complexa interação multidimensional de fatores biológicos, psicológicos e socioculturais que conformam esses corpos em suas relações ecossistêmicas, as quais revelam propriedades de um sistema adaptativo complexo. Os corpos com deficiência das mulheres-paratletas aqui enfocados apresentaram-se com capacidade de se tornarem adequados à novidade nos aspectos ambientais, pessoais, esportivos, culturais e

sociais, compreendidos em seus nexos e permitiram que as experiências vividas por essas pessoas no contexto esportivo fortalecessem seu sentido de autorrealização, autonomia, estima e inclusão, finalidades desse sistema. A própria prática corporal – surgida em contexto do pós-guerra, criada por Tammo van der Scheer e Anton Albers, difundida mundialmente por Pieter Joon e apresentada ao Brasil por Oliveira – é a demonstração de um sistema adaptativo complexo em plena atuação: emergiu de sua criação como prática reabilitadora, tornou-se um esporte competitivo largamente praticado por pessoas com deficiência e ingressou no universo das parolimpíadas.

Apesar de Tammo van der Scheer não vislumbrar outros campos a conquistar depois de o voleibol sentado ser alçado a esporte paralímpico, nós entendemos que a referida prática corporal tem um potencial para avançar nos campos da “inclusão reversa em ambiente pedagógico” (SILVA; CARDOSO; ALMEIDA, 2021), especialmente na formação de professores de educação física. Os futuros professores terão contato com esse sistema e condições para promoverem a interação de pessoas sem deficiência em atividades voltadas a pessoas com deficiência, demonstrando como o rótulo é diretamente afetado pela existência de um sistema normativo que prestigia um ou outro corpo, com ou sem deficiência.

A colocação do voleibol sentado como disciplina acadêmica dos cursos de formação de professores de educação física permitiria tratar a inclusão como forma de recuperar a defasagem em relação aos conteúdos que preparam os professores para trabalhar com essa parcela da população, sendo um recurso no aprimoramento das sofisticadas técnicas corporais elaboradas próprias da modalidade e dos componentes pedagógico, humano e ontológico. Por esse motivo, apontamos a Inclusão Reversa tanto como estratégia pedagógica quanto como conteúdo inserto em uma perspectiva metodológica que subsidie o desenvolvimento de ação educativa voltada ao cumprimento de objetivos educacionais da escola democrática, incluindo os alunos com deficiência no processo ensino-aprendizagem. Buscar-se-ia assim alcançar a meta do projeto educativo ao realizar uma mudança de atitude dos atores sociais frente às pessoas

com deficiência.

Esta mudança paradigmática – da reabilitação à inclusão reversa em ambiente pedagógico – pode ser também acompanhada no contexto sócio-político-cultural no significado do corpo com deficiência, entendido de maneiras diferentes a depender da perspectiva valorativa de cada sociedade, por meio do tratamento dado por esta às pessoas com deficiência, principalmente na forma de se referir a elas. A linguagem utilizada atualmente segue uma abordagem semântica – pessoas com deficiência – que coloca a pessoa anteriormente à deficiência e é derivada de movimentos mundiais, inclusive com participação do Brasil, na tentativa de superar a terminologia estigmatizante.

O conceito de deficiência é, portanto, apresentado em um dinamismo que revela valores e significados vigentes em cada tempo histórico, cuja denominação, especialmente a partir da organização política das pessoas com deficiência e de debates, foi sendo modificada. A interdependência entre fatores biológicos (natureza), as barreiras sociais, institucionais e ambientais (cultura) são considerados na compreensão do conceito atualizado da deficiência em que aprofundam as dificuldades de circulação das pessoas no mundo social e limitam sua participação na vida em comunidade.

Outra compreensão trazida pela investigação é relacionada às sensações dolorosas. Os relatos das participantes da pesquisa sobre suas experiências com a dor – seja a dor fantasma, a imposta, a consentida ou a desejada – e com a sensação do membro fantasma permitiram concluir que cada participante da pesquisa aprendeu a lidar, de maneira particular, com a dor e com o sofrimento por ela gerado. Cada uma extraiu lições que se tornaram ferramentas para o processo de adaptação a uma nova realidade corporal, independentemente de a deficiência ter sido originada de traumas ou de doenças. O aspecto paradoxal encontrado nas entrevistas é a relação que se estabeleceu com outros dois tipos de dor: a consentida (como a decorrente do ato de tatuar a superfície corporal) e a desejada, entendida como um sacrifício e como recompensa pelo uso intenso de seus corpos em um projeto de construção corporal ambicionado no espectro competitivo do esporte. São dores voluntariamente suportadas como meios para alcance de uma

finalidade e, em alguns casos, proporcionam inclusive satisfação durante o processo.

Com essa base, a pesquisa conseguiu avançar na discussão da corporeidade e da adaptação corporal dessas mulheres praticantes de voleibol sentado em Goiás, promovendo um debate transdisciplinar entre a anatomia e o campo social. A abordagem das relações interdependentes e recursivas de seus corpos com a dor, com outros corpos com deficiência, com o esporte, com a sociedade e com o dinamismo do ambiente propiciou a compreensão de que o voleibol sentado cumpre o seu propósito atual de desafiar a lógica capacitista, que repousa sobre o corpo com deficiência. Esse quadro de vivência com a dor, acrescido da experiência dessas mulheres com deficiência com o voleibol sentado, e o processo de socialização propiciado por essa prática corporal promoveram uma ressignificação da noção de corporeidade das mulheres que adquiriram a deficiência ao longo de suas existências, seja por traumas ou por doenças. As corporeidades, portanto, são significadas nas experiências singulares individualizadas por meio da relação com a dor e com o esporte, a partir do processo de socialização que ele presume.

A evidência da dor vem demonstrar seu caráter multidimensional e exigir uma abordagem das questões epistemológicas e ontológicas sobre o corpo e a corporeidade segundo os critérios de análise de sentidos e significados. Esperamos que sejam consideradas as interações permanentes das dimensões individual e coletiva, natural e cultural e fisiológica e simbólica, governando a complexidade da experiência dolorosa na materialidade carnal humana.

A dor transforma-se em sofrimento pessoal, transbordando os limites corporais. E é como um fio ontológico que costura nossas dimensões fisiológica, simbólica, cultural, social, individual e coletiva e vem nos lembrar, na trama existencial, de toda vulnerabilidade da condição humana.

Este estudo nos aproximou da realidade das corporeidades das participantes, ocasião em que foi possível relacioná-las à experiência com a dor. Os resultados corroboram outros achados no campo e apontam que a dor física se entrelaça a

emoções e sentimentos de incapacidade, repulsa e abandono, atendendo, portanto, a uma dimensão subjetiva, sobretudo considerando o caso daquelas mulheres que tiveram seus corpos mutilados. As corporeidades das mulheres – tanto as que nasceram com deficiência quanto aquelas cuja deficiência se constituiu em outras fases da vida – são ressignificadas por meio da experiência com o esporte e do processo de socialização que ele pressupõe.

As experiências decorrentes da vivência no contexto paradesportivo podem apresentar-se como um projeto de humanização de corpos com deficiência dessas mulheres paratletas. Isso porque os códigos simbólicos de ação atuam em seus seres corpóreos e resultam na produção de sentidos singularizados, com vistas à recuperação de suas capacidades de ação no mundo, da sua liberdade de decisão e da criatividade expressas individual e coletivamente, com consequências diretas nas formas de experimentar o mundo corporalmente, isto é, de sentir, de viver e de significar seus corpos.

Em conclusão, há um campo de oportunidades de aprofundamento de cada um dos temas abordados, dentre os quais destacamos o espaço para avanço na discussão da inclusão reversa como disciplina no curso de educação física ou transversalmente em outras graduações acadêmicas. Pelos argumentos já discutidos, entendemos que o voleibol sentado se apresenta como eficaz estratégia metodológica diante do leque de oportunidades de reflexão que o ensino dessa prática corporal traz para a futura atividade docente a fim de suprir a defasagem na educação de cidadãos sensíveis às necessidades, condições e interesses dessa parcela da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Dulce Filgueira de; WIGGERS, Ingrid D.; JUBÉ, Carolina N. Do corpo produtivo ao corpo rascunho: aproximações conceituais a partir de relações entre corpo e tecnologia. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 29, n. 3, p. 963-983, set./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000300014> Acesso em: 7 maio 2019.

BASTOS, R.; BRITO, J. M. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em Educação Física à luz do pensamento complexo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 263-272, jul./set. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16567/18280>. Acesso em: 18 set. 2021.

BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. 5. ed. rev. e atual. Barueri: Manole, 2016.

BODGAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Editora Porto, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 dez. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 186, de 9 de julho de 2008**. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. Brasília-DF, Diário Oficial da União, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/CONGRESSO/DLG/DLG-186-2008.htm. Acesso em: 7 maio 2019.

BRASIL. **Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência – Protocolo Facultativo à Convenção Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência**. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH). Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência (CORDE), Brasília, DF: SEDH, set. 2007.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 21 dez. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2002. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406compilada.htm. Acesso em: 21

dez. 2021.

CANEIRO, J.; BUNZLI, S.; O'SULLIVAN, P. Beliefs about the body and pain: the critical role in musculoskeletal pain management. **Brazilian Journal Physical**, v. 25, n. 1. p. 17-29, 2021. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7817871/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

CANZIANI, M. L. B. **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil**. Compilado por Mário Cléber Martins Lanna Júnior. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção de Direitos das Pessoas com Deficiência, 2010, p. 338-358. Entrevista concedida a Mônica Bara Maia e Deivison Gonçalves Amaral. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/Hist%C3%B3ria_do_Movimento_Pol%C3%ADtico_das_Pessoas_com_Defici%C3%Aancia_no_Brasil.pdf?1473201976.

Acesso em: 25 out. 2021.

CBVD. **Regras Oficiais de Voleibol Sentado (2017-2020)**. Aprovadas pelo SubComitê do Conselho de Direção da World ParaVolley, jun. 2017. Disponível em: <http://paravolleypanam.com/wp-content/uploads/2020/01/REGRAS-OFICIAIS-2017-2020-CBVD.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COLETIVO FEMINISTA HELEN KELLER. **Guia “Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania”**. União Europeia, maio 2020. Disponível em: [https://www.crmpr.org.br/uploadAddress/Guia-Feminista-Helen-Keller\[4446\].pdf](https://www.crmpr.org.br/uploadAddress/Guia-Feminista-Helen-Keller[4446].pdf). Acesso em: 7 fev. 2022.

CRAWFORD, C. S. You don't need a body to feel a body: Phantom Limb Syndrome and corporeal transgression. **Sociology of Health & Illness**. Foundation for the Sociology of Health & Illness/Blackwell Publishing Ltd, 2012.

CRAWFORD, C. S. From pleasure to pain: the role of the MQP in the language of phantom. **National Library of Medicine**, n. 69, v. 5, p. 655-661, set. 2009.

CSORDAS, T. **Corpo/Significado/Cura**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CSORDAS, T. (org.). **Embodiment and Experience**. The Existential Ground of Culture and Self, Cambridge, Cambridge University Press, 1994.

DAGONET, F. **O corpo**. Tradução: Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

DINIZ, Débora. Modelo Social da Deficiência: a crítica feminista. **SérieAnis**, Brasília, DF, v. 28, p. 1-10, 2003.

ESTEVE, R. et al. Pain Acceptance and Pain-Related Disability Predict Healthcare: Utilization and Medication Intake in Patients with Non-Specific Chronic Spinal Pain. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 17, 5556, 2020.

FERREIRA, V. S. Resgates sociológicos sobre o corpo: esboço de um percurso conceptual. *Análise Social*, Lisboa-Portugal, v. 48, n. 208, p. 494-528, 2013.

Disponível em:

file:///Resgates%20sociol%C3%B3gicos%20do%20corpo%20esbo%C3%A7o%20de%20um%20percurso%20conceitual_Ferreira,%20V.%20S.pdf. Acesso em: 30 out. 2020.

FERREIRA, V. S. **Marcas que Demarcam:** corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/608>. Acesso em: 14 abr. 2021.

FERREIRA, V. S. Revigoração, rejuvenescimento e aperfeiçoamento do corpo: culturas somáticas na sociedade portuguesa contemporânea. *In: Dossiê do corpo na pesquisa social. Revista Política & Trabalho*, v. 1, n. 47, p. 75-96, jun./dez. 2017.

Disponível em:

https://www.academia.edu/36257447/dossie_o_corpo_na_pesquisa_social_pdf?email_work_card=abstract-read-more. Acesso em: 13 set. 2021.

FERREIRA, Pedro. Exercício, autopercepções e bem-estar psicológico em praticantes com deficiência motora. *In: RODRIGUES, D. (org.). Atividade Motora Adaptada: a alegria do corpo*. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 141-156.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Bookman, 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia da pesquisa:** um guia para iniciantes. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GELL-MANN, Murray. **Complexity and Complex Adaptive Systems**. *In: GELL-MANN, Murray e HAWKINS, John A. The Evolution of Human Languages*. Santa Fe Institute Studies in the Sciences of Complexity. v. X. n. 11. Addison-Wesley. 1992.

GESSER, M.; NUERNBERG, A. H.; TONELI, M. J. F. A contribuição do Modelo Social da Deficiência à Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 18, n. 3, p. 557-566, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n3/09.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOMES, L.; COSTA, T. **Das condutas de risco ao silêncio:** entrevista com Le Breton. Teoria e Cultura. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UFJF,

v. 13, n. 1, p. 232-245, 2018. Entrevista concedida em: 02/03/2018. Disponível em: [file:///C:/Users/ASUS/Downloads/12409-Texto%20do%20artigo-53126-1-10-20180721%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ASUS/Downloads/12409-Texto%20do%20artigo-53126-1-10-20180721%20(1).pdf). Acesso em: 8 maio 2020.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa: a dor de hoje**. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

HERTZ, Robert. A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. **Religião e Sociedade**, v. 6, 1980.

HILL, Anne. Phantom Limb Pain: A Review of the Literature on Attributes and Potential Mechanisms. **Journal of Pain Symptom Management**, v. 17, n. 2, february, 1999.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: um estudo sobre o elemento lúdico do jogo**. Tradução: Victor Antunes. Lisboa. Portugal: Edições 70, 2003.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 maio 2019.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Petrópolis: Vozes, 2019.

JACKSON, J. Chronic pain and the tension between the body as subject and object. *In*: CSORDAS, T. (org.). **Embodiment and Experience**. The Existential Ground of Culture and Self, Cambridge, Cambridge University Press, 1994. p. 210-228.

JOON, P. Entrevista concedida a Maria Denise Dourado da Silva. 09/02/2021. Disponível em: <https://www.zitvolleybalnederland.nl/Interview-Pieter-Joon-Brazil.php> Acesso em: 28 fev. 2021

KITTAY, E. F. **Love's Labor: Essays on Women, Equality and Dependency**. New York: Routledge, 1999.

KIUPPIS, Florian. Inclusion in sport disability and participation. **Sport in Society. Cultures, Commerce, Media, Politics**, v. 21, ed. 1, 2018 (Publicado online em 2016). Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17430437.2016.1225882> Acesso em: 7 maio 2019.

KOURY, M. G. P. A dor como objeto de pesquisa social. **Ilha-Revista de Antropologia**, Florianópolis, n. 0, p. 73-83, out. 1999.

KWOK, N. G. **When Sitting is Not Resting**: Sitting Volleyball. Reino Unido: AuthorHouse, 2012.

LE BRETON, D. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LE BRETON, D. **Antropologia da dor**. São Paulo: Editora da Unifesp, 2013a.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2013b.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2013c.

LE BRETON, D. Antropologia da face: alguns fragmentos. *In*: Dossiê do corpo na pesquisa social. **Política & Trabalho**, v. 1, n. 47, p. 153-169, jun./dez. 2017.

Disponível em:

https://www.academia.edu/36257447/dossie_o_corpo_na_pesquisa_social_pdf?email_work_card=abstract-read-more Acesso em: 13 set. 2021.

LE BRETON, D. **Diálogos**: Antropologia da dor é tema de livro. [Entrevista concedida a Dulce Maria Filgueira de Almeida]. UnBTV, Brasília, 28/08/2018. 19'26". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PyKEKmewKsk> Acesso em: 13 jul. 2020.

LE BRETON, D. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2019.

LE BRETON, D. Entrevista concedida a Maria Denise Dourado da Silva. Universidade de Brasília. Videoconferência. 17/05/2021.

LIN, I. et al. What does best practice care for musculoskeletal pain look like? Eleven consistent recommendations from high-quality clinical practice guidelines: systematic review. **Br J Sports Med.**, v. 54, n.2, p.79-86, 2020.

LUIZ, K. G. Deficiência pela perspectiva dos Direitos Humanos. *In*: Coletivo Feminista Helen Keller. **Guia “Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania”**. União Europeia, p. 18-26, maio 2020. Disponível em: [https://www.crmpr.org.br/uploadAddress/Guia-Feminista-Helen-Keller\[4446\].pdf](https://www.crmpr.org.br/uploadAddress/Guia-Feminista-Helen-Keller[4446].pdf). Acesso em: 7 fev. 2022.

LUIZ, K. G. e COSTA, L. M. L. Feminismo e deficiência: um caminho em construção. *In*: Coletivo Feminista Helen Keller. **Guia “Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania”**. União Europeia, p. 37-42, maio 2020. Disponível em: [https://www.crmpr.org.br/uploadAddress/Guia-Feminista-Helen-Keller\[4446\].pdf](https://www.crmpr.org.br/uploadAddress/Guia-Feminista-Helen-Keller[4446].pdf). Acesso em: 7 fev. 2022.

MARQUES, M. S. Q. **Sentimento de perda**: vivências da mulher com amputação de membro inferior. 2008. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Faculdade de Ciências da Enfermagem,

Universidade do Porto, Porto, 2008. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7150/2/DissertaoMestradoMarina.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2017.

MCCRACKEN, L. M.; ECCLESTON, C. A. Prospective Study of Acceptance of Pain and Patient Functioning with Chronic Pain, **Pain**, 118, p.164–169, 2005.

MCCRACKEN, L. M.; VOWLES, K. E. A Prospective Analysis of Acceptance of Pain and Values-Based Action in Patients with Chronic Pain. **Heal Psychol**, 27, p. 215–220, 2008.

MEDINA, J. P. S. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. Campinas: Papirus, 1987.

MELLO, A. G. de; NUERNBERG, A. H. Gênero e Deficiência: interseções e perspectivas. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, Florianópolis, set./dez. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300003. Acesso em: 15 jun. 2020.

MIRON, E. M. **Da pedagogia do jogo ao voleibol sentado: possibilidades inclusivas na Educação Física Escolar**. 2011. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2882/3749.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. *In*: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004. p. 107-139.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MURAD, M. **Sociologia e Educação Física: diálogos, linguagens do corpo, esportes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

NÓBREGA, T. P. da. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

NÓBREGA, T. P. da. A atitude fenomenológica: o corpo-sujeito. *In*: NÓBREGA, T. P.; CAMINHA, I. O. de. (orgs.). **Merleau-Ponty e a Educação Física**. São Paulo: Liber Ars, 2019. p. 69-91.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E. H. L.; TUBINO, M. J. G. A inserção histórica da

mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008.

OLIVEIRA, R. G. Entrevista concedida a Maria Denise Dourado da Silva. Universidade de Brasília. Por correio eletrônico em 27/04/2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **World Report on Disability**. 2011. Disponível em: https://www.who.int/disabilities/world_report/2011/report.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021.

O'SULLIVAN, P. et al. Carer experience of back pain is associated with adolescent back pain experience even when controlling for other carer and family factors. **Clin J Pain**, n. 24, p. 226-231, 2008.

PATAY-HORVÁTH, András. Why were Adult Women Excluded from the Olympic Games? **ARYS: Antigüedad, Religiones Y Sociedades**, n. 15, p. 133-144, 2017. Disponível em: https://e-revistas.uc3m.es/index.php/ARYS/article/view/3838_. Acesso em: 30 mar. 2021.

POLANYI, Michael. The Structure of Consciousness. **Brain Journal**, v. 88, Edição 4, p. 799-810, 1965. Disponível em: http://echo.iat.sfu.ca/library/polanyi_65_structure_consciousness.pdf. Acesso: 28 set. 2021.

POLANYI, Michael. **The Tacit Dimension**. The University of Chicago Press, 2009 [1966].

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PUC-RIO. David Le Breton interpreta os sentidos do corpo em entrevista concedida à PUC-Rio em 11/03/2016. Disponível em: [youtube.com/watch?v=JviC2DjTk4A](https://www.youtube.com/watch?v=JviC2DjTk4A). Acesso em: 28 maio 2020.

RESTIVO, S. **The Body Reimagined as a Node in a Nested Network of Social Ecologies: Body/Brain/Culture in the World**. Palestra proferida on-line no International Sociological Association, Bodies in the Pandemic Context, Brasília, DF, Brasil, 3 set. 2021.

RIBAS, J. B. C. **O que são pessoas deficientes**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SASSAKI, R. K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, ano V, n. 24, p. 6-9, jan./fev. 2002. Disponível em: <https://www.ocuidador.com.br/imgs/utilidades/terminologia-50aa23697289a.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

SASSAKI, R. K. Como chamar as pessoas que têm deficiência? **Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados**, ano I, n. 1, 1º sem. p. 8-11, 2003. [Texto

atualizado em 2009]. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/como-chamar-pessoas-que-tem-deficiencia/>. Acesso em: 23 set. 2021.

SASSAKI, R. K. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Compilado por Mário Cléber Martins Lanna Júnior. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção de Direitos das Pessoas com Deficiência, 2010, p. 402-418. Entrevista concedida a Deivison Gonçalves Amaral e Corina Maria Rodrigues Moreira. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/Hist%C3%B3ria_do_Movimento_Pol%C3%ADtico_das_Pessoas_com_Defici%C3%Aancia_no_Brasil.pdf?1473201976. Acesso em: 25 out. 2021.

SCHEER, T. van der. Entrevista concedida a Maria Denise Dourado da Silva. 21/03/2021.

SCHERPENZEEL, P. Entrevista concedida em comemoração aos 65 anos de Voleibol Sentado. s.d. Disponível em: <https://www.zitvolleybalnederland.nl/interview-pim-scherpenzeel.php>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SHILLING, C. Sociology and the Body: classical traditions and new agenda. **The Sociological Review**, v. 55, p. 1-18, 2007. Disponível em: <https://expectationandexpertise.files.wordpress.com/2012/09/sociologyofbody.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SIMMEL, M. L. **The Reality of Phantom Sensations**. Social Research, 1962.

SILVA, A. M. et al. Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. In: FALCÃO, J. L. C.; SARAIVA, M. C. (orgs.). **Práticas corporais no contexto contemporâneo**: (in)tensas experiências. Florianópolis: Copiart, 2009. p.10-27.

SILVA, C. F. da. **Forbidden to Stand**: the impact of sitting volleyball participation on the lives of players with impairments. A Doctoral Thesis. Submitted in partial fulfilment of the requirements for the award of Doctor of Philosophy of Loughborough University, School of Sport, Exercise and Health Sciences, July 2013.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The social empowerment of difference: the potential influence of parasport. **Physical Medicine & Rehabilitation Clinics of North America**, In Press, 2018. Disponível em: https://irep.ntu.ac.uk/id/eprint/33258/1/PubSub10498_Silva.pdf. Acesso em: 12 jan. 2022.

SILVA, C. F.; HOWE, P. Sliding to Reverse Ableism: An Ethnographic Exploration of (DIS)ability in Sitting Volleyball. **Societies**, v. 9, n. 41, 2019.

SILVA, I. G. da. **A linguagem fotográfica no ensino das artes visuais: o professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Secretaria da Educação, Governo do Estado do Paraná, PR. v. 1, 2010. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_p

de/2010/2010_fap_arte_artigo_ivone_goncalves_da_silva.pdf. Acesso em: 2 jun. 2020.

SILVA, M. D. D.; CARDOSO, L. C. R.; ALMEIDA, D. M. F. Inclusão reversa e voleibol sentado: direitos humanos em jogo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 35, n. especial, p. 1-6, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.v35inespp1-6. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/187853>. Acesso em: 28 nov. 2021.

SILVA, M. D. D.; SILVA, L. R. T.; ARANTES, D. D. L. C. Voleibol Sentado: Cultura corporal paradesportiva em exposição. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 22., [Evento on-line], 2021. **Anais [...]**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/14855/8409>. Acesso em: 21 dez. 2021.

SILVA, M. D. D.; ALMEIDA, D. F. **Sentido histórico do voleibol sentado:** reflexões acerca de uma prática corporal inclusiva. Artigo submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília. 2021 (ainda não disponível).

SILVA, M. D. D.; MACIEL, A. M. O. T. **Experiência didático-pedagógica:** enfoque antropológico da dor. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 22., [Evento on-line], 2021. **Anais [...]**. 2021. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/14998/7795>. Acesso em: 23 dez. 2021.

SILVA, M. D. D.; DOURADO, A. G. **Registros do voleibol sentado:** encontro com os precursores. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 22., [Evento on-line], 2021. **Anais [...]** 2021. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/15656/7807>. Acesso em: 23 dez. 2021.

SILVA, T. et al. Diálogos com Thomas Csordas: o paradigma da corporeidade na Educação Física, **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2016. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5932>. Acesso em: 30 out. 2020.

SYNNOT, A. et al. Physiotherapists may stigmatise or feel unprepared to treat people with low back pain and psychosocial factors that influence recovery: a systematic review. **Journal of Physiotherapy**, 61, p. 68-76, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S183695531500017X>. Acesso em: 22 jan. 2022.

THE DUTCH FUNDS. **Netherlands Fund Sport Gehandicaptens**. Disponível em: <https://www.zitvolleybalnederland.nl/De-Nederlandse-Fondsen.php>. Acesso em: 2 abr. 2021.

UNESCO. **Carta Internacional de Educação Física e do Esporte da Unesco**. 1978. Disponível em: <https://www.mpap.mp.br/menu-legislacao?view=article&id=6825:carta-educacao-fisica-esporte&catid=16>. Acesso em: 23 mar. 2021.

VASCONCELOS, E. M. **O poder que brota da dor e da opressão: empowerment**, sua história, teorias e estratégias. São Paulo: Paulus, 2003.

YAMAGUTI, Y. **Inclusão reversa**: saiba como é e entenda os benefícios de pessoas com e sem deficiência [Internet]. 2013. Disponível em: <https://apnendenovaodessa.blogspot.com/2013/03/inclusao-reversa-saiba-como-e-e-entenda.html>. Acesso em: 5 jan. 2021.

ZANONA, A. F. de. **Qualidade de vida e funcionalidade de indivíduos amputados praticantes e não praticantes de esportes**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

ZANONA, A. F. de et al. Qualidade de vida e funcionalidade de indivíduos amputados praticantes e não praticantes de esportes. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 32, n.1, p. 77-83, jan./mar. 2018.



APÊNDICE 1- Entrevista semiestruturada

Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação Física – FEF

Pós-Graduação em Educação Física

Entrevista semiestruturada

A pesquisadora se compromete a utilizar as informações somente para publicações originais resultantes do estudo, de forma a não identificar as participantes.

Os desconfortos e riscos desta pesquisa são de ordem subjetiva e narrar sobre seu corpo, suas experiências corporais, suas percepções de dor e episódios traumáticos podem desencadear algum constrangimento. Diante disso, reafirmo o compromisso de deixá-las à vontade para interromper a entrevista e prosseguir somente no tempo adequado e com a devida autorização da entrevistada.

Obrigada!

Roteiro

1. Fale sobre você, como você se vê, como sente seu corpo.
2. O que seu corpo representa para você?
3. Como você se percebe no contexto das limitações que foram impostas pela deficiência?
4. Você acredita que o fato de ser mulher com deficiência interfere na forma como as pessoas a enxergam?
5. Você já sofreu algum tipo de discriminação ou preconceito em razão de ser pessoa com deficiência?
6. Qual a percepção que você tem do seu corpo?
7. Houve mudanças na sua percepção de corpo desde que começou a praticar voleibol sentado?
8. Qual é o seu papel na equipe?
9. Relate sua experiência com o voleibol sentado em relação ao seu corpo.
10. Qual a importância da prática do voleibol sentado para sua vida?
11. O que significa participar da equipe da ADAP?
12. Você tem dores psicológicas, sofrimentos por que se tornou uma pessoa com deficiência?
13. Como você se relaciona com a dor em sua experiência corporal?



APÊNDICE 2 - Questionário sociodemográfico

Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação Física – FEF

Pós-Graduação em Educação Física

Questionário sociodemográfico

Pede-se a gentileza de responder às questões abaixo, a fim de subsidiar o processo de interação entre as participantes da pesquisa. A pesquisadora se compromete a utilizar as informações somente para publicações originais resultantes do estudo, de forma a não identificar as participantes.

Obrigada!

Dados de identificação

1. Nome completo:
2. Local e data de nascimento:
3. Estado civil: Tem filho(s)?
4. Endereço e telefone:
5. Endereço eletrônico:
6. Grau de instrução:
7. Exerce função remunerada?
8. Professa religião? Qual?
9. Recebe pensão/ benefícios? Há quanto tempo?
10. Reside: () com familiares () sozinho () outros
11. Principal meio de transporte
12. Como conheceu o Vôlei Sentado? Há quanto tempo?
13. Enfrenta dificuldades para se deslocar para os treinamentos? Quais?
14. Tem algum membro amputado? Qual? Há quanto tempo? Causa?
15. Usa medicação de forma contínua?
16. Você tem episódios de dor? Já sentiu dor fantasma?
17. Tem ou teve acompanhamento psicológico?
18. Qual sua performance nas atividades cotidianas?
19. Realiza autocuidado de maneira independente?
20. Existem barreiras que devem ser eliminadas para facilitar sua participação na equipe da ADAP? Quais?



APÊNDICE 3 – Questionário Aberto

Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação Física – FEF

Pós-Graduação em Educação Física

Questionário

Pede-se a gentileza de responder às questões abaixo da forma mais completa e precisa possível, a fim de subsidiar o processo de coleta de informações das participantes da pesquisa. A pesquisadora se compromete a utilizá-las somente para publicações originais resultantes do estudo, de forma a não identificar as participantes.

Obrigada!

1. O que é ser pessoa com deficiência?
2. O que é deficiência para você?
3. Se sua condição de deficiência foi adquirida, relate as mudanças no seu cotidiano antes de começar a praticar o voleibol sentado.
4. Como você se percebe?
5. Como você percebe seu corpo?
6. Qual consequência mais crítica da deficiência que você sofreu?
7. Fale o que é ser e ter um corpo com deficiência.
8. Que impacto a experiência com o voleibol sentado teve sobre você?
9. Quais aspectos da sua vida foram modificados a partir da sua participação no voleibol sentado?
10. Quais são as capacidades valorizadas no voleibol sentado? Quais foram as que você mais desenvolveu?
11. Você enfrenta conflitos na gestão do voleibol sentado com atividades de outros segmentos de sua vida?
12. Quais fatores influenciaram a sua decisão de começar a jogar voleibol sentado?
13. Quais os principais estímulos para você continuar a praticar o voleibol sentado?
14. Quais são seus objetivos e motivações?
15. Sua percepção da deficiência mudou desde que se envolveu com o voleibol sentado?
16. Descreva como e quanto a estrutura de Goiânia afeta (transporte, prédios públicos, ruas, calçadas, comunicação, serviços públicos de saúde, educação, cultura *etc.*)?
17. Você poderia descrever sua percepção sobre o significado de sua experiência com o voleibol sentado?
18. Sob seu ponto de vista, quais são os pontos fortes da prática corporal voleibol sentado?
19. Desde que esta pesquisa foi iniciada, houve alteração na sua própria percepção (autoimagem)?
20. O que foi mais difícil de aprender no voleibol sentado e por quê?
21. Você tem dor crônica? Em que parte de seu corpo e desde quando? A dor afeta a sua performance em jogo ou no treinamento?

22. Como você encara a dor gerada pela prática corporal intensa (fadiga, dor muscular, lesões próprias do treinamento *etc.*)?
23. Descreva as reações corporais ao retornar às atividades esportivas depois da interrupção causada pela pandemia de COVID-19 (limitações, cansaço, fadiga, dores musculares).
24. Se ficou algo que não foi questionado e você vê importância de ser relatado, fique à vontade.

Perguntas direcionadas às pessoas com tatuagem:

1. Por que tomou a decisão de fazer uma tatuagem?
2. Qual o significado de uma tatuagem para você?
3. O que sua tatuagem representa para você?
4. Você desejou expressar algum sentimento ou mensagem ao fazer sua(s) tatuagem(ns)?
5. O que a dor da tatuagem significou para você?
6. Você se sentiu discriminada/valorizada por ser tatuada?
7. Como se deu a escolha da parte do seu corpo em que você fez a tatuagem?
8. Há algo que não foi questionado sobre sua experiência com a tatuagem que deseja relatar?



APÊNDICE 4 – Questionário aberto

Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação Física – FEF

Pós-Graduação em Educação Física

Questionário

Pede-se a gentileza de responder às seguintes questões.

Obrigada!

1. Quem é você? Breve currículo.
2. Qual sua vinculação com o voleibol sentado?
3. Como você entrou em contato com a prática corporal envolvendo pessoas com deficiência?
4. Qual é a principal contribuição da experiência com o voleibol sentado na vida das pessoas com deficiência?
5. Nos diferentes papéis que exerceu, como percebe a relação dos atletas com a dor, na prática do Voleibol Sentado?
6. Qual foi a sua contribuição na criação, no aperfeiçoamento e na divulgação do voleibol sentado?
7. Qual foi o movimento que acelerou a difusão do voleibol sentado ao redor do mundo?
8. Você identifica o voleibol sentado como um mecanismo de inclusão social?
9. Você considera que o voleibol sentado representa uma modificação no paradigma de que o esporte para pessoas com deficiência é monótono, menos intenso e sem atrativo para o público contemporâneo?
10. O que você pensa a respeito da expressão “no voleibol sentado, quem tem duas pernas tem pernas demais”?
11. Qual a mensagem o senhor gostaria de enviar às mulheres atletas de voleibol sentado do Brasil?



APÊNDICE 5 – Questionário aberto

Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação Física – FEF

Pós-Graduação em Educação Física

Questionário

Pede-se a gentileza de responder às seguintes questões.

Obrigada!

VIDA PESSOAL

1. Você pode se apresentar, por favor? Quem é você, Tammo van der Scheer? Onde e quando você nasceu? Como você fez sua carreira?
2. Pode me dizer que significa não ganhar o prêmio de "membro honorário" pelo título da WOVD concedido pelo presidente de Bond em 1996?
3. O que seu envolvimento com o voleibol sentado representou em sua vida pessoal e profissional?

VOLEIBOL SENTADO

1. O que é voleibol sentado? E o que o voleibol sentado representa para você?
2. Você poderia, por favor, descrever o processo de criação do voleibol sentado?
3. Qual é a principal diferença entre voleibol sentado e outros esportes?
4. Você concorda com a ideia de que voleibol sentado produz uma espécie de "ethos"?
5. Poderia me contar sobre a relação social mantida com o corpo com deficiência?
6. O que significa o sistema de classificação? Você concorda com o sistema de classificação internacional?
7. O que acha da evolução das regras do voleibol sentado?
8. Qual é a contribuição do voleibol sentado para a vida das pessoas com deficiência?
9. Na época da criação do voleibol sentado, você imaginou que esse esporte se espalharia pelo mundo e se tornaria um esporte paralímpico?
10. Qual era a essência do voleibol sentado na época de sua criação, a evolução atual e a perspectiva futura?
11. Por que estava interessado em práticas corporais para pessoas com deficiência? Durante o curso de formação acadêmica (Educação Física) houve alguma preparação pedagógica para trabalhar com pessoas com deficiência?
12. O que é possível alcançar com a prática de voleibol sentado?
13. Considerando o contexto do esporte, você acredita que o voleibol sentado contribuiu para romper o paradigma de que o esporte para pessoas com deficiência é monótono, menos intenso e pouco atraente?
14. Há alguma barreira para as pessoas que querem começar a jogar voleibol sentado?

15. Qual é a alternativa para atletas que precisam abandonar o voleibol sentado por causa de lesões?
16. Meu estudo tem como objetivo compreender o significado da experiência com dor na constituição do corpo de mulheres com deficiência que praticam voleibol sentado. O que você diria sobre suas próprias experiências com dor?
17. Você tem alguma observação pessoal sobre a política de inclusão de pessoas com deficiência no esporte?
18. Qual mensagem você enviaria para os jogadores brasileiros de voleibol sentado com quem eu desenvolvo pesquisas acadêmicas?

QUADRO I

Quadro 1 – Características Sociodemográficas das Pesquisadas

Nome/Clubes	I	EC	F	E	PS	D/O
Flor - Associação e seleção brasileira	34	Casada	0	Superior - Graduação em Fisioterapia	Renda média - recebe bolsa-atleta	Amputação do MI - acidente de moto
Flor-de-maio - Associação	42	Casada	2	Superior - Graduação em Pedagogia	Baixa renda - recebe bolsa-atleta	Monoparesia de membro inferior - paralisia infantil
Sofia - Associação e seleção brasileira	32	Casada	1	Médio	Renda média - recebe bolsa-atleta	Amputação da perna/abaixo do joelho - acidente de moto
Girassol - Associação	29	Solteira	0	Superior - Graduação em Fisioterapia	Baixa renda	Hemiplegia - AVE
Elisa - Associação e seleção brasileira	37	Solteira	0	Superior - Graduação em Gestão em Recursos Humanos	Renda média - recebe bolsa-atleta	Amputação da perna/abaixo do joelho - acidente de moto
Rosa - Associação e seleção brasileira	29	Solteira	0	Superior - Graduada em Educação Física e Administração	Renda média - recebe bolsa-atleta	Paraparesia - lesão medular vertebral parcial
Tulipa - Associação	22	Solteira	0	Superior: cursando	Baixa renda	Monoparesia de membro inferior - tumor de fêmur

				Graduação em Jornalismo		
Cristal - Associação	49	Casada	3	Fundamental incompleto	Baixa renda - recebe bolsa-atleta	Monoparesia de membro inferior - atropelamento
Mariazinha - Associação	34	Solteira	0	Médio	Baixa renda - recebe bolsa-atleta	Amputação do pé - acidente de moto

Legenda: I - Idade; EC = Estado Civil; F = Filhos; E = Escolaridade; PF = Perfil Socioeconômico; D = Deficiência; Origem = O; MI = Membro Inferior; AVE = Acidente Vascular Encefálico. Fonte própria (2020).